

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

FELIPE DE OLIVEIRA E SILVA

**DO CRISÂNTEMO AO IPÊ: A PRESENÇA JAPONESA E SUAS FORMAS
DE MEDIAÇÃO EM UBERLÂNDIA**

UBERLÂNDIA

2012

FELIPE DE OLIVEIRA E SILVA

**DO CRISÂNTEMO AO IPÊ: A PRESENÇA JAPONESA E SUAS FORMAS
DE MEDIAÇÃO EM UBERLÂNDIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia para a obtenção de título de Mestre em Ciências Sociais

Área de Concentração: Sociologia e Antropologia

Orientadora: Alessandra Siqueira Barreto

UBERLÂNDIA

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S586d Silva, Felipe de Oliveira, 1986-
Do crisântemo ao ipê : a presença japonesa e suas formas de mediação em
Uberlândia / Felipe de Oliveira Silva. - 2012.
140 f. : il.

Orientadora: Alessandra Siqueira Barreto.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa
de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

Inclui bibliografia.

1. Sociologia - Teses. 2. Associação Nikkei de Uberlândia - Teses. 3.
Japoneses - Uberlândia (MG) - Séc. XX - Teses. 4. Assimilação (Sociologia) -
Teses. 5. Cultura - Teses. I. Barreto, Alessandra Siqueira. II. Universidade
Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação Ciências Sociais. III.
Título.

CDU: 316

FOLHA DE APROVAÇÃO

FELIPE DE OLIVEIRA E SILVA

DO CRISÂNTEMO AO IPÊ: A PRESENÇA JAPONESA E SUAS FORMAS DE MEDIAÇÃO EM UBERLÂNDIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia para a obtenção de título de Mestre em Ciências Sociais

Aprovada em 07 de Março de 2012

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Alessandra Siqueira Barreto (PPGCS/UFU e Professora do Depto. de Antropologia da Universidade Federal Fluminense)

Prof. Dr. João Marcos Alem
(Professor do Instituto de Ciências Sociais – Universidade Federal de Uberlândia)

Profa. Dra. Rogéria Campos de Almeida Dutra (Professora do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais do Instituto de Ciências Humanas – Universidade Federal de Juiz de Fora)

Profa. Dra. Marili Peres Junqueira - Suplente
(Professora do Instituto de Ciências Sociais – Universidade Federal de Uberlândia)

Profa. Dra. Vanessa Andrade Pereira - Suplente
(PPGCS Museu Nacional UFRJ)

Dedico este trabalho:
àqueles que seguem em frente quando lhes dizem ser impossível,
àqueles que permanecem de pé quando a situação é insuportável,
àqueles que vencem sufocando suas dores em sorrisos e boas ações.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, inicialmente, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por financiar essa pesquisa em sua íntegra;

Agradeço à Universidade Federal de Uberlândia e o Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais por criar a oportunidade de prosseguir com meus estudos;

Agradeço à minha orientadora Alessandra Siqueira Barreto pela amizade, carinho, auxílio, suporte e eternos ensinamentos;

Agradeço aos professores João Marcos, Alessandro Leme, Marili Junqueira, Patrícia Trópia, Marcel Mano, Lília Tavolaro, Sérgio Tavolaro, Márcio Ferreira, Paulo Albieri, Débora Regina, Eliane Schmaltz, Leonardo Silva, Mônica Abdala e Rodrigo Ribeiro, pelo apoio, pelos ensinamentos, pela amizade e por momentos felizes nas estrepeas acadêmicas.

Agradeço à Edvandra Augusta, Jaqueline Martins, Tatiane Thommen e Lourival Freitas pelo suporte, amizade e incontáveis momentos de *good gossip*.

Agradeço aos meus colegas de academia, Marcelo Lemos, Daniel Séjour, Giovana Montezelo, Ricardo Takayuki e Clélia Arleth por bons debates e conselhos.

Agradeço aos meus amigos Bruno Cabral, Camila Raquel, Bruno Faria, Vinícius Oliveira, Marcos Paulo, Mayara Oliveira por fazerem parte da minha vida.

Agradecimentos especiais ao Okano-sensei, meus senpais e kouhais por me auxiliarem no caminho do kendo;

Agradeço à “comunidade” Nikkei de Uberlândia.

Nana korobi, ya oki
(cair sete vezes, levantar oito)
Provérbio japonês

RESUMO

SILVA, F. O; Do crisântemo ao ipê: a presença japonesa e suas formas de mediação em Uberlândia. Uberlândia: Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Uberlândia. Dissertação de Mestrado.

A imigração japonesa para o Brasil é um dos fenômenos que marcaram a história de nossa sociedade. Sendo o segundo lugar de maior concentração de japoneses e seus descendentes, o Brasil se viu profundamente afetado pela presença japonesa, desde a nossa cultura até a política. Apesar de ter ocorrido com maior força no estado de São Paulo, a presença japonesa também pôde ser constatada em Minas Gerais, principalmente em sua região pioneira: o Triângulo Mineiro. Isto posto, realizamos um resgate histórico da imigração japonesa no Brasil, no estado de Minas Gerais, na região do Triângulo Mineiro e, por fim, no município de Uberlândia, município no qual pudemos observar a presença e dinâmica dos descendentes de japoneses, também conhecidos como Nikkei. Sua presença marcam algumas formas de associativismo adotadas no contexto urbano. Os arranjos e configurações que tais atores sociais promovem apresentam formas de ressignificação da cultura japonesa no município, bem como trazem à tona uma dinâmica entre atores sociais que, apesar de terem em comum a ascendência nipônica, podem ou não concordar com os laços associativos ou as representações que essas formas mais sólidas de sociabilidade são capazes de estabelecer. Assim, através do resgate histórico, compreensão da dinâmica da Associação Nikkei de Uberlândia e relatos de Nikkei do município de Uberlândia, compreendemos que a presença japonesa marcada pelos vínculos associativos mediam relações tanto internas quanto externas à sua “comunidade”, mobilizando recursos (materiais e humanos) na busca por reconhecimento e legitimidade enquanto porta-vozes da cultura de seus antepassados.

Palavras-chave: Cultura Japonesa; Mediação; Projeto; Imigração Japonesa; Associativismo; Sociabilidade; Cidades;

ABSTRACT

SILVA, F. O; From chrysanthemum to ipê: the japanese presence and its forms of mediation in Uberlândia. Uberlândia: Post-graduation Program in Social Sciences, Federal University of Uberlândia. Master degree dissertation.

The japanese migration to Brazil is one of the phenomena that marks our society's history. Being the second most expressive concentration of Japanese and its descendents, Brazil was deeply affected by the Japanese presence, from our culture to our politics. Although it occurred more intensively in the state of São Paulo, the Japanese presence also can be found in Minas Gerais, mainly in its pioneering region: the Triângulo Mineiro. That said, we conducted a historical review of Japanese migration in Brazil, in the state of Minas Gerais, in the Triângulo Mineiro's region and, finally, in Uberlândia, a town where we could observe the presence and dynamic of Japanese descendents, also known as Nikkei. Their presence marks some forms of associativism adopted in urban contexts. The arrangements and configurations which those social actors promotes shows forms of reframing the Japanese culture in that town, as well as brings forth a dynamic between social actors that, despite to have in common Japanese ancestors, may or may not agree with those stronger associative boundaries established by those sociability forms. Thus, through the historical review, understanding the dynamics of the Nikkei Association of Uberlândia and reports of some Nikkei in the town, we understood that Japanese presence marked by associative bonds mediates inner and outer relationships from its "community", mobilizing resources (material and human) in the seek by recognition and legitimacy as spokespersons of their ancestors culture.

Keywords: Japanese Culture; Mediation; Project; Japanese Migration; Associativism; Sociability; Cities;

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Panorama de casas da colônia japonesa em Uberlândia (1920) – Original.....	42
Figura 2: Panorama de casas da colônia japonesa em Uberlândia (1920) – Reconstituída	42
Figura 3: Templo Xintoísta em Uberlândia (1932) - Original.....	44
Figura 4: Templo Xintoísta em Uberlândia (1932) – Colorida.....	44
Figura 5: Enterro e imigrantes japoneses de Uberlândia - Original.....	46
Figura 6: Comunidade local em frente ao templo	47
Figura 7: Comunidade local em frente ao templo – Editada	48
Figura 8: Mapa do Bairro Brasil.....	60
Figura 9: Consulta CNPJ da ANIUDI	96

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Imigração japonesa no Brasil (1908 a 1979)	16
Tabela 2: Distribuição percentual de japoneses residentes no Brasil sendo algumas Unidades da Federação – 1920/2000.....	17
Tabela 3: Quantidade de Famílias e Pessoas do Kasato Maru, em números absolutos e percentuais, distribuídas segundo Fazenda de destino a partir da Hospedaria dos Imigrantes.	30
Tabela 4: Quantidade de imigrantes do Kasato Maru segundo províncias	30
Tabela 5: Distribuição de Nikkei por atividade (1960/2000)	55

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
Do pesquisador	13
Da pesquisa e seu local	15
Dos métodos	19
 CAPÍTULO 1: A JORNADA JAPONESA NO BRASIL	 23
Do processo de locomoção: diáspora ou migração?	23
Antecedentes da imigração japonesa	24
A chegada ao “Burajiru”: alegoria de um destino incerto.....	27
A chegada às fazendas	28
A imigração japonesa em Minas Gerais	33
A imigração japonesa no Triângulo Mineiro	37
A imigração japonesa em Uberlândia: fragmentos de uma história.....	39
Os Nikkei	52
 CAPÍTULO 2 – ASSOCIAÇÃO NIKKEI	 57
“Lococentrismo” japonês e o “rei” da pesquisa	57
Em busca da Associação	59
Associação Nikkei de Uberlândia (ANIUDI)	63
A Associação Nikkei: criando uma história.....	65
Atividades da ANIUDI: educação, esporte e lazer	68
O evento culinário.....	77
Fazendo política pela Associação	82
O “fim” da Associação Nikkei de Uberlândia	89
 CAPÍTULO 3: OS NÃO ASSOCIADOS	 98
Uma outra realidade.....	98
A história de Tanegawa-san.....	99
Tanegawa-san, a Associação e um Projeto	104
Yoshio-sama: a sabedoria de um Nikkei	108
Estabelecidos e estabelecidos – Ainda assim <i>outsiders</i>	114

CONCLUSÃO.....	119
BIBLIOGRAFIA	124
ANEXOS	139
Anexo I – Roteiro de entrevista	139

INTRODUÇÃO

Do pesquisador¹

Quando a atual pesquisa foi submetida ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia, primeiramente era um projeto intitulado “Ichi, Ni, San – Nikkeis e a manutenção da cultura japonesa em Uberlândia”. Apesar do título diferente, a pesquisa não fugiu de seu objetivo e temática.

A temática da cultura japonesa há algum tempo vem sendo de meu interesse². Minhas pesquisas, quando não voltadas para a construção do texto etnográfico, estão voltadas à temática da cultura japonesa.

Ao mesmo tempo em que vinha observando jovens fazendo usos e reinterpretações dessa cultura pop japonesa, montando assim um circuito de manifestações e sociabilidades que afluíam em eventos de grandes proporções, assisti também o que poderíamos chamar de “invisibilidade” de uma “outra” cultura japonesa no município de Uberlândia.

Existem outras formas de manifestação da cultura japonesa no município que não ganham destaque e que ainda assim fazem parte do universo social do município. Sendo também nativo de tal localidade, imerso na trama de significados da cultura local e focado nos aspectos da cultura japonesa em virtude do ofício de cientista social, evidenciar o processo de invisibilidade da cultura japonesa no município se tornou uma necessidade.

Todavia, buscar os elementos de sua origem, suas causas e consequências para a sociedade local, vale dizer, realizar uma análise científica do social, requisiou o tempo necessário para um amadurecimento intelectual.

Se numa primeira instância, tal trabalho buscava compreender a “manutenção” da cultura japonesa no município de Uberlândia, entendendo “manutenção” no sentido de

¹ Utilizo a primeira pessoa do singular apenas neste subitem em função de meu interesse em apresentar a demarcação de uma experiência subjetiva em relação à construção desse campo e da relação com meus interlocutores. No restante do texto, opta-se pelo uso da primeira pessoa do plural.

² Nos anos de 2008 e 2009, evidenciei a manifestação de um fenômeno mundial que se remete à cultura japonesa a partir de pesquisa com jovens, desenvolvida no município de Uberlândia. Tal fenômeno foi o da cultura pop japonesa, uma manifestação de cultura massificada que vem ganhando abrangência em território nacional em virtude de produções de entretenimento no Japão. Evidenciei a construção de uma identidade voltada para o consumo, usos e desusos de elementos simbólicos do universo pop japonês por um grupo juvenil que adota a identidade “otaku” ao formarem um circuito de eventos na cidade e no meio virtual. Para mais consultar Silva (2009,2010) e Barral (2000).

existência, reafirmação e ressignificação dos elementos daquela cultura, isso só pôde ser evidenciado a partir do momento em que passei a observar para além das manifestações locais dos fenômenos, compreendendo todo o processo da cultura japonesa e da imigração em território brasileiro.

De tal maneira que, mantendo fidelidade ao projeto inicial, essa pesquisa pautou-se por identificar as formas com que descendentes de imigrantes japoneses buscavam reafirmar os elementos culturais de seus ancestrais e, em que medida, tal processo de reafirmação corroborava para a criação de formas de associação entre eles e, ainda, como tais formas podiam ser apreendidas na constituição de “territórios” na cidade de Uberlândia³.

Diferentemente do que vinha trabalhando, esta dissertação exigiu esforços e acesso a campos do conhecimento aos quais eu não estava habituado. A grande diferença está na mudança de foco sobre atores sociais com os quais trabalhei. Se em momentos anteriores me habituei a lidar com um universo juvenil (Silva, 2009b; 2010), cujas formas de expressão e sociabilidade estavam relativamente próximas àquelas também praticadas por mim, nessa pesquisa me deparei com atores sociais de idade bem superior, com biografias mais extensas que a minha. Uma rede de contatos e sociabilidades teve que ser construída para alcançar determinadas informações e atores sociais. Desde a funcionária do arquivo público até os gerentes de restaurante de culinária japonesa, senti necessidade de adaptação ao campo à medida que ia, aos poucos, construindo esse campo.

Não obstante, nesse trabalho encarei teorias diversas visto que me aventurei a explorar um objeto que perpassa as ciências antropológica, sociológica, política e histórica, sem detê-lo em uma única área do conhecimento.

Por último, e não menos importante, vale ressaltar a quase inexistência de registros sobre os processos de imigração japonesa em Uberlândia, assim como poucos trabalhos sobre a dispersão dos mesmos para o estado de Minas Gerais. A falta de dados sobre o fenômeno estudado por diversas vezes foi um fator que criou empecilhos para o desenvolvimento da pesquisa, exigindo esforços não antes mensurados e que, muitas vezes,

³ Segundo Mainardes (2009:103), “como qualquer outro método de pesquisa, a etnografia envolve uma série de cuidados com relação a questões éticas (solicitação de permissão, garantia de anonimato, salvaguardar os direitos e interesses dos informantes, cuidados a serem observados no relacionamento com os sujeitos no campo de pesquisa, dentre outros)”. Isto posto, a escrita sobre os atores sociais em questão conta com a modificação dos nomes para salvaguardar a identidade de tais atores e também, no intuito de manter uma ética e respeito quanto aos mesmos, utiliza-se de honoríficos na relação “pesquisador-objeto” tal como será apresentado mais adiante.

foram frustrados na busca de informações. Todavia, espero que algo de avanço possa ser encontrado no texto que, literalmente, fez uma arqueologia de artefatos sociais, dados os fragmentos encontrados acerca da história dos imigrantes japoneses no município de Uberlândia e dos processos pelos quais os atores sociais aqui se organizam.

Da pesquisa e seu local

“Do crisântemo ao ipê: a presença japonesa e suas formas de mediação em Uberlândia” não é um nome aleatório para o título dessa pesquisa. Aludindo ao crisântemo, flor de cor rósea que representa a cultura japonesa tradicional e ao ipê, árvore de belas flores que pode ser encontrada (mas não exclusivamente) no cerrado brasileiro, e que também pode fornecer flores róseas, essa pesquisa traça, ainda que de forma preliminar, o movimento de saída e chegada dos japoneses em solo brasileiro, buscando compreender, num segundo momento, a sua presença no município de Uberlândia ao deparar com formas associativas entre os seus descendentes.

A imigração japonesa no Brasil, como os vários processos de deslocamento humano, é um assunto que vem sendo debatido por intelectuais brasileiros e que nos fornece elementos para a compreensão de nossa sociedade. No ano de 2008 comemorou-se o Centenário da Imigração Japonesa, o que nos leva a mais de cem anos de processos sociais profundamente marcados por uma história de conflitos, exploração, dominação, esforço, superação de um grupo étnico que se viu enraizado em solo brasileiro antes mesmo que percebesse (Daigo, 2008; Lesser, 2001).

Os fluxos migratórios de japoneses para o Brasil começaram, efetivamente, a partir do início do século XX, sobretudo a partir de incentivos para que essa população pudesse ser absorvida na agricultura brasileira – nas lavouras de café, especificamente. Para entendermos este fenômeno, Teiti Suzuki⁴ (1995) nos apresenta três divisões temporais. A primeira seria de 1908 a 1924, período em que o governo paulista subsidiava o transporte dos imigrantes. Um segundo momento, de 1925 a 1941, foi marcado por um aumento considerável na imigração japonesa em virtude do custeamento das viagens por parte do próprio governo japonês. Em 1941, durante o Governo Vargas, a entrada de imigrantes

⁴ Dr. Teiti Suzuki foi um importante pesquisador da imigração japonesa no Brasil, tendo encabeçado os principais estudos de composição estatística em comemorações da imigração japonesa. Dada sua importância, a biblioteca do Centro de Estudos Japoneses do IFCH-USP recebeu seu nome *in memoriam*.

japoneses no Brasil foi vetada em virtude da II Guerra Mundial, sendo retomada a partir de 1952 e constituindo assim a terceira fase da imigração japonesa. Nessa terceira fase, há uma entrada considerável de imigrantes japoneses no Brasil, mas que vai diminuindo com o passar dos anos⁵. Como nos mostra a Tabela 1:

Tabela 1: Imigração japonesa no Brasil (1908 a 1979)

Período	Total de Imigrantes em números absolutos
1908-1924	34939
1925-1941	153640
1942-1945	-
1946-1951	151
1952-1970	60300
1971-1979	3096

Fontes: Abreu (2008) e Suzuki (1995)

Grosso modo, observamos três períodos de imigração japonesa em massa para o Brasil. Em virtude de políticas internacionais, principalmente pelo veto da entrada de imigrantes japoneses para o Brasil, não há um consenso sobre os dados relativos a alguns anos do período da II Guerra Mundial, havendo discrepância em diversas fontes.

Os anos que se seguiram após o término da guerra apresentam índices muito baixos de imigração japonesa para o Brasil, totalizando 151 imigrantes. Tal se deu, principalmente, por veto brasileiro à imigração japonesa no período do Estado Novo (1937-1945), o que deve ser analisado tendo em vista a influência de ideologias eugênicas que apontavam o imigrante japonês (o asiático, em geral) como um perigo ao nacionalismo brasileiro (Lesser, 2008; Sakurai, 2008).

Como aponta Suzuki (1995) e Oliveira e Pereira (2008), São Paulo e Paraná foram as regiões que mais receberam imigrantes japoneses, com destaque para o estado de São Paulo que concentrou a maior parte dos imigrantes japoneses ao longo dos mais de cem

⁵ Suzuki informa que a imigração japonesa “cessa” na terceira fase, todavia, novos estudos demonstram que ainda houveram imigrantes japoneses no Brasil, mesmo que em pequena quantidade. Isso poderá ser comprovado ao longo do documento, sobretudo com os dados publicados do IBGE. Escolhemos por utilizar os dados do professor Suzuki nesse primeiro momento por serem significativos quanto à compreensão de três momentos diferentes da imigração japonesa, de forma que seu terceiro momento, o momento de “cessar” da imigração, é interpretado por nós como uma diminuição da imigração japonesa.

anos desses imigrantes em território brasileiro. Outros estados também receberam imigrantes japoneses, tal como apresentado na Tabela 2 a seguir, mas a região Sudeste foi a pioneira na absorção desses imigrantes ao longo da história. Isso se deu, principalmente por possuir os principais pólos econômicos e produtivos do país, carecendo de força de trabalho em diversos momentos históricos, sendo o mais forte a perda da força de trabalho escrava em 1888.

Tabela 2: Distribuição percentual de japoneses residentes no Brasil sendo algumas Unidades da Federação – 1920/2000

Unidades da Federação	Japoneses Residentes no Brasil							
	Distribuição percentual (%)							
	1920	1940	1950	1960	1970	1980	1991	2000
<i>Números absolutos</i>								
Brasil	27	144	129	155	158	139	85	70
	976	523	192	982	087	480	571	932
Mato Grosso	510	1 128	1 172	4 940	4 025	2 975	2 290	1 816
Minas Gerais	1 923	893	917	2 964	1 353	1 923	1 244	1 088
Pará	3	467	421	1216	3 597	3 046	1 703	1 790
Paraná	701	8 064	15 393	28 158	21 528	15 771	9 960	7 994
Rio de Janeiro	313	918	1 478	1 794	2 782	3 949	1 808	1 801
São Paulo	24	132	108	115	119	105	63	51
	435	216	912	752	338	196	865	445
<i>Distribuição percentual (%)</i>								
Brasil	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Mato Grosso	1,8	0,8	0,9	3,2	2,5	2,1	2,7	2,6
Minas Gerais	6,9	0,6	0,7	1,9	0,9	1,4	1,5	1,5
Pará	0,0	0,3	0,3	0,8	2,3	2,2	2,0	2,5
Paraná	2,5	5,6	11,9	18,1	13,6	11,3	11,6	11,3
Rio de Janeiro	1,1	0,6	1,1	1,2	1,8	2,8	2,1	2,5
São Paulo	87,3	91,5	84,3	74,2	75,5	75,4	74,6	72,5

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1920/2000

Pela tabela observamos que São Paulo e Paraná mantiveram a maior concentração de japoneses residentes no Brasil. Minas Gerais também recebeu uma quantidade significativa de imigrantes na década de 1920, mas há uma queda da distribuição de japoneses residentes no estado de Minas Gerais, pois se inicialmente 6,9% do total de japoneses estavam distribuídos naquela região (quase dois mil japoneses), há uma queda brusca quando comparamos com o ano 2000 em que aquela Unidade Federativa abrigava apenas 1,5% desses imigrantes.

Tal modificação encerra um fenômeno que acreditamos ser de cunho social, relevante para a pesquisa e podemos dizer que tal discrepância de números de imigrantes japoneses no estado de Minas Gerais nos levou às primeiras indagações desse trabalho. Curiosos, portanto, em explorar a imigração japonesa em Minas Gerais, visto que São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná contavam com pesquisas já relevantes e consolidadas sobre tal processo migratório⁶, focamos a pesquisa no município de Uberlândia.

O município de Uberlândia encontra-se na região oeste do estado de Minas Gerais, cerca de 550km da capital (Belo Horizonte). O município é um dos mais populosos do estado com 604.013 habitantes (IBGE, 2010). Uberlândia é uma cidade de porte médio que vem se desenvolvendo, principalmente em virtude de sua posição na malha rodoviária brasileira, que a liga a grandes rodovias e capitais brasileiras⁷. Conta com fluxos migratórios diversos, tanto em termos dos processos internos entre as regiões do país como com a presença de imigrantes estrangeiros. Apresenta ainda um fluxo laboral voltado para as empresas locais e para o setor terciário. É conhecida por ser sede de algumas das principais empresas atacadistas do Brasil, contando com uma infraestrutura urbana que vem sendo ampliada ao longo dos anos.

Se podemos dispor de uma bibliografia que vem se tornando mais densa nos últimos anos sobre a cidade, sua economia, questões sociais etc., por outro lado, não encontramos referências acadêmicas que nos apontassem a cidade como foco da imigração japonesa. Se o fluxo da imigração japonesa, cujo destino havia sido as lavouras de café em São Paulo e Paraná, entrava em declínio desde o final da década de 1970, seria difícil entender a imigração japonesa no município de Uberlândia, sobretudo em 2010. Esse grupo de imigrantes e seus descendentes seriam praticamente invisíveis se não fosse um

⁶ Diversos estudos foram realizados sobre imigrantes nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná, sendo que para Minas Gerais destaca-se o livro de Kehdy e Silva (2010) intitulado “A presença japonesa em Minas Gerais: imigração e investimento (1908-2008)”, lançado pela Associação Mineira de Cultura Nipo-Brasileira.

⁷ Dados considerados segundo o senso demográfico do IBGE no ano de 2010.

elemento importante do processo da imigração japonesa no Brasil: as formas de associativismo e mediação que podem ser observadas entre os descendentes desses imigrantes.

Assim, se não é possível compreender um fenômeno enfraquecido ao ponto de se considerar seu término, o mesmo não pode ser dito das repercussões e latências que tal fenômeno gerou. Os descendentes de imigrantes japoneses são atores sociais cujas potencialidades puderam ser vistas ao longo da história brasileira, sobretudo por suas formas associativas. Portanto, encontramos o objeto e objetivo dessa pesquisa: as formas de mediação, sociabilidade e associativismo entre descendentes japoneses no município de Uberlândia. Para tal, fez-se mister um resgate do panorama histórico da imigração japonesa para o Brasil, buscando compreender, mesmo que de forma primária, sua trajetória em nosso território e suas práticas associativas que, em larga medida, possibilitaram a mediação de conflitos numa nova terra de costumes tão diferentes.

Dos métodos

No intuito de compreendermos as formas de associativismo, sociabilidade e mediação entre descendentes de japoneses no município de Uberlândia, utilizaremos uma bibliografia variada: histórica, antropológica, sociológica e geográfica.

As fontes históricas forneceram os elementos constituintes do fenômeno da imigração japonesa para o Brasil. Sem tais elementos, pouco poderia ser dito acerca da imigração japonesa e as principais obras/referências sobre a temática são de cunho histórico. Através de revisão bibliográfica e cruzamento de dados, buscamos remontar o processo de imigração japonesa para o Brasil. Para reconstituir o processo dessa imigração, sobretudo para o município de Uberlândia, recorreremos às análises de documentos históricos, indo desde atas de associações de moradores, passando por panfletos informativos, tablóides e também jornais da Câmara Municipal de Uberlândia. O processo de reconstrução historiográfica através dos fragmentos coletados é um método indispensável à nossa pesquisa, sobretudo porque os pequenos fatos e eventos registrados, no que chamamos de “artefatos”, podem trazer luz à compreensão dos mais diversos processos sociais.

Dessa forma, procuramos resgatar os processos históricos sobre a imigração japonesa no Brasil, para então apresentá-los em Minas Gerais, Triângulo Mineiro e, por fim, no município de Uberlândia. Sobre os imigrantes, apresentamos alguns dados sobre sua chegada em território brasileiro, apontando as suas dificuldades e manobras de sobrevivência no Brasil para, por fim, resgatarmos a história da imigração japonesa no município de Uberlândia. Durante o percurso histórico, buscamos enfocar atores que se colocaram como mediadores (de conflitos) no processo de imigração japonesa. Esses atores são de suma importância para compreendermos a imigração japonesa e, sobretudo, as formas de associativismo e mediação entre os seus descendentes.

Isto posto, outro elemento a ser destacado refere-se justamente aos descendentes de imigrantes japoneses. Trabalharemos com a categoria Nikkei, pois a partir de sua compreensão para a sociabilidade interna ao grupo, almejamos apreender as dinâmicas de ressignificação de elementos da cultura japonesa. Esta categoria sofreu mudanças ao longo de vários anos de resistência e integração à sociedade brasileira, mas grosso modo, diz respeito aos imigrantes japoneses e descendentes desses imigrantes que residem no Brasil. Buscamos apresentá-la através da representação que é feita sobre os japoneses e seus descendentes, ressaltando os avanços e conquistas de tais atores no cenário brasileiro, sobretudo por serem precursores de formas coletivas de organização e de mediações entre diversas esferas da vida social.

A seguir, procuramos compreender as noções de associativismo e mediação através das formas associativas dos Nikkei em Uberlândia. Para tanto, a Associação Nikkei de Uberlândia constituiu-se em nosso *locus* preferencial e seus membros nossos interlocutores, realizando uma etnografia do cotidiano e práticas da associação enquanto ela ainda mantinha atividades. No processo de construção etnográfica, vale dizer, do “fazer etnográfico”, a forma por excelência de sua realização é o trabalho de campo, mais especificamente, a observação participante, no entanto, não mais sob os moldes de Bronislaw Malinowski ([1920]1986) *stricto sensu*. Ainda assim, será por meio da imersão do pesquisador em campo, participando do cotidiano de seus “nativos”, que buscamos captar os elementos mais essenciais da vida. Sendo uma das formas mais frequentes de construção etnográficas e produções antropológicas, a observação participante foi adotada como meio de construção etnográfica, fazendo ressalvas às possibilidades de um trabalho de campo restrito, tal como apresentado por Silva (2009) ou ainda seguindo as

considerações de Giumbelli (2002), visto que alguns eventos possuem curta duração e uma etnografia sob tais circunstâncias ocorre diferentemente daquelas consideradas “clássicas”.

Assim, a inserção no campo, a construção de interlocutores e uma incessante busca para a compreensão da rede de significados, que são cotidianamente compartilhadas entre os Nikkei (Geertz, 1989), são elementos essenciais no processo da escrita etnográfica. Como apontam Hammersley e Atkinson (1995:11), a etnografia se refere

a um método específico ou um conjunto de métodos. Em sua forma mais característica, envolve a participação total ou parcial do etnógrafo na vida cotidiana das pessoas ou do grupo pesquisado, observando as situações, ouvindo o que é dito, fazendo perguntas, enfim, coletando qualquer tipo de dado que esteja disponível para iluminar as questões do foco da pesquisa.

A descrição dos acontecimentos que envolveram a Associação Nikkei de Uberlândia (ANIUDI), que encerrou suas atividades em 2011 em virtude de fatores que demonstraremos à frente, apresenta-se como foco principal deste trabalho. Como nos apresentou Barreto (2009), a pesquisa sobre associações e mediação (tanto política quanto cultural) nos leva a compreender melhor o universo de imigrantes, auxiliando na reflexão sobre a construção da legitimidade dessas associações, seu caráter representativo e também os sujeitos que se colocam como mediadores quer a partir de projeto pessoal quer de projetos coletivos. Seguindo tais passos, apresentamos como tais condições de associativismo e mediação foram redefinidas através do tempo e que, não mais apenas imigrantes japoneses executaram tais práticas, como também seus descendentes: os Nikkei.

A compreensão das histórias de vida (biografia) desses atores sociais é de suma importância dado o contexto em que se colocam. Sendo os indivíduos portadores de projetos muito particulares, com suas próprias premissas e paradigmas (Velho, 2003:46), o mediador de conflitos e sua trajetória adquirem papel fundamental, visto que nas sociedades em que o individualismo é predominante, tais como nos centros urbanos⁸, a noção de biografia e a trajetória passam a ter um significado crucial como fenômeno constituinte daquela sociedade (Velho, 2003:100).

Por último, faz-se necessário considerar que não há pesquisas sistematizadas sobre Nikkei no município de Uberlândia, fazendo com que essa pesquisa se paute, sobretudo em

⁸ Como nos mostrou Louis Wirth ([1938]1973), a cidade seria um agrupamento relativamente grande, denso e permanente, de pessoas socialmente heterogêneas, por isso é o *locus* por excelência da multiplicidade de estilos de vida e de experiências. Mas o que irá conferir o status urbano à cidade não é o número de pessoas que nela habitam e sim a multiplicidade de indivíduos que apresentam uma vasta gama de heterogeneidades entre si em suas relações sociais.

experiências do trabalho de campo, nas narrativas de nossos interlocutores ao invés de bases bibliográficas já consolidadas, exceto aquelas que são referências aos processos históricos, aos processos migratórios e sobre associações imigrantes de modo mais amplo.

Embora cada ator social tenha sua experiência particular, ela não está fora de um contexto. Aqui, o contexto que se aplica é o de associativismo entre Nikkei. Suas experiências extrapolam o âmbito da individualidade, por vezes trazendo à tona elementos coletivos.

CAPÍTULO 1: A JORNADA JAPONESA NO BRASIL

Do processo de locomoção: diáspora ou migração?

Antes de reportar os processos do deslocamento de japoneses para o Brasil, há necessidade de deixar claras algumas terminologias que por vezes são conflitantes e genéricas.

Os processos migratórios podem ser de “saída para” ou de “entrada em” uma determinada área ou região. Chamamos aqui de imigração o processo de recebimento, ou seja, de chegada de estrangeiros à nossa região e de emigração o processo de saída para outras regiões.

Entretanto, alguns movimentos de deslocamento humano atingem proporções maiores sendo também denominados diásporas. Nas Ciências Sociais, principalmente, há uma linha tênue que separa os processos de migração e os processos diaspóricos. Dizemos tênue justamente porque não existem processos diaspóricos sem o deslocamento conhecido como migração.

Apesar de o termo diáspora ter ganhado maior ênfase por se remeter ao processo bíblico do Povo de Jah e, na história moderna, representar o processo de deslocamento do povo judeu, o que lhe é inegável é o processo de saída de uma terra de origem para outras de natureza distinta. Stuart Hall (2009) e Jeffrey Lesser (2008), por exemplo, empregam o termo diáspora em seus trabalhos, cujos diferentes objetos possuem em comum a relação dinâmica do poder entre sociedade e imigrantes.

Em “Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais”, Stuart Hall usa o termo diáspora que aparece relacionado à mediação e ao processo identitário, nos remetendo ao contexto sociopolítico em que aquele movimento de deslocamento humano ocorre. Em Jeffrey Lesser observamos que o emprego do termo relaciona identidade étnica e fluxos. Em seu livro “Uma diáspora descontente: os nipo-brasileiros e os significados da militância étnica” observamos como a necessidade de uma atividade política para reafirmar a identidade nipônica se fez presente para a reafirmação daquele grupo étnico em território brasileiro. Em ambos os casos, nota-se que o termo diáspora encerra um caráter político-ideológico daquele deslocamento humano.

Os movimentos diaspóricos estão ligados, em certo grau, a questão dos conflitos. Todavia, devemos nos questionar: os processos migratórios, então, não se originam por conflitos? Somente os diaspóricos?

Consideramos que um processo diaspórico também é processo migratório, mesmo que ao nos referirmos a migrações não tomemos um conflito explícito ou suas proporções por condição essencial. Todavia, em ambos os casos, quando desejamos falar sobre processos diaspóricos ou migratórios, não podemos desconsiderar os processos histórico-sociais, a conjuntura na qual eles ocorreram⁹. O limiar de ambos os processos está no motivo em que ocorrem, sendo ambos faces variadas de experiências políticas (Feldman-Bianco, 2010).

Por mais que possamos encontrar elementos similares nos mais diversos processos de deslocamentos humanos, suas semelhanças são diminutas em comparação às suas peculiaridades e, em se tratando de imigração japonesa, tal processo se faz ainda mais singular, não em virtude do exotismo criado no imaginário coletivo sobre a população japonesa, mas, sobretudo, pelas condições em que se deu a imigração japonesa ao redor do mundo e como tais migrantes foram tratados de formas diversas. Assim, precisamos antes de tudo observar o panorama em que se inicia o deslocamento dos japoneses para o Brasil.

Antecedentes da imigração japonesa

A imigração japonesa para o Brasil tem origens nas relações exercidas entre o Japão e nosso país no final do século XIX¹⁰. Cada um com razões próprias, o que ambos possuíam em comum era o intuito de resolver suas questões nacionais.

No Brasil, a demanda de força de trabalho para as lavouras de café crescia ao mesmo tempo em que a imigração europeia começava a apresentar uma descontinuidade

⁹ Optamos preferencialmente pelo termo imigração, mas aos nos reportarmos a autores que utilizam o termo diáspora, queremos sempre referir ao deslocamento humano em geral, buscando manter a fidelidade conceitual de alguns autores.

¹⁰ De acordo com Woortmann (1995:4), “no Brasil a imigração de asiáticos foi iniciada na segunda metade do século XIX, com a vinda de algumas dezenas de chineses solteiros. Foram experiências malogradas, tais como as do Senador Vergueiro, em São Paulo e de Teófilo Ottoni, em Minas Gerais, onde foram destinados respectivamente ao trabalho nos cafezais e à construção de estradas. Parte do insucesso daqueles empreendimentos foi devido à oposição levantada pelos adeptos do “branqueamento” do povo brasileiro, que defendiam a entrada de europeus livres como substitutos da força-de-trabalho escrava.”

(Handa, 1987). Por parte do Japão, desde o início da Restauração Meiji (1868)¹¹, o país sofria com um grande contingente de população rural desprovida de campo para a produção em virtude da financeirização provocada pelas reformas no governo japonês (Kodama e Sakurai, 2008). No intuito de resolver seu problema de força de trabalho em excesso, o Japão já enviava sua população para áreas distantes como Havaí e a costa oeste dos Estados Unidos da América (Cardoso, [1972] 1995).

No mesmo período, havia um forte debate racial no tocante à pureza da raça brasileira e da miscigenação com a raça asiática (Lesser, 2001,2008)¹² o que trouxe sérias implicações para a imigração japonesa. Todavia, em 1895, na França, foi assinado o Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre Brasil e Japão, que previa a vinda de imigrantes japoneses para as lavouras de café brasileiras (Daigo, 2008). Apesar de ter sido assinado na década de 1890, a imigração de japoneses para o Brasil só pôde se concretizar no século seguinte em virtude de crises de superprodução que os grandes cafeicultores passaram no final daquele século. Assim, somente com a revalorização do café graças ao Convênio de Taubaté, de 1906, a busca pela força de trabalho japonesa voltou a ser pauta na política de importação de trabalhadores.

Enquanto isso, no Japão, o governo buscava uma nova alternativa para exportação da sua força de trabalho excessiva, pois com a anexação do Havaí pelos Estados Unidos, a imigração japonesa foi vetada com a assinatura do Tratado de Cavalheiros em dezembro de 1907. As condições eram, portanto, favoráveis à continuidade do acordo iniciado em 1895.

A finalidade da imigração japonesa para o Brasil, pela visão de nosso governo, tomou concretude com o Relatório da Secretaria dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Estado de São Paulo (1907), cujo trecho apresentado por Bassanezi e Truzzi, diz:

A título de ensaio, para tentar crear uma nova fonte de suprimento de braços à lavoura cafeeira, celebrou-se, a 6 de novembro ultimo [1907], com a Comapnhia Imperial de Emigração, com sede em Tóquio, Japão, contracto para a introdução de 3.000 imigrantes daquela procedência, por levas de 1.000, no máximo, em cada anno, a partir de 1908[...](Bassanezi e Truzzi, 2008:73).

¹¹ A Restauração Meiji foi um processo de lutas civis internas ao Japão que culminaram na mudança do sistema de *shogunato*, um sistema similar ao feudo ocidental, no qual a família Tokugawa foi despojada dos domínios de terras do Japão (*daimyo*).

¹² Sob a alcunha nacionalista e desenvolvimentista, diversos teóricos brasileiros, adeptos à eugenia, apontavam que o negro e outras raças eram inferiores aos europeus e que o Brasil só seria um país melhor caso mantivesse uma pureza europeia. Para mais, cf. Fidelis Reis (2005) e Vianna (1932).

Desde o ano anterior ao relatório, Ryo Mizuno¹³, diretor da Kokoku Shokumin Kaisha¹⁴, estava no Brasil acertando os detalhes da vinda dos imigrantes japoneses. Em 1907, ao retornar para o Japão, recebeu a autorização do Ministério de Negócios Estrangeiros no Japão para iniciar o envio de japoneses ao Brasil.

O contrato celebrava os seguintes itens:

A Kokoku Shokumin Kaisha se responsabiliza em trazer até o porto de Santos 3.000 emigrantes japoneses e suas famílias, compostas por 3 a 10 pessoas aptas para o trabalho na lavoura. Considerar-se-ão aptos para o trabalho homens e mulheres na faixa etária de 12 a 45 anos.

A Kokoku Shokumin Kaisha enviará anualmente 1.000 emigrantes a partir do ano de 1908, fazendo com que cheguem ao porto de Santos nos meses de abril e maio.

O governo do Estado subsidiará as passagens marítimas desses emigrantes na razão de 10 libras esterlinas para pessoas acima de 12 anos, e de 5 libras esterlinas para crianças de 7 a 12 anos. Os proprietários das fazendas de café pagarão, respectivamente, 4 e 2 libras esterlinas para o governo do Estado como parte das passagens marítimas, descontando-as posteriormente do salário dos emigrantes.

Os emigrantes que trabalharem nas fazendas de café receberão as mesmas moradias e salários dos imigrantes europeus. Pagar-se-ão de 450 a 500 réis por sacas de grãos de café colhidos, com volume equivalente a 50 litros. Os trabalhos extras serão remunerados à base de 2.000 a 2.500 réis por dia.

A Kokoku Shokumin Kaisha recrutará 6 intérpretes para as línguas portuguesa ou espanhola, cujas passagens marítimas serão arcadas pelo governo brasileiro. O salário mensal será de 200.000 réis, a ser pago pelo governo ou proprietário das fazendas de café (Daigo, 2008:7).

Dessa maneira, trazendo famílias compostas por indivíduos aptos ao trabalho e subsidiando, em alguma medida, a vinda de tais imigrantes, a imigração japonesa começa efetivamente no ano seguinte: 1908.

O início da imigração japonesa em 1908 obrigou pela primeira vez a sociedade brasileira a pensar seriamente sobre a cultura japonesa. Como apontam diversos autores, a avaliação feita pelos intelectuais e governantes da época era ambígua e conflituosa. Se de um lado muitos deploravam os imigrantes japoneses por pertencerem a uma sociedade considerada primitiva e racialmente inferior, de outro, havia também aqueles que os defendiam, com o argumento de que o Japão era a nação oriental onde os modernos padrões europeus haviam sido mais bem assimilados, o que seria sinal de que a raça japonesa poderia influir positivamente sobre o Brasil (Ramos, 1996; Seyferth, 1996; Lesser, 1999). Essa tensão entre os autores brasileiros no fundo refletia, como vimos, a ambiguidade com que os próprios intelectuais japoneses da época estavam tentando construir e “inventar” a cultura japonesa a partir de atitudes conflitantes com relação às noções de tradição e modernidade. (Oda, 2011:113)

¹³ O nome de Ryo Mizuno pôde ser encontrado também escrito como Ryu Mizuno.

¹⁴ Companhia Imperial de Imigração. A Kokoku Shokumin Kaisha era dirigida por Ryo Mizuno e foi a principal companhia de imigração a administrar a vinda de japoneses para o Brasil até 1917 (Kodama e Sakurai, 2008:18).

A chegada ao “Burajiru”¹⁵: alegoria de um destino incerto

Apesar de não serem os primeiros japoneses a pisarem em solo brasileiro¹⁶, aqueles que chegaram ao Brasil no navio Kasato Maru são considerados a primeira geração de imigrantes japoneses para o nosso país e apesar de comemorarem o dia 18 de junho como o Dia dos Imigrantes, sua chegada real se deu dia 17 de Junho de 1908.

Como nos apresenta Handa (1987), o Kasato Maru chegou ao porto de Santos na noite do dia 17 de Junho de 1908, mas só atracou no dia seguinte. O registro no diário de Navegação realizado por Ryo Mizuno (Diretor Presidente da Kokoku Shokumin Kaisha) indicava a excelente condição daquela quinta-feira, dia 18 de Junho, em que o Kasato Maru atracou por volta das 17 horas no cais nº 14 do Porto de Santos.

Conta-se que a euforia no navio somente aumentava. Desde a noite anterior estavam ansiosos para desembarcar, sobretudo porque na noite de sua chegada, avistaram ao longe as comemorações juninas. Fogos de artifícios, luzes, balões e muita festa podiam ser vistos do convés da nau, criando a ideia de que os brasileiros estavam realizando uma festa para recepcionar os imigrantes japoneses (Handa, 1987; Daigo, 2008).

Dos 800 imigrantes japoneses que aqui chegaram e passaram por exames médicos no próprio navio, “não houve quem adoecesse ou morresse durante a viagem [...] Quase todos os imigrantes eram pessoas jovens e saudáveis” (Daigo, 2008:10). Ainda assim, no dia 18 eles ainda não pisaram em solo brasileiro. Seu desembarque começou apenas às 07:00 horas do dia seguinte, ou seja, dia 19 de Junho de 1908.

Ao contrário do que se pode imaginar, raros eram os japoneses com vestimentas “tradicionais”. Em artigo que ocupou a primeira página do Correio Paulistano naquele mesmo mês, o jornalista J. Amândio Sobral retrata as primeiras impressões passadas pelos imigrantes japoneses. Estavam vestidos “à européia”, com roupas confeccionadas no próprio Japão, pois “na época da guerra russo-japonesa a indústria têxtil do Japão se achava em franco desenvolvimento, não constituindo novidade a produção nacional de roupas – de algodão” (Handa, 1987:4). As roupas foram compradas com dinheiro próprio,

¹⁵ Pronúncia japonesa para Brasil.

¹⁶ Segundo Ninomiya (1996), quatro japoneses sobreviventes de um naufrágio no ano de 1803, após serem resgatados por uma embarcação Russa, permaneceram no Brasil por dois meses no atual estado de Santa Catarina até os reparos na nau Russa que os levaria de volta ao Japão. Kodama e Sakurai (2008:18-19) também apontam que, antes de tentar a inserção dos japoneses em São Paulo, Ryo Mizuno realizou um acordo com o governo do Rio de Janeiro para a instalação de famílias japonesas na área da Baixada Fluminense para o cultivo de arroz, sendo uma das primeiras histórias de insucesso da imigração japonesa no Brasil.

pois para a viagem ao Brasil só trouxeram roupas novas no intuito de passarem uma boa imagem, e, considerando o histórico dos imigrantes do sul da Europa, que chegavam sujos e cansados, a chegada japonesa ao Brasil, organizada e limpa certamente causou uma impressão positiva.

Saídos do Kasato Maru por volta das 07:00 horas da manhã, os imigrantes tomaram um trem¹⁷ para a Hospedaria dos Imigrantes em São Paulo a partir das 10:00 horas do mesmo dia. Expondo suas bandeirinhas brasileiras e japonesas, a maioria dos imigrantes perfazia o trajeto de trem observando a paisagem brasileira, uma região de serra coberta de mata verde. A viagem durou mais de três horas e o trem, cujo carro havia sido substituído no Alto da Serra, atual Paranapiacaba, estacionou junto à plataforma da própria Hospedaria dos Imigrantes.

Na hospedaria, já estavam à espera dos imigrantes cinco intérpretes contratados pela Kokoku Shokumin Kaisha, que vieram anteriormente via Sibéria¹⁸. Eram eles: Massaru Mine, Motonao Ohno, Umpei Hirano, Junnosuke Kato e Takashi Nihei. Junto de Ryo Mizuno e Teijiro Suzuki, tais intérpretes são atores importantes para a história da imigração japonesa por serem os principais mediadores dos japoneses com a sociedade japonesa, ainda que preliminarmente nas fazendas.

O que se sabe de sua permanência na Hospedaria dos Imigrantes remete às publicações de Amândio Sobral que, impressionado, retrata a disciplina ascética, sobretudo em comparação aos demais imigrantes. Com refeições servidas em dois turnos, não se ouvia histeria daqueles que aguardavam pela comida. Não que não estivessem com fome, mas aquela rígida trama de valores nipônicos que regulam os mais simples gestos não desapareceu por estarem em outras terras. O autocontrole e o respeito permaneciam.

A chegada às fazendas

Segundo Handa (1987), a saída dos japoneses para as fazendas deu-se a partir do dia 27 de Junho. Apesar de terem sido distribuídos em seis grandes fazendas do Estado de

¹⁷ Convém ressaltar que até então a viagem de trem era um modo rápido para a locomoção de um grande número de pessoas.

¹⁸ O trajeto via Sibéria era férreo até a Europa, o que, em larga medida, era um privilégio, pois evitava-se o desgaste da longa viagem marítima do Japão até o Brasil.

São Paulo, mais especificamente na região que atualmente é conhecida como Zona Velha do Café¹⁹, nem todos se despediram da Hospedaria dos Imigrantes no primeiro dia.

Às 04 horas da manhã do dia 27 de Junho, um número considerável de imigrantes embarcou em um trem fretado. Na companhia do intérprete Massaru Mine, alguns seguiram para a fazenda Canaã e, na companhia do intérprete Motonao Ohno, outros foram para a fazenda Floresta²⁰. No dia seguinte (28 de Junho), outro montante seguiu para a Fazenda São Martinho sob a orientação do secretário Teijiro Suzuki e outro grupo seguiu para a Fazenda Guataparã na companhia do intérprete Umpei Hirano. No terceiro dia, Junnosuke Kato levou outro grupo para a Fazenda Dumont. Dos que ainda permaneceram na Hospedaria dos Imigrantes, somente no dia 06 de Julho foram levados para a Fazenda Sobrado junto do último intérprete: Takashi Nihei.

Dos imigrantes livres que também vieram no Kasato Maru (e que por vezes não são contatos nos dados oficiais), Daigo (2008) aponta que todos conseguiram empregos na cidade de São Paulo. Ainda na cidade de São Paulo, no bairro da Liberdade, no mesmo ano, a Kokoku Shokumin Kaisha (Companhia Imperial de Imigração) abriu seu escritório, dirigido por Ryo Mizuno.

Assim, em menos de um mês em território brasileiro, o primeiro grupo de imigrantes japoneses que vieram no Kasato Maru havia sido distribuído nas respectivas fazendas que precisavam de força de trabalho.

As tabelas a seguir nos apresentam a distribuição desses imigrantes que partiram da Hospedaria dos Imigrantes e sua composição referente às províncias de origem no Japão.

¹⁹ Área de terra roxa que atravessa a parte central do Estado de São Paulo no sentido norte-sul, na borda oriental do Planalto Central. Centro da cafeicultura da década de 1920. Para mais, cf. Suzuki, 1995.

²⁰ Daigo (2008) nomeia a Fazenda Floresta como “Fazenda Flores”. Bassanezzi e Truzzi (2008) se referem às companhias agrícolas ou aos proprietários de conjunto de fazendas. Em outras bibliografias acerca da questão, como em Handa (1987), Sakurai (2008) e outros, encontramos a referência como Fazenda Floresta e assim mantemos nesse trabalho.

Tabela 3: Quantidade de Famílias e Pessoas do Kasato Maru, em números absolutos e percentuais, distribuídas segundo Fazenda de destino a partir da Hospedaria dos Imigrantes.

Fazenda	Famílias		Pessoas	
	Números Absolutos	Percentual	Números Absolutos	Percentual
Canaã	24	14.63%	152	19.66%
Dumont	52	31.71%	210	27.17%
Floresta	23	14.02%	173	22.38%
Guataparã	23	14.02%	88	11.38%
São Martinho	27	16.46%	101	13.07%
Sobrado	15	9.15%	49	6.34%
Total	164	100.00%	773	100.00%

Fonte: Criado a partir dos dados em Handa (1987)

Tabela 4: Quantidade de imigrantes do Kasato Maru segundo províncias

Província	Quantidade de imigrantes	
	Números absolutos	Percentual
Okinawa	324	41,49%
Kagoshima	172	22,02%
Demais Províncias *	285	36,49%
Total	781	100%

* As demais províncias consideradas foram: Aichi, Fukushima, Hiroshima, Kochi, Kumamoto, Miyagi, Niigata, Tóquio e Yamaguchi,
 Fonte: Extraído de Daigo (2008) e Handa (1987)

A partir dos dados apresentados, podemos tecer algumas considerações acerca de uma característica importante da constituição das famílias. Ao passo que para a Fazenda São Martinho, partiram 27 famílias, constituindo 16,46% do total de famílias saídas da Hospedaria dos Imigrantes, a quantidade de pessoas que compunham essas famílias é inferior, por exemplo, à quantidade de pessoas que partiram para a Fazenda Floresta (22,38%), a qual recebeu a segunda menor porcentagem de famílias (14,02%).

Imprecisa, portanto, se torna uma referência sobre a quantidade de pessoas por cada família que aqui inicialmente chegaram, sobretudo porque nem todos estavam reunidos na forma de família mononuclear simples. Isso nos remete às considerações feitas por Cardoso ([1972]1995) e Daigo (2008) que chamam a atenção para a constituição das famílias japonesas. Segundo tais autores, o termo família é um tanto impreciso para se referir à forma de agrupamento japonesa, sobretudo porque o sistema familiar japonês se efetiva de forma diferenciada por época ou região no Japão. O que se constata é que tais famílias não eram estritamente consanguíneas. Woortmann (1995:2), ao analisar o significado do parentesco entre japoneses no Brasil se refere à hierarquia e ao “valor-família” como estruturantes dos comportamentos atuais nesse grupo e destaca que a “organização da migração frequentemente se dá no âmbito de uma linguagem de parentesco que re/constroi e ultrapassa os limites das relações de parentesco em sentido mais estrito”.

Como a vinda para o Brasil estava condicionada à estrutura familiar, terceiros foram adicionados ao “ciclo familiar” para que pudessem embarcar, formando assim as “famílias extensas”. Não queremos dizer que famílias compostas por agregados (parentes distantes ou “de consideração”) não existissem no Brasil, mas tal configuração para fins da imigração e importação da força de trabalho japonesa se formava mais com uma finalidade econômica. Em virtude disso, era comum a discrepância na quantidade de membros das famílias.

O acordo realizado para a vinda ao Brasil era trazer no mínimo três membros, com idade entre 12 e 50 anos, preferencialmente aptos à lida na lavoura²¹. Algumas famílias vinham com quatro membros enquanto outras, estima-se, vinham com oito ou mais pessoas. Apesar de sabermos que a instituição família é uma construção social, demarcada antropológicamente pelas possibilidades de relações e significados em relações a outros

²¹ Encontramos algumas disparidades quanto à faixa etária em bibliografias diversas. Daigo (2008) aponta que a faixa etária estipulada foi de 12 a 45 anos. Handa (1987) afirma que a faixa etária é de 12 a 50 anos.

seres de mesma espécie, podendo-se flexibilizar nas mais diversas sociedades, algo incontestável na família japonesa era a autoridade masculina, vale dizer, do chefe de família.

O romance de Oscar Nakasato (2011) reconstrói as experiências de sua família e do poderio masculino sobre os demais membros, fossem eles crianças, esposa ou “agregados”²². A atitude objetiva e espontânea, ao mesmo tempo severa e punitiva da figura do chefe da família japonesa, enquanto provedor e guia, sob a patente de buscar sempre o melhor para a sua família, é uma característica marcante nas primeiras gerações de imigrantes japoneses e seu efeito ainda presente, apesar de mais fraco, é observado em seus descendentes.

O que podemos considerar como “família” nas primeiras leva de imigrantes tem suas bases no que foi apresentado por Ruth Benedict ([1948]2009) em *O crisântemo e a espada*, sendo tradicionalmente a família mononuclear japonesa, com um ponto de flexão que se tornou obrigatório para sua vinda ao Brasil: a incorporação de membros não consanguíneos que, obrigatoriamente, se submetem às normas do “pai”, vale dizer, do chefe da família.

Outro dado importante a ser destacado é em relação às províncias de origem desses imigrantes. Pode-se perceber que as províncias de Okinawa e Kagoshima, juntas forneceram a maior parte de japoneses, ambas totalizando 63,51% do total, sendo 496 imigrantes em números absolutos. Se levarmos em conta que duas províncias juntas superaram as demais nove províncias que forneceram imigrantes para o Brasil, temos aí um elemento importante a ser considerado²³.

A partir do momento de chegada ao Brasil e sua dispersão pelas mais diversas fazendas, a imigração japonesa tomou particularidades em cada localidade. Em Minas Gerais não foi diferente. A história da imigração japonesa em Minas Gerais possui características singulares tanto pela pouca expressão numérica, quanto pelas dificuldades enfrentadas.

²² Oscar Fussato Nakasato é doutor em Letras pela UNESP e seu livro – uma reconstituição da trajetória de sua família – foi o ganhador do Prêmio Benvirá de Literatura no ano de 2011. Atualmente é professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

²³ Uma das razões levantadas pode ser remetida à adaptação ao clima. O forte calor e umidade são elementos de difícil adaptação para os imigrantes. De tal arte que, considerando essa intempérie, a maioria dos imigrantes japoneses da primeira geração vieram das regiões de Okinawa e Kagoshima, regiões próximas aos trópicos e que em algumas épocas do ano apresentam clima semelhante ao brasileiro (Sakurai, 2008).

A imigração japonesa em Minas Gerais

A questão da imigração japonesa em Minas Gerais não pode ser deslocada de seu contexto sócio-histórico. Minas Gerais, no século XIX, “era um mosaico de áreas e regiões com formação físico-geográfica distintas, em termos de recursos naturais, separadas naturalmente pelo relevo e pelo sistema hidrográfico que dividia Minas em partes desiguais” (Kehdy e Silva, 2010:68). Enquanto o século XVIII representou o desbravamento das Minas Gerais por conta da questão do ouro de aluvião, a queda da mineração no final daquele século representou uma absorção da força de trabalho mineradora, no século seguinte, pelo setor agropecuário. Assim, Minas Gerais possuía zonas concentradas em atividades muito específicas de acordo com o tipo de economia que se desenvolvia nas regiões, tendendo à adoção do plantio de café em virtude do sucesso de áreas próximas, como São Paulo. Assim, a área leste de Minas Gerais mantinha uma restrita produção cafeeira no século XIX valendo-se da mão de obra escrava disponível na época.

Com apontam Kehdy e Silva (2010), a tendência em Minas Gerais foi a de exportar sua força de trabalho²⁴, pois contava com uma população interna que supria as principais demandas, como a cafeeira, a de criação de bovinos e a produção de laticínios. Contudo, a experiência estadunidense que aliava crescimento à imigração se tornou uma preocupação dos governantes brasileiros naquele século. Minas Gerais, preocupada com o processo de colonização de suas terras e expansão de suas atividades, empenhou-se ao longo dos anos para a importação de força de trabalho imigrante, na maioria das vezes sem sucesso²⁵. Como apontam os autores,

Inicialmente, pela Lei 32, de 1892, o presidente do estado foi autorizado a “*promover direta ou indiretamente a imigração de trabalhadores destinados principalmente ao serviço da agricultura*”. Assim, foram concedidas a esses trabalhadores: passagem livre nas estradas de ferro subvencionadas pelo estado; facilidade na aquisição de terras ou lotes; auxílio para adoção de novas culturas e meios mecânicos para melhor aproveitamento da terra. [...] foi também estabelecido que a introdução do imigrante em Minas Gerais seria feita pelo

²⁴ Os autores utilizam a expressão mão de obra. Aqui substituo tal expressão pela força de trabalho como atividade humana capaz de gerar produção.

²⁵ Faz-se necessário tomar nota que Kehdy e Silva apresentam oscilações muito sutis quanto ao sucesso ou insucesso da imigração para Minas Gerais e como as políticas governamentais favoreceram/desfavoreceram tal imigração. Ao que parece, a alternância entre vitórias e derrotas das políticas de imigração se deram em tão curto prazo que nenhum dos polos configuraram uma tendência ao estado, gerando um caráter dubio quanto à vinda de japoneses para Minas Gerais.

estado ou por meio de contrato com fazendeiros, companhias de estrada de ferro que se propusessem a colonizar os terrenos marginais e as empresas industriais. (Kehdy e Silva, 2010:71)

Uma quantidade expressiva de imigrantes europeus chegou a configurar como força de trabalho nas lavouras mineiras, contudo São Paulo também buscava fixar trabalhadores em suas lavouras e a discrepância salarial para o trabalhador e os benefícios que o imigrante recebia em São Paulo eram melhores que aquelas ofertadas por Minas Gerais.

Dessa forma, Minas Gerais não se configurava como um local atraente ao imigrante que buscava no país trabalho e renda relativamente estáveis, com possibilidade de ascensão econômica e social. O imigrante europeu era mais atraído pelas oportunidades em São Paulo, o que levou o governo de Minas Gerais a colocar em pauta a imigração asiática para o estado, sendo elas principalmente a chinesa e a japonesa.

A imigração japonesa para o Estado de Minas Gerais foi relativamente mais difícil que para outros grupos imigrantes. Um dos fatores foi o desinteresse inicial que o governo mineiro apresentou quanto à imigração de “amarelos”. Inicialmente, o intuito era trazer o branco, europeu, para colonizar o estado, fazendo da imigração japonesa um último recurso na política de migração mineira, implicando, por isso, na falta de iniciativas para a implementação de políticas migratórias para os japoneses. Estes também tinham os estados de São Paulo e Paraná como mais atrativos dada a possibilidade de ingresso em “colônias” já estabilizadas, nas quais poderiam adquirir terras. Seu conhecimento sobre esses estados também era maior, visto que as políticas de imigração visavam essas áreas. As Minas Gerais eram praticamente desconhecidas e não levantavam interesse como um ponto para a imigração japonesa.

Não obstante, na primeira metade do século XX, os debates sobre o asiático eram ambíguos e causava contradição entre os brasileiros, como também entre os mineiros. Se num primeiro momento a imigração asiática não era vista com bons olhos, com os problemas de falta de braços para as lavouras, ocorridos com a abolição da escravidão, os fazendeiros passaram a aceitar a força de trabalho asiática como “a melhor opção em substituição da mão de obra escrava, por eles serem trabalhadores, servis, não reivindicadores de seus direitos” (Kehdy e Silva, 2010:75).

Grosso modo, a incorporação do asiático para o trabalho semiescravo nas lavouras, não era questionado. Isentos de investir na compra de nova força de trabalho, os fazendeiros viam na imigração asiática a garantia de braços obedientes para a lavoura,

“melhores que os escravos africanos” (Kehdy e Silva, 2010:75). No que se referia à capacidade de trabalho do imigrante japonês ou chinês, nem mesmo os governantes mineiros se opunham. Reafirmavam o potencial produtivo de tais imigrantes. Sua maior preocupação era ter o asiático empreitando um projeto colonizador nas terras das Minas Gerais. Isso causava preocupação visto que as elites daquela época “tinham a convicção de que as qualidades necessárias ao elemento colonizador eram inerentes aos europeus, principalmente os italianos.” (Kehdy e Silva, 2010:76)

Num primeiro momento, o intuito era a contratação de chineses para o ingresso nas fazendas, porém, como aponta Lesser (2001), o Japão estava sob os holofotes por ter sido vitorioso em guerras contra a China (1894/1895) e a Rússia (1904/1905), assim como lidava bem com os processos de industrialização que paulatinamente ocorriam no país. Por conta dessa supremacia nipônica no Oriente, o japonês foi perdendo o seu status de amarelo, de perigoso, de inferior. Passou a ser considerado “um branco da Ásia”, equiparando-se aos europeus. Tamanha foi a mudança na concepção sobre os japoneses que uma parte das elites sugeriam que “os imigrantes japoneses levariam o Brasil a uma situação de poderio econômico e militar, por meio da recriação da sociedade homogênea que se acreditava existir no Japão” (Lesser, 2001:160).

Entretanto, ao passo que conquistava uma nova posição, favorável, perante a elite brasileira, em contrapartida, a imigração japonesa sofreu com ataques severos de políticas raciais da época, sobretudo aquelas apresentadas por Fidelis Reis.

Fidelis Reis, deputado federal, agrônomo, banqueiro e professor da Universidade de Minas Gerais²⁶, liderou o movimento pioneiro anti-imigração de negros e também de novos asiáticos. Suas propostas colaboraram fortemente para a oposição de imigrantes não-europeus no Brasil. Segundo Fidelis Reis,

[...]como elemento colonizador, o amarello - o japonês e chinês - de forma alguma convêm. Formal é a nossa opposição a qualquer corrente immigratoria de origem amarela. E isso do ponto de vista ethnico, moral, social, esthetico e economico.(...) Raça de outra mentalidade, outra moralidade, outras crenças, falando idioma muito differente, sem nenhum contacto com a nossa, ainda que se adapte ao meio physico, não se affeiçoará ao nosso ambiente moral. Grave erro o insistirmos na sua integração com a nossa raça, no período ainda de formação desta e não homogeneizada e sufficientemente consolidada para isso. (Reis, 1931:170)

²⁶ Fidelis Reis (1880-1962) nasceu em Uberaba, Minas Gerais e foi deputado federal pelo Partido Republicano Mineiro de 1920 a 1930.

Dada a posição de Fidelis Reis, seus projetos de lei ganhavam forte apoio. Em 1921, um de seus projetos de legislação antijaponesa buscava restringir essa imigração a um número equivalente a 5% dos japoneses que já habitavam cada estado. Seu intuito era evitar a imigração de negros e asiáticos e fortalecer a colonização de Minas Gerais por imigrantes europeus (Takeuchi, 2007:45). Apesar de não obter sucesso, as ações de Fidelis Reis corroboraram para o fortalecimento de uma corrente antijaponesa que voltou a atuar novamente em 1930, durante o Governo Vargas, com o apoio de Oliveira Vianna²⁷.

Oliveira Vianna, ao lançar *Raça e Assimilação* (1932), buscou fundamentar teórica e cientificamente a inferioridade de outras “raças”. O japonês, segundo ele, era como “enxofre”, perigoso e insolúvel. Por terem vindo em grupos familiares e (em alguns casos) já virem como arrendatários de terras, apresentavam um perigo com a formação de pequenos latifúndios, pois o grupo familiar garantia-lhe força para diversas conquistas. Também era insolúvel dado o fato que sequer se misturavam com outros imigrantes, quanto menos com aqueles da nação receptora, fechando-se em comunidades (Vianna, 1932:205).

Se havia um movimento eugenista contra os japoneses, que construía uma imagem do indesejável enquanto o “outro”, alguém que do ponto de vista racial/cultural era um perigo de cor amarela (Takeuchi, 2004), notava-se também um posicionamento favorável à imigração japonesa. Os fazendeiros, em sua maioria, se preocupavam mais com a força de trabalho ausente em suas fazendas e, cientes do potencial do imigrante asiático, seu caráter submisso e trabalhador, eram a favor de sua vinda. Alguns políticos, como Nestor Acioli (membro da Assembléia Constituinte) e Afrânio de Mello (Ministro das Relações Exteriores do Governo Vargas), apoiavam a imigração por ver no japonês “maior elemento de progresso do que os povos europeus” (Lesser, 2001:160).

Nesse turbilhão de ideias, favoráveis e contra a imigração japonesa, vieram para Minas Gerais um número mais reduzido de imigrantes japoneses.

Segundo Kehdy e Silva (2010), a imigração japonesa em Minas Gerais pode ser compreendida em dois grandes períodos históricos. O primeiro período, iniciando-se na década de 1910 até meados do século XX e o segundo período que abrange a segunda metade daquele século.

²⁷ Francisco José de Oliveira Vianna (1883-1951), sociólogo, historiador e jurista, adepto às teorias da pureza da raça ariana.

O primeiro período se caracterizou pela entrada de imigrantes japoneses e descendentes que foram atraídos pelas perspectivas de desenvolvimento de atividades produtivas, comerciais, aquelas rentáveis da agricultura, como arroz e hortifrutigranjeiros. Apesar de ter ocorrido em regiões diversas, dado o verdadeiro mosaico que era Minas Gerais quanto à produção especializada de cada região, é fato inegável que a região do Triângulo Mineiro foi a pioneira na imigração, sobretudo no período que vai de 1920 a 1932, pois o número de japoneses atingiu quase dois mil no ano de 1932 (Kehdy e Silva, 2010:79), sendo que praticamente todos esses habitavam a região do Triângulo Mineiro, ocupados com plantações de arroz e, alguns poucos, com a plantação de algodão.

O segundo período, também considerado pós Segunda Guerra, só guardou uma semelhança quanto ao período anterior: uma baixa representatividade numérica. Teve um caráter diferenciado, sobretudo por questões de modernização da agricultura. Nesse período, a população Nikkei que ingressava em Minas Gerais não era mais formada por famílias de trabalhadores agrícolas que migraram como meeiros ou arrendatários para trabalhar em atividades agrícolas comerciais rentáveis, visando o enriquecimento rápido e posterior retorno ao Japão. Dessa vez as pessoas que ingressaram em Minas Gerais faziam parte de projetos industriais de capital japonês, convênios entre Minas Gerais e Japão, projetos agrícolas desenvolvidos com cooperativas Nikkei. Nesse período, mesmo sem vínculo às políticas econômicas, muitos Nikkei procuravam Minas Gerais pelas oportunidades oferecidas na indústria crescente e possibilidade de aquisição de propriedades.

A imigração japonesa no Triângulo Mineiro

Segundo cartogramas apresentados por Pereira e Oliveira (2008:35), os primeiros imigrantes japoneses em Minas Gerais se concentraram na região do Triângulo Mineiro. No início do século XX, o estado de São Paulo contava com pequenas malhas ferroviárias que serviam para a escoação da produção agrícola. Algumas delas cortavam a região do Triângulo Mineiro, como a estrada de ferro Mogiana, que partia de Campinas e chegava em Uberaba, posteriormente expandida até Araguari, sendo uma das principais vias de acesso ao Triângulo Mineiro.

A região do Triângulo Mineiro, no final do século XIX e início do século XX, era uma região de escasso povoamento e certamente sofria com a falta de braços para trabalhos na lavoura, sendo a imigração asiática a alternativa encontrada pelos fazendeiros.

Quando confrontadas, as bibliografias nos trazem dados discrepantes. Segundo Pereira e Oliveira (2008:34), os primeiros imigrantes japoneses para o estado de Minas Gerais são mencionados apenas em “relatos que afirmam ter Minas Gerais recebido, em 1913, 107 imigrantes para trabalhar nas minas de ouro, sendo os únicos mineiros japoneses na história da imigração, mas desses pioneiros não há registros”. Já, Kehdy e Silva (2010:83) apontam que tais imigrantes foram para Nova Lima sob contrato da companhia mineradora St. John Del Rey Mining Co. para trabalhar na mina de ouro Morro Velho. Contudo, segundo os últimos autores, tais japoneses pioneiros após largarem as minas devido às péssimas condições de trabalho, se dividiram em diversas localidades, relatando, a título de exemplo o caso de Mine-san, que se tornou pioneiro na produção de arroz próximo à Estação Guará da Ferrovia Mogiana. Apesar de haver registros, portanto, desses japoneses mineradores, algo que os textos trazem em comum é o pioneirismo da região do Triângulo Mineiro para a imigração japonesa.

Considerando-se tanto o pioneirismo como o número de imigrantes japoneses que ingressaram na região, assim como a importância da atividade econômica [rizicultura] que então desenvolveram, é inegável que o Triângulo Mineiro foi a região realmente pioneira da imigração japonesa em Minas Gerais. (Kehdy e Silva, 2010:83)

Desde então, compreende-se a imigração para o estado de Minas Gerais, sobretudo para a região do Triângulo Mineiro, a partir do final da década de 1910,.

Alguns emissários do governo japonês no Brasil consideraram o estado de Minas Gerais como possuidor de terras de boa qualidade e clima favorável à agricultura. Assim, diversos japoneses que podiam evitar ir para as fazendas de café ou que reuniam condições para sair das fazendas, se dirigiam para Minas Gerais, mais especificamente para o Triângulo Mineiro, donde se tem registro das primeiras cooperativas de imigrantes japoneses, sendo elas constituídas nos municípios de Uberaba e Conquista no ano de 1919 (Oliveira e Pereira, 2008).

A produção de arroz era algo que as experiências dos Nikkei em São Paulo já havia sido comprovada como sucesso, principalmente nas margens do Rio Grande. Muitos imigrantes japoneses e seus descendentes fugiram das lavouras de café de São Paulo e viam Minas Gerais como um novo objetivo, sobretudo pela facilidade da estrada de ferro

da linha Mogiana. Ali, nos seus pontos finais (Uberaba e Araguari), já havia “notícias sobre alguma produção de arroz, realizada da mesma forma que ocorria do lado paulista, onde os imigrantes japoneses começavam a desenvolver seu cultivo” (Kehdy e Silva, 2010:85). Não obstante, a rizicultura era a possibilidade “retornar à atividade de agricultor na verdadeira acepção da palavra, e naturalmente, voltar à forma de alimentação que tal agricultor costumava ter no Japão, isto é, três refeições de arroz por dia.” (Handa, 1987:362). Eles já eram familiarizados com as técnicas de plantio de arroz e o objetivo de acumular riquezas para o retorno ao Japão era um impulso para o trabalho na rizicultura, levando-os a obter, em sua maioria, sucesso no cultivo de arroz.

Nessa primeira fase, o município de Uberlândia figurava como um dos principais produtores de arroz, ocupando a sétima posição entre os dez mais produtores de Minas Gerais, conforme divulgado pelo anuário estatístico de Minas Gerais, elaborado pela Secretaria da Agricultura (Kehdy e Silva, 2010:89). Uberlândia registrou a produção de quase cinco toneladas de arroz em 1925, como também registrava um contingente de cinquenta e nove imigrantes japoneses, que se tornava maior quando contabilizados os seus descendentes: cerca de cento e vinte e cinco Nikkei (Kehdy e Silva, 2010:99).

A imigração japonesa em Uberlândia: fragmentos de uma história

Dessa forma, se até o momento tivemos um panorama geral da imigração japonesa no Brasil, pretendemos entender a realidade local dessa imigração. Somente nos aproximando mais da história de nosso objeto, podemos ver as nuances que o processo migratório possui quando nos referimos aos japoneses no município de Uberlândia.

Se a imigração japonesa no Brasil é um evento de proporções/consequências relativamente grandes, no município de Uberlândia seguiu-se a tendência que se impôs ao estado de Minas Gerais: aqui só se escutou ecos desse processo. Existem poucos registros sobre os imigrantes japoneses no município de Uberlândia e seus descendentes. No intuito de realizar um resgate da memória desse processo, recorreremos aos arquivos públicos municipais, aos museus históricos e documentos que alguns Nikkei mantinham arquivados. O que pretendemos aqui é uma reconstituição do processo da imigração japonesa no município de Uberlândia, nos valendo dos fatos mantidos pela história, seja ela documental ou oral.

Muitos uberlandenses passam por uma grande avenida do município sem suspeitar, em sua maioria, dos processos históricos fundamentais para a história da imigração japonesa no município. Falamos aqui da Avenida Brasil. Agora ocupada pelas mais diversas empresas, concentrando um alto número de concessionária de veículos, bem como lojas de autopeças e vários comércios que disputam espaço com casas de antigos moradores, a Avenida Brasil é uma das avenidas que liga o Bairro Brasil ao centro da cidade²⁸. Contudo, essa configuração é recente e sofreu alterações ao longo da história.

O Bairro Brasil nem sempre possuiu a importância que lhe é dada hoje no panorama uberlandense. Antes de adotar a configuração brevemente aqui apresentada, o local era um conglomerado de diversas vilas cuja área atual compunha a Vila Fluminense, Vila Brasil, Vila Esplanada, Vila Fátima, Vila Mendonça e Vila Operária²⁹. Era um conjunto de vilas populares, de pouca infraestrutura, com ruas em sua maioria de terra batida e casas de alvenaria simples.

As mudanças por meio das quais a região passou alteraram a configuração do bairro, mas não diminuíram a sua importância para compreendermos o caso dos japoneses em Uberlândia, pois esta área sediou a primeira colônia desses imigrantes no município.

Após consultar os principais museus históricos do município, o Centro de Documentação Histórica da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS) e o Arquivo Público Municipal, um fato veio à tona: a vaga, ínfima, quase inexistente aparição dos Nikkei em Uberlândia, conotando assim relativa invisibilidade da história japonesa no município.

Consultamos uma vasta quantidade de documentos, dentre eles jornais municipais, registro de associações de bairro, panfletos, atas, dentre outros. De todas as fontes consultadas, a mais substancial sobre a imigração japonesa em Uberlândia foi um Álbum de Figurinhas emitido pela Casa da Cultura de Uberlândia³⁰. Nele havia alguns fragmentos da história geral de Uberlândia e uma sessão de três páginas dedicada à imigração japonesa no município. Encontramos também algumas informações, de cunho panfletário, que vez

²⁸ Outras vias urbanas de importância também ligam o Bairro Brasil às regiões centrais, tais como a Avenida Afonso Pena e Floriano Peixoto, tamanha a importância do bairro no cenário uberlandense.

²⁹ Dados obtidos do Arquivo: Associação de Moradores do Bairro Brasil – Pasta 01 – Biblioteca de Apoio – Arquivo Público Municipal, ano 2010.

³⁰ A Casa da Cultura de Uberlândia é uma construção datada da primeira metade do século XX que foi doada pelo Estado de Minas Gerais para que ali se reservasse um espaço para exposições das mais diversas expressões culturais.

ou outra tangenciava a vida da comunidade japonesa em jornais da Prefeitura Municipal de Uberlândia (PMU) ou em tablóides locais.

O álbum de figurinhas, já em seu segundo número, tinha a coluna sobre a imigração japonesa no município assinada por dois historiadores: Antônio Pereira da Silva e Josefa Aparecida Alves Pfeifer³¹. Baseados nas informações do álbum, buscamos reconstruir processos através das informações encontradas nos documentos e das imagens fornecidas pelo Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Silva e Pfeifer (2010) iniciam a história da imigração japonesa em Uberlândia ao relatar que foi durante o mandato do ex-prefeito de Uberlândia, João Severiano Rodrigues da Cunha (1912-1922)³², que a primeira colônia de japoneses de Uberlândia se constituiu. No ano de 1920, Uberlândia passou a ser moradia de um grupo de imigrantes japoneses, mais especificamente de monges, que aqui montaram um templo de religião xintoísta³³.

Nas cercanias do templo, a colônia japonesa foi se formando, agregando algumas poucas famílias de *Issei* e *Nissei*³⁴. Como em todo o processo de migração japonesa no Brasil, as condições de vida desses atores sociais não diferiam muito daquelas vivenciadas por seus pares rurais³⁵. Suas moradias eram casas geralmente feita de alvenaria ou mesmo madeira, pintadas em cores vivas.³⁶

³¹ Antônio Pereira da Silva escreve para um dos jornais da cidade. Sobre Aparecida Pfeifer não obtivemos nenhuma informação.

³² João Severiano Rodrigues da Cunha foi o oitavo prefeito a exercer mandato em Uberlândia.

³³ Para mais sobre religiões japonesas, c.f Nakagawa (2008), Usarski (2008) e Nakamaki (1994)..

³⁴ *Issei* e *Nissei* indicam, respectivamente, imigrante japonês e descendente de primeira geração de imigrante japonês. Para mais, c.f. Lesser (2003)

³⁵ Convém apontar que o município de Uberlândia se emancipou do município de Uberaba na década de 1890 e até aquele momento era conhecida como Distrito de São Pedro de Uberbarinha. A partir de 1891 a cidade passou a ser chamada de Uberabinha e ganhou a atual designação no ano de 1929. À época da formação da colônia japonesa, a cidade apresentava características fortemente rurais.

³⁶ A primeira fotografia possui data de 1920 e as demais fotografias possuem data relativa aos anos de 1932 e 1934. Isso corresponde a cerca de dez anos após o estabelecimento de japoneses no município. Valendo-nos de técnicas computacionais com o auxílio de um profissional em design gráfico digital, restauramos parte considerável das cores das imagens baseados em elementos ambientais, condições econômicas estimadas da população Nikkei da época e pequenos detalhes revelados pelas próprias fotografias. O programa utilizado para a correção das imagens foi o AdobePhotoshop® com hardware Tablet Wacom Bamboo. Auxiliado pelo designer gráfico Marlon Augusto Vieira, membro da equipe de design da produtora de jogos eletrônicos Drelsoft, aplicou-se “layers” nas áreas similares das imagens com alteração de “Hue” e “Saturation”, mudando o padrão de escala RGB para CMKY. A resolução das imagens é de no mínimo 300dpi. Os recursos, tanto humanos, físicos e financeiros permitiram a reconstituição de apenas três imagens.

Figura 1: Panorama de casas da colônia japonesa em Uberlândia (1920) – Original



Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia

Figura 2: Panorama de casas da colônia japonesa em Uberlândia (1920) – Reconstituída



A simplicidade das construções apresenta o grau de precariedade das condições de vida de tais imigrantes, o que não difere dos apontamentos de Handa (1987:12) segundo os quais, “foi muito tempo depois de chegarem ao Brasil que os imigrantes japoneses começaram a tentar embelezar a casa ou a usar roupas que correspondessem ao seu gosto” e complementado por Cardoso ([1972]1995:117): “os imigrantes se despojaram de muitos aspectos de sua vida tradicional que não podiam ser mantidos nas condições de isolamento e pobreza”.

Um dos elementos diferenciadores da imigração japonesa foi justamente por ser composta por famílias, tendo elas em média oito membros, acarretando num esforço de adaptação às precárias condições de moradia. Assim, por mais que tais imigrantes estivessem num “meio urbano”, suas condições e estilo de vida apresentavam características rurais, lembrando as casas de imigrantes das fazendas.

Outro elemento a ser mencionado é a relação com a natureza. Apesar do solo do cerrado não ser propício ao cultivo de diversas culturas³⁷, havia o esforço de manter as pequenas hortalças de vegetais e legumes, um tipo de cultura que no Brasil foi implantando e desenvolvido pelos japoneses, bem como o orgulho de toda casa japonesa: o seu jardim. Um dos padrões da cultura japonesa é a capacidade de manter e contemplar a beleza nas condições mais adversas (Benedict, [1948]2009) e, para uma família, ser capaz de manter seu jardim nas mais perfeitas condições era motivo de orgulho (Daigo, 2008).

Inclusive, como apresenta Cardoso ([1972]1995:115), na primeira metade do século XX, os imigrantes japoneses mantinham o interior de suas residências inúmeros pertences, muito mais do que os “caipiras” que também habitavam as fazendas, contudo, seu senso de estética se mantinha na preservação e cultivo de plantas em geral. Num dos relatos de Nakasato (2011) sobre sua família, faz-se claro o descontentamento do imigrante japonês em não conseguir manter um belo jardim no “batido, seco e ruim solo brasileiro”.

Nota-se que o templo possuía um portal, o que não se observa noutras residências, reafirmando assim sua importância para aqueles imigrantes. Não é desconhecida a relevância das religiões para o senso de coletividade ou identidade de um grupo (Durkheim, 1998), fazendo do templo xintoísta um local para o encontro da pequena comunidade, tornando-o um ícone de importância para a colônia.

³⁷ É de conhecimento geral que o solo do cerrado brasileiro possui caráter ácido, apresentando uma alta concentração de Alumínio (Al^{3+}) e Hidrogênio (H^+).

Figura 3: Templo Xintoísta em Uberlândia (1932) - Original



Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia

Figura 4: Templo Xintoísta em Uberlândia (1932) – Colorida



Pela imagem, podemos notar elementos tradicionais japoneses. Os *kannushi*³⁸ com seus chapéus característicos, segurando o *Sensu* (leque japonês usado em rituais) junto à população local, ressaltam a importância religiosa para os imigrantes. Considerando que no Brasil, até então, a principal imigração oriental ainda era a japonesa, é provável que os *kannushi* que aqui construíram seu templo foram os responsáveis pela existência da primeira prática religiosa japonesa (Xintoísmo) no município de Uberlândia.

Como apresentam Nakagawa (2008) e Usarski (2008), a prática religiosa japonesa possui certo grau de dificuldade quanto ao seu entendimento, sobretudo por culturas monoteístas. Nakamaki (1994:90-94) apresenta que as duas principais religiões japonesas no século XX eram o Xintoísmo e o Budismo, ambas religiões pluralistas e que rejeitam o monopólio de uma divindade (monoteísmo). Há uma coexistência separada de *kami* (deus do xintoísmo) e *hotoke* (deus do budismo), levando a possibilidade de professar ambas as religiões sem conflito algum. Vale ressaltar, que não é raro os casamentos serem celebrados através de rituais xintoístas e os funerais serem realizados por rituais budistas. Assim, Nakamaki (1994) sustenta que há uma “divisão do trabalho” entre as religiões, visto que ambas não se excluem e apresentam rituais para os mesmos eventos da vida cotidiana, ou seja, o xintoísmo também possui rituais de funeral e contemplação dos mortos e o budismo também possui seu ritual para o casamento.

Tais condições corroboram para a ideia da baixa fidelidade dos japoneses, sobretudo da primeira geração de imigrantes de Uberlândia, quanto às religiões nativas do Japão. Isso porque quando pensamos no termo “fidelidade religiosa”, entende-se a filiação a uma única religião. O que Usarski (2008) apresenta é que, habituados às diversos ritos de práticas religiosas diferenciadas e sem que a execução de uma cause conflito com a outra, quando avaliados sob as condições daquela época, ou seja, de uma minoria inserida num contexto étnico diferente do seu, o que se impõe ali são fronteiras étnicas (Barth, 1969) em que a relação da colônia japonesa com seus vizinhos (a sociedade receptora) vai se dando num jogo de interações que moldam os hábitos e ações do grupo.

³⁸ *Kannushi* é o nome dado ao sacerdote/monge responsável pela perpetuação da prática xintoísta. Os textos utilizam o termo monge de forma ocidentalizada, assim, considerar que monge também se refere ao *kannushi*.

Podendo professar as duas religiões no Japão, não raro os *kannushi* de Uberlândia tinham seu papel como representantes religiosos dividido, celebrando um ou outro evento que, todavia, não retirava-lhes a importância enquanto representantes religiosos³⁹.

Isso pôde ser comprovado ao observar uma imagem de um enterro/funeral no Cemitério São Pedro por imigrantes japoneses.

Figura 5: Enterro e imigrantes japoneses de Uberlândia - Original



Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia

Apesar do lugar parecer apenas um grande campo com valas para enterro, atualmente essa região pertence ao Cemitério São Pedro, um cemitério localizado no Bairro Martins/Oswaldo Rezende e não muito distante do Bairro Brasil (região onde instaurou-se a primeira colônia). Identifica-se o local em virtude de seu relevo e panorama, em que o declive ao fundo nos remete à área do Rio Uberabinha, rio que atravessa a cidade de Uberlândia e que, no trecho apresentado, é atualmente utilizado para evasão de esgoto, tendo a antiga “Avenida Goiânia” aos fundos.

Na imagem, não observamos nenhum *kannushi* ou *miko*⁴⁰ realizando os rituais xintoístas de enterro, abrindo a possibilidade desse processo ter sido executado de forma

³⁹ Consta no Álbum de figurinhas da Casa da Cultura que no ano de 1983 o Dr. João Alberto de Carvalho Luz (Secretário Municipal de Finanças) foi abordado por um jornalista da Globo Rio, em Recife, e que tal jornalista havia publicado uma matéria sobre a colônia japonesa em Uberlândia, apresentando a suma importância dos monges no cenário religioso e sua importância para a comunidade local.

budista, ou, até mesmo, de forma católica, visto que o catolicismo, até então, era predominante naquele período histórico e a proibição de prática orientais em solo ocidental foi uma das barreiras pelas quais os imigrantes japoneses passaram.

Considerando, portanto, essa flexibilidade das práticas religiosas japonesas, que tiveram como ícone o templo xintoísta ali construído, é que apresentamos outra imagem que, ao nosso ver, tentou reunir, se não todos, ao menos a maioria da comunidade japonesa daquela época em frente ao templo.

Figura 6: Comunidade local em frente ao templo



Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia

⁴⁰ *Miko* são virgens/santas responsáveis pelos rituais de purificação no xintoísmo. Ao contrário de muitas religiões, o xintoísmo permite sacerdotisas.

Figura 7: Comunidade local em frente ao templo – Editada



Nas fontes consultadas, são inexistentes os dados demográficos referentes a esses imigrantes no município de Uberlândia, todavia, buscamos aqui contribuir com a extração da quantidade de homens e mulheres japonesas que se reuniram à frente do templo xintoísta. Acreditamos que tais indivíduos são parcela significativa da colônia japonesa, visto que tudo nos leva a crer que a primeira colônia japonesa de Uberlândia era uma colônia de pequenas proporções.

Pela imagem, observa-se não apenas Nikkei, imigrantes japoneses, mas também outros representantes de grupos étnicos minoritários, tais como os negros, que compõem a foto. Ora, se a colônia japonesa fosse hermética, as fronteiras de contato com outros grupos estariam muito bem delimitadas. É comum pensar os grupos étnicos como fechados e homogêneos, sobretudo quando pensamos os japoneses no Brasil por terem configurado colônias e evitado, sobretudo, os casamentos fora dela⁴¹. Todavia, como aponta Fredrik Barth,

Se um grupo mantém sua identidade quando membros interagem com outros, isso implica critérios para determinar associação e os modos de sinalizar pertencimento ou exclusão. Grupos étnicos não são meramente, ou necessariamente baseados na ocupação de territórios exclusivos. [...] em contrapartida, uma dicotomização dos outros como estranhos, como membros de outros grupos étnicos, implica o reconhecimento de limitações nos conhecimentos compartilhados, diferenças no critério de julgamento de valores e

⁴¹ Não raro, os casamentos nas colônias japonesas eram feitos “por encomenda”. Chamado de *Miai*, o casamento ocorria através da troca de fotografias ou já estipulado pelos patriarcas da família (Daigo, 2008).

ações, e uma restrição de interação a setores de entendimento comum e interesses mútuos. (Barth, 1969:15, tradução nossa)

Isto posto, é possível se configurar como um grupo visto que seu isolamento total é impossível e está sujeito sempre a fronteiras com outros grupos. O pertencer ou não ao grupo étnico está delimitado pelas fronteiras (não necessariamente geográficas/espaciais) que um grupo impõe aos demais nos processos de interação, que, em geral, se limitam a áreas comuns de atuação. Isso implica na manutenção de fronteiras com a comunidade local ou grupos étnicos minoritários no tocante à produção, visto que para cá migraram japoneses para a produção de arroz, gerando uma situação de simbiose no processo de contato interétnico, pois

[...] é possível que no contato com outros grupos ambos providenciem bens e serviços uns para os outros, por exemplo, ocupação recíproca e portanto diferentes nichos mas em interdependência próxima. Se eles não se articularem muito próximos no campo político, isso implicará uma situação simbiótica clássica e uma variedade de diversos campos de articulação. Se eles também competem e se acomodam por monopolização diferenciada dos meios de produção, isso implica uma aproximação política e econômica, com possibilidades abertas de outras formas de interdependência. (Barth, 1969:19-20)

Articulando-se, portanto, com a sociedade receptora, a imagem anterior nos apresenta indivíduos que, mesmo não sendo japoneses, estavam presentes na colônia. É razoável supor de que existe a possibilidade de alguns desses indivíduos não serem da colônia de Uberlândia, podendo ser familiares ou conhecidos que, em virtude de alguma ocasião, estivessem reunidos. Todavia, tal possibilidade parece-nos remota visto que o deslocamento humano naquela época era difícil e os japoneses mais próximos se encontravam no município de Uberaba, cerca de 110Km de Uberlândia.

As imagens trazem ainda um indicativo quanto à distribuição de membros da colônia, pois não apresenta grandes discrepâncias no que diz respeito à constituição das famílias japonesas. Apesar da preferência na imigração ser para a força de trabalho masculina, a característica mais marcante da imigração japonesa no Brasil reside no fato de que ela foi condicionada à estrutura familiar (Cardoso, [1972] 1995). Assim, por vezes era normal o número de mulheres se aproximar ao de homens, sobretudo porque a família era vista como uma unidade cooperativa e as mulheres também contavam como força de trabalho. Tal situação é confirmada pelos dados de Kehdy e Silva (2010:99) que apontam para o número de homens e mulheres Nikkei em Uberlândia nos primeiros períodos de imigração: 97 homens e 87 mulheres.

É bastante difícil avaliar como realmente transcorria a vida desses colonos e suas famílias, suas práticas de trabalho e também lazer. Contudo, acreditamos que o município de Uberlândia não foi o destino primeiro desde sua chegada ao Brasil. Encaramos a vinda desses imigrantes para Uberlândia em virtude do processo de expansão e colonização japonesa pelo Brasil, visto que, não suportando as duras condições de exploração nas fazendas cafeeiras, os japoneses foram pioneiros no desbravamento e formação de colônias étnicas (Daigo, 2007).

Maeyama (1979:590) observou que cerca de 94,3% dos chegados nos anos vinte e trinta destinaram-se inicialmente à atividade agrícola, e dentre eles, cerca de 90,0% como **colonos** nas fazendas de café, com apenas 8% instalados em área urbana. Aqueles com alguns recursos, seguiam como lavradores-pioneiros (Cardoso (1972:363) abrindo novas áreas de cultivo como proprietários da terra nas áreas suburbanas das cidades, dedicando-se à olericultura ou ao pequeno comércio urbano. É o período em que são criadas grande número de associações, possivelmente com uma organização fundada em princípios análogos ao da família tradicional. Conforme mostra Yoshie (1993) os estatutos dessas associações seguiram/seguem os procedimentos tradicionais dos **muras** (aldeias) organizadas e compostas por grupos familiares. Cria-se destarte, colônias japonesas as quais, dada a prevalência de laços de afinidade sobre os de consanguinidade, são informadas e organizadas por uma ideologia de parentesco. (Woortmann, 1995: 4-5)

Esses japoneses, chegados ao município de Uberlândia e que deixaram o Japão antes da grande ocidentalização, ocorrida lá após a II Guerra Mundial, trouxeram consigo costumes muito diferentes dos nossos (Cardoso, [1972] 1995:114). Por isso, ao se organizarem na forma de colônias, a perpetuação de traços da cultura tradicional japonesa foi possível, em larga medida. Tais hábitos eram muito singulares e diferentes do *modus vivendi* brasileiro. Tão diferentes eram esses hábitos que não raro marcaram conflitos entre a sociedade receptora e os imigrantes japoneses, sobretudo num período histórico em particular: A II Guerra Mundial. É em virtude desse conflito que a primeira colônia japonesa de Uberlândia encontrou seu fim.

Silva e Pfeifer (2010) narram que a colônia japonesa de Uberlândia permaneceu na mesma área por cerca de vinte anos. Com o acirramento da política de imigração internacional e da II Grande Guerra Mundial, a colônia encontrou sua extinção a partir dos primeiros anos da década de 1940. No período do Estado Novo, os imigrantes japoneses tiveram seus direitos vetados.

Em 1939, eram fechadas todas as associações culturais, escolas e jornais em língua estrangeira no Brasil. Com a guerra, passou-se à proibição da entrada de livros em Língua Japonesa, do porte de carteira de motorista para japoneses e, por fim, à suspensão da liberdade de locomoção. (Kodama e Sakurai, 2008:17)

Submetidos à perseguição em virtude do rompimento de acordo entre Japão e Brasil na II Guerra Mundial, no ano de 1942, o Departamento de Ordem Política e Social⁴² (DOPS) atuou fortemente no município de Uberlândia. Os japoneses que aqui residiam foram perseguidos pelo DOPS. Os monges e demais moradores foram acusados de espionagem contra o governo brasileiro, culminando na expulsão de mulheres e crianças da região e a prisão de monges e demais homens. Esses últimos foram encaminhados à central do DOPS em São Paulo. Estima-se que até o término da II Guerra, em 1945, nada se sabia dos presos japoneses. Não havia registro de suas situações, tampouco pistas de seu paradeiro. Somente após 1945, soube-se que a maioria dos presos fora liberta e que quase todos os monges e moradores permaneceram na cidade de São Paulo em virtude da colônia da Liberdade (Silva e Pfeifer, 2010).

Segundo o relato do Dr. João Alberto de Carvalho Luz, no Álbum de Figurinhas da Casa da Cultura de Uberlândia, somente o *kannushi* chamado Tanaka retornou ao município de Uberlândia. Não havendo mais templo ou comunidade, Tanaka viveu no município de Uberlândia até a sua morte em 1980, trabalhando como relojoeiro numa das principais avenidas de Uberlândia: a Avenida Benjamim Constant.

Após a II Guerra, não há registros de formação de uma colônia de japoneses em Uberlândia. O que se encontra são descendentes dos primeiros japoneses a chegarem ao Brasil habitando diversas áreas do município, com alguma concentração de descendentes japoneses no Bairro Brasil, o bairro em que originalmente começou a história da imigração japonesa em Uberlândia.

Não havendo mais imigrantes japoneses da primeira colônia vivos e residentes em Uberlândia, nos resta, portanto, dar atenção àqueles que perpetuaram a vontade de seus antepassados e que, ao longo dos anos, passaram por diversas designações no Brasil, sendo, inclusive, estigmatizados: os Nikkei⁴³.

⁴² O Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) foi criado no ano de 1924 e foi utilizado ao longo de vários governos, sendo expressivamente utilizado nas ditaduras Vargas e Militar. Sua principal função era reprimir/eliminar movimentos de cunho antigoverno ou antinacionalistas.

⁴³ Para Goffman (1988) os atores sociais podem ser portadores de características que os torna singulares de acordo com as especificidades de seus ambientes sociais. Esses atributos, mesmo quando manipulados, são importantes para revelar a identidade social, pois deterioram sua identidade marcando-os com um *estigma*.

Os Nikkei

Apesar de já apresentados, desejamos aqui nos debruçar um pouco mais sobre a categoria que engloba os imigrantes japoneses no Brasil e seus descendentes: a categoria Nikkei.

Ao longo de toda a história da imigração japonesa no Brasil, algo incontestável é a vasta gama de classificações que os imigrantes receberam, tanto quanto à sua origem nacional, quanto à sua ascendência, à sua descendência, à sua atuação, à sua produção, enfim, todas as esferas de sua vida.

Do *Issei* ao *Yonsei*, do “cisto amarelo” ao “japa”, do modelo ideal de trabalhador a um grande risco para identidade nacional brasileira, o japonês e seus descendentes foram marcados por muitas classificações. Inclusive, apesar de haver uma categoria pertencente ao vocabulário japonês que é capaz de englobar todo esse emaranhado de identidades, ela certamente é mais acurada ao ser usada por cientistas que desejam entender os processos pelos quais esses imigrantes e seus descendentes passaram. A denominação e categoria chave para entendê-los é: Nikkei.

Nikkei ou Nikkei, independentemente da grafia que pode ser encontrada em diversas obras, é uma categoria que busca reunir os imigrantes japoneses e seus descendentes como um grupo só, passível de estudo e referência. Apesar de sua quase homogeneidade nos estudos sobre imigração japonesa, a categoria deve ser colocada sob um prisma situacional para então ser utilizada.

Ao tomar os Nikkei como uma categoria que engloba todos aqueles imigrantes japoneses e seus descendentes, perde-se, em larga medida, uma das principais características da história da imigração japonesa: as particularidades que os diversos atores sociais possuem em suas trajetórias de vida. Apesar de ser possível traçar em linhas gerais uma história comum da imigração japonesa, cada história de vida é diferente no tempo, espaço e, inclusive, no imaginário social brasileiro.

Numa nota introdutória ao livro “Nikkei e sua Americanidade”, lançado por ocasião da III Convenção Panamericana Nikkey, Maçahico Tisaka (1986) classifica o Nikkei como “pessoas de origem japonesa”.

Há algum tempo tais atores sociais recebiam uma designação diferente e muito própria em virtude de serem japoneses fora do Japão. Todavia, essa designação passou a

ser mais amplamente empregada quando passaram a aceitar a derrota do Japão na II Guerra mundial e buscaram, por fim, se fixar no Brasil, adotando os hábitos dessa terra.

Para entender um pouco mais do Nikkei, Mary Fukumoto lança a questão:

¿Qué tan americanos son los “nikkei” em las Américas? Aún cuando el término “nikkei” alude tanto a los inmigrantes como a sus descendientes la pregunta parece estar referida principalmente a estos últimos, quienes por haber nacido y haberse socializado en estas tierras, son los verdaderos co-partícipes de dos culturas y cuya americanidad habría que averiguar (Fukumoto, 1986:81)

A preocupação que se coloca para entender o Nikkei e relacioná-lo à sua “americanidade” foi extensamente trabalhada na III Convenção Panamericana Nikkei, realizada em São Paulo e cuja palestra de abertura foi proferida pelo Professor Fernando Henrique Cardoso. Até então, buscava-se compreender em que medida os japoneses haviam incorporado a “americanidade”. O que se observou foi que os Nikkei de cada país incorporavam diversas “-idades”. Ainda que Fukumoto estivesse voltada para compreender a identidade dos imigrantes japoneses no Perú e sua “peruanidad”, no Brasil e ao redor do mundo a história da imigração japonesa possui esse ponto em comum: os japoneses e sua(s) identidade(s).

De tal maneira que, em notas, Fukumoto ressalta:

[...] en el caso de los inmigrantes japoneses es de menor interes ya que son mucho menores en número; tienen, en su mayoría, edad avanzada; y además, por haber nacido y haberse criado en el Japón, su “americanidad” no reviste la actualidad e importancia que si tiene en el caso de sus descendientes.” (Fukumoto, 1986:82)

Similar às preocupações de Fukumoto, no Brasil, buscou-se também realizar o debate sobre o Nikkei e sua brasilidade. Nas primeiras décadas do século XX, a maior parte dos Nikkei utilizava a autodenominação “japoneses” (*nihonjin*), pois assim fazia a maioria de seu grupo. Ao mesmo tempo, emergia fortemente o termo *Nissei* (que significa a segunda geração de japoneses), influenciado, sobretudo pela sua aplicação entre nos nipo-norte-americanos (Lesser, 2001:226). Começava-se então a distinguir japoneses de seus descendentes por uma questão geracional. Criavam-se novas categorias como *Issei*, *Nissei*, *Sansei* e *Yonsei* para designar primeira, segunda, terceira ou quarta geração, respectivamente, entre os japoneses e seus descendentes⁴⁴.

⁴⁴ De tal maneira que ao traçar a linhagem de uma família japonesa, encontra-se formas específicas de designação das gerações. Os fundadores da “casa”, ou seja, do grupo familiar, são chamados de *Isseis*. A segunda geração é chamada de *Niseis*, a terceira de *Sanseis*. O sufixo “sei” indica fluxo de vida, assim a vida começa com os avós, passa para os pais, netos, bisnetos etc.

Quando, na década de 1930 a política brasileira anti-imperialista se aplicava para a reafirmação da identidade brasileira, o termo “*nissei*”, ostensivamente norte-americano, foi abandonado em favor de “*danissei*”. Mas este último não foi muito aceito, caindo em desuso e já na década de 1940 o termo “Nikkei” passou a distinguir os nipo-brasileiros tanto da geração imigrante quanto dos nipo-americanos - dos Estados Unidos (Lesser, 2008).

Por mais que, atualmente, pensemos o Nikkei como todo e qualquer japonês ou descendente que viva/nasça fora do Japão, ao longo de toda a trajetória de tais atores, a categoria serviu ora pra designar descendentes puros, ora pra designar mestiços, ora pra designar os imigrantes japoneses de forma geral. Seu uso amplo, inclusive nas bibliografias mais acuradas sobre a identidade Nikkei (Lesser, 2001,2008; Sasaki Pinheiro, 2009), fez com que se tornasse a categoria que ao mesmo tempo que melhor permitia trabalhar com o fenômeno dos imigrantes japoneses e seus descendentes em uma escala mais geral, fornecia a possibilidade de usá-la em situações muito particulares ao contextualizá-la.

Quando pensamos em Nikkei e o trabalho de campo, precisamos antes saber como encontrar esses atores para, então, definirmos o nosso campo. Historicamente, sua principal atuação se concentrou nas fazendas de café e produção de outros gêneros comuns ao ambiente rural. O livro de Handa (1987), *O imigrante japonês: a história de sua vida no Brasil* bem retrata as condições de vida do imigrante japonês nos anos iniciais, apontando suas formas de associação voltadas para a formação de um grupo com fronteiras mais sólidas que evitavam, em larga medida, o contato com outros grupos étnicos.

Como destaca Tsuda (2003:123-124, tradução nossa),

[...] se para Durkheim a sociedade foi o objeto do qual os indivíduos podem se sentir alienados em razão de condições sociais anômicas, se para Marx os trabalhadores no capitalismo experimentam a condição de *alien* quanto ao seu próprio trabalho e quanto ao produto de seu trabalho, os japoneses parecem ter sofrido os impactos de uma alienação por conta de uma segregação étnica, por serem uma minoria imigrante.

A dinâmica de se fechar relativamente a outros grupos, tanto por motivos internos ao próprio grupo (que tinha como meta o retorno ao Japão, e por isso não via motivos para interagir com outros grupos), quanto por motivos externos (o de serem vistos como diferentes e várias vezes como inferiores) veio se alterando ao longo dos tempos, principalmente após a II Guerra Mundial, momento em que o Brasil se tornou a morada

definitiva para vários Nikkei, que passaram a atuar nos mais variados campos da produção brasileira.

Baseado em atuações de Nikkei em setores específicos da produção, o gráfico nos indica uma mudança no histórico desse grupo.

Tabela 5: Distribuição de Nikkei por atividade (1960/2000)

Atividade	Anos			
	1960	1980	1991	2000
Agricultura	54%	31%	24%	18%
Indústria	12%	24%	22%	19%
Comércio	7%	10%	13%	14%
Crédito/Seguros	1%	2%	2%	1%
Serviços	21%	29%	35%	38%
Administração Pública	3%	4%	5%	5%
Outros	2%	0%	0%	5%
Total	100%	100%	100%	100%

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1960/2000; Beltrão, Sugahara e Konta, 2008.

Segundo as estatísticas (e considerando o histórico da imigração japonesa no Brasil), temos um avanço dos Nikkei em atividades de Serviços e Comércio, atividades majoritariamente urbanas, ao mesmo tempo em que temos um decréscimo da participação Nikkei na agricultura, atividade majoritariamente rural. Todavia, segundo Kehdy e Silva (2010), a participação Nikkei na agricultura em Minas Gerais foi incentivada na segunda metade do século passado por acordos como o Programa Cooperação Nipo-Brasileiro para o Desenvolvimento dos Cerrados (PRODECER) de 1979. Capital japonês foi fortemente empregado em Minas Gerais, exclusivamente nas zonas rurais, alavancando certas culturas e empresas, como a Usiminas. Uma tendência da agricultura no cerrado é a não permanência dos investidores nas zonas rurais, geralmente maquinizadas, levando à sua permanência nas cidades próximas, configurando a agricultura como um negócio antes de uma prática (Kehdy e Silva, 2010).

Ainda segundo Kehdy e Silva (2010:209), estima-se no ano 2000, cerca de vinte e nove mil Nikkei residiam em Minas Gerais, sendo 86% de seu total residente em área

urbana. Na região do Triângulo Mineiro, a estimativa do mesmo ano era de cerca de três mil e quinhentos Nikkei, sendo que 90% eram residentes de áreas urbanas, apesar de historicamente terem sido absorvidos nas lavouras de café e outras culturas rurais, boa parte dos Nikkei agora se encontra em regiões urbanas.

Na busca pelos Nikkei de Uberlândia, acabamos por conhecer uma forma associativa adotada entre alguns: A Associação Nikkei de Uberlândia. Ao observar sua dispersão no município e uma forma mais aparentemente sólida de agrupamento social, a pesquisa voltou-se para a compreensão dos espaços ocupados pelos Nikkei e como se configura a forma associativa adotada por eles, buscando compreender sua formação enquanto um grupo de atores sociais que compartilham, em primeira instância, uma característica comum: serem descendentes de japoneses.

CAPÍTULO 2 – ASSOCIAÇÃO NIKKEI

“Lococentrismo” japonês e o “rei” da pesquisa

Quando nos reportamos à cultura japonesa de um modo geral, devemos ter em mente aquilo que Nakagawa (2008) designou como *lococentrismo*⁴⁵ e que Ruth Benedict ([1946]1988) traçou como um dos padrões da cultura japonesa. As relações entre japoneses e seus descendentes (geralmente a primeira e segunda gerações) são designadas, em sua maioria, em relação à cena, ao local (*locus*) em que se está, gerando sempre um novo sistema hierárquico e de tratamento para cada ocasião, baseado nos atores que estão presentes, no local que se está e nas circunstâncias em que o evento ocorre⁴⁶.

⁴⁵ Nas ciências sociais o lococentrismo é mais conhecido pelas articulações sobre o comportamento juvenil na modernidade, realizadas por Michel Mafesoli. Apesar de se remeter à mesma etimologia, seu significado varia nas concepções de Nakagawa. Para mais, cf Nakagawa (2008) e Mafesoli (2005)

⁴⁶ A fim de explicar este lococentrismo e a (re)formulação hierárquica de que tratamos, utilizaremos exemplo a seguir. Na sala de aula, do primeiro ano do ensino médio temos, numa primeira instância, dois tipos de atores: professor (que chamaremos de João Okada) e alunos. Assim, as relações que podem existir são entre aluno-professor e aluno-aluno. No primeiro caso, dado o ambiente, os possíveis tratamentos entre aqueles atores têm ações partindo do aluno para o professor. Nesse caso, o aluno jamais chamará o Professor Okada apenas pelo nome (João). Um sufixo honorífico é adicionado ao nome para designar a posição do professor dentro de um sistema hierárquico. Dessa forma, se para nós o Professor João é comumente representado pelo seu nome apenas, um aluno japonês (ou no contexto de cultura japonesa como os dojôs de artes marciais) irá dizer sempre Okada-sensei. Inicia-se o tratamento pelo sobrenome, mostrando respeito, e usa-se o sufixo “-sensei” indicar professor, sábio, mestre, guia, instrutor, enfim, aquele que nasceu antes de nós e que, por ter mais experiência, é capaz de nos ensinar algo. Ainda nessa situação, Okada-sensei possui formas preferenciais de tratamento para seus alunos. Com os alunos em geral, porém mais especificamente com os rapazes, o sufixo utilizado em geral será o “-kun”, demonstrando que não há muita intimidade entre eles e sim posições sólidas de tratamento e distanciamento entre aluno-professor. Ainda nesse caso, o professor utilizará o sobrenome/nome de família do aluno ao invés de seu nome próprio. Em alguns casos, poderá usar o sufixo “-chan”, nos quais demonstrará uma abertura, uma intimidade e “permissão” maior. O sufixo “-chan” geralmente é utilizado com garotas e crianças pequenas, mas não exclusivamente. Se, um desses alunos estiver em uma posição hierárquica maior que a do professor, como no caso de uma princesa, a filha de uma família muito rica ou cujos pais são benfeitores da escola, Okada-sensei preferencialmente utilizará o sufixo “-hime” que significa algo como “princesa”. Entretanto, no segundo panorama, o de relações entre alunos apenas, o tratamento utilizado entre eles dependerá do grau de afetividade ou, numa expressão mais acurada, “permissão de relação”, que aqueles atores terão entre si. Tomemos três alunos como exemplo: Yui Fujimoto (aluna), Keiji Murata (aluno) e Ishida Nishimura (aluno). Como os três possuem o mesmo lugar na hierarquia, não devem honoríficos de superioridade ou inferioridade entre si. Todavia, os sufixos ainda são utilizados nos nomes para as relações baseadas em um grau de “afetividade” que os atores possuem entre si. Será comum Keiji e Ishida se reportarem a Yui Fujimoto como Yui-chan, ou se possuírem muito mais intimidade, apelidarem-na de Y-chan. Keiji Murata e Ishida Nishimura, geralmente, reportarão entre si como Keiji-kun e Ishida-kun. Se algum deles possuir um tipo de educação diferenciada e mais ortodoxa, optará por usar o sobrenome do colega acrescido de “-san”, para indicar respeito, educação e ainda assim um distanciamento. Se, durante o intervalo, um desses jovens precisar se reportar a outro aluno da segunda ou terceira série (séries superiores), geralmente usará o sufixo “-senpai” que significa algo como veterano. O “veterano” não possui obrigatoriedade de mostrar um honorífico de posição, usando geralmente aqueles comuns como “-kun”, “-san” ou “-chan”, mas se quiser fazê-lo (apesar de raro), utilizará o sufixo “-kouhai” (calouro).

O que se coloca aqui é que

[...] o *eu* dos japoneses encontra-se num estado de indefinição, por assim dizer, por falta de pontos de referência, enquanto um objeto particular ou um parceiro concreto não aparecer e o locutor não lhe tiver determinado a natureza exata. (Nakagawa, 2008:26)

De maneira alguma se quer aqui dizer que aqueles atores sociais vinculados à Associação ou aqueles Nikkei fora dela seguem sempre essa forma de conduta, longe disso. Afinal, são brasileiros. O que se quer destacar é que há possibilidades de encontrar essas formas de expressões entre os Nikkei, reafirmando por vezes sua herança histórico-cultural. Tal ação se dará segundo um *lococentrismo*, em relação ao cenário e atores que estarão presentes, pois o “eu” nessas situações só se posiciona em relação a um “outro” inserido num determinado ambiente. Similar à piscadela balinesa⁴⁷, observar um Nikkei usando um “-sufixo honorífico” é observar a perpetuação e ressignificação de (novas) expressões em solo brasileiro.

Desse ponto em diante, ao nos reportarmos aos nossos interlocutores ou quaisquer atores sociais que compõem o cenário Nikkei no município, empregaremos o “-sufixo honorífico” para melhor situar a relação de pesquisador e pesquisado. Isso não é, senão, outro elemento (ou padrão, se considerarmos uma tendência culturalista já mencionada ao analisar comportamentos) da cultura japonesa e que, sem dúvidas, está presente nas relações entre Nikkei. Essa postura diz respeito ao *rei*. Numa tradução incerta, porém mais aproximada possível, indica respeito, consideração, cortesia.

Um dos elementos motivadores das pesquisas sobre cultura japonesa é o de compreensão do *rei* entre os japoneses (Nakagawa, 2008; Fukumoto, 1986). Esse *rei*, ao permear todas as esferas da vida desses atores, torna-se um diferencial para aquele povo e, em se tratando de seus descendentes no Brasil, o *rei* ensinado pelos pais para as gerações de Nikkei contrasta com as formas culturais mais essencializadas no Brasil, vale dizer, o “tipo social brasileiro”⁴⁸. Muitas vezes apresentado como um comportamento mais retraído, sistemático e metódico comumente associado aos japoneses (Lesser, 2008), o *rei* é antes de tudo uma postura de valores amplos e, como a maioria dos elementos culturais, é executado de forma inconsciente em boa parte das relações, como veremos adiante. Aqui

⁴⁷ A expressão “piscadela balinesa” remete ao projeto interpretativo de Clifford Geertz de leitura da cultura como um texto através das mais sutis experiências do trabalho de campo. Para mais, cf. Geertz (1989).

⁴⁸ No intuito de se entender o “tipo social brasileiro”, encontramos diversas formas de expressões que são consideradas típicas do brasileiro. Dentre elas, a malandragem, a sexualização, a espontaneidade, a cordialidade, dentre outros aspectos. Para mais, cf. DaMatta (1977), Freyre([1933]1980) e Holanda ([1936]1995).

executamos o *rei* ao considerar as posições e conceder o honorífico aos interlocutores da pesquisa.

Determinadas as condições, busquemos agora apresentar o cenário das relações Nikkei no município de Uberlândia através de uma entidade significativa, traçando seu histórico, apresentando seus atores e, principalmente, apontando suas atividades para compreendermos formas de associação que servem/serviram para mediar relações sociais.

Em busca da Associação

Apesar da emergência de diversas manifestações culturais japonesas no município de Uberlândia, algo que certamente estava escondido do público era a Associação Nikkei de Uberlândia (ANIUDI).

Dada a familiaridade e a condição nativa de seus pesquisadores, essa pesquisa contou com o auxílio de um fragmento de memória pessoal: ainda estava presente na memória a imagem de um banner em frente a uma construção no Bairro Brasil escrito Associação Nikkei. Contudo, já havia passado cinco anos desde que havíamos visto tal local de relance ao passar de carro. Sem poder confiar exclusivamente na memória do pesquisador, mas ao menos com um indicativo da localidade da Associação, buscamos informantes que soubessem o paradeiro exato.

Os informantes mais imediatos em contato com a cultura japonesa eram informantes de pesquisas anteriores: jovens cujos processos identitários eram formados por usos, desusos e ressignificações da cultura pop japonesa (Silva, 2010). Daqueles que foram capazes de uma resposta positiva, a indicação era a mesma: “Fica no Bairro Brasil”. Nenhum daqueles jovens sabia a real localização da Associação. Tampouco ela estava registrada nos catálogos de endereço da cidade.

Num outro grupo de informantes, estavam aqueles contatos ligados a restaurantes de comida japonesa na cidade. Sendo comum a presença de Nikkei e de pessoas que, em algum grau, tinham contato com a cultura japonesa, os restaurantes de comida japonesa proviam informantes diversificados. Ao questionar funcionários desses restaurantes, eles também diziam apenas que sabiam que ficava no Bairro Brasil, mas não sabiam onde, porque não eram membros da Associação⁴⁹. Contudo, alguns dos informantes indicaram

⁴⁹ Acerca das razões da maioria desses indivíduos não participarem da Associação, consultar o próximo capítulo.

Praça Ana Diniz, conhecida por ser um ponto propício aos ensinamentos de aulas de direção.

Marcado o terreno inicial de busca, o primeiro estabelecimento no qual buscamos informação foi numa sorveteria. Ao ser indagada sobre “associação de japoneses” e “evento do *yakisoba*”, Dona Helena, uma senhora, de aproximadamente quarenta anos, disse que sabia mais ou menos. Que tinha sim “uns japoneses” que faziam comida no bairro. Ela não sabia exatamente onde era, mas era “pra cima”, indicando algumas ruas paralelas no aclave do bairro (no sentido das Ruas Alagoas e Bahia). No bar ao lado da sorveteria, as respostas foram similares. Os moradores locais sabiam da existência de “alguns japoneses” no bairro, mas não sabiam exatamente onde.

Como a indicação de Dona Helena, “pra cima”, restou apenas fazer o percurso por todas as ruas paralelas. A inclinação geográfica das ruas não era muito forte e a intenção era vencer todas as ruas acima da Praça Ana Diniz ainda naquela tarde.

Já passavam das dezesseis horas do dia trinta e um de janeiro de 2011, naquela tarde já havíamos feito a busca pelas ruas mais de duas vezes. Não havia nenhuma construção que indicasse a existência da Associação Nikkei. Foi então que, ao parar em um sacolão⁵¹, em que a balconista conversava com uma mulher loira, ao perguntar sobre a Associação de Japoneses e a senhora loira indicou o lugar exato, incluso nome e número da casa. Levou algum tempo para então atentarmos ao fato de que, de repente, num local onde a população local mal sabia da localização de uma associação de japoneses, como alguém saberia com tanta precisão? No entanto, já estávamos longe do sacolão para voltar e perguntar à mulher.

Não muito longe daquele estabelecimento, em frente a uma oficina mecânica, estava a sede da Associação Nikkei de Uberlândia. Uma casa comum, ao estilo das demais casas do bairro⁵², pela qual provavelmente passamos umas três vezes naquela busca. Um jardim bem cuidado à frente, com um automóvel do tipo Uno Mille branco estacionado na larga garagem/varanda, o *front* da residência possuía portões de ferro pintados de verde escuro e um interfone no baixo portão de entrada. Apertamos o botão do interfone

⁵¹ Sacolão é um termo comum para armazéns que oferecem frutas, legumes e verduras, bem como alimentos básicos como arroz e feijão.

⁵² As casas naquela região do bairro são casas de alvenaria que, numa primeira instância, remetem à condição média de vida. Contudo, um fenômeno comum nos bairros mais antigos e centrais de Uberlândia é a construção de residências cujo *front* apresenta uma boa residência, em muros altos, buscando esconder uma residência antiga ou mal estruturada, pois nos bairros cujas residências, em geral, pertencem a um padrão médio/alto de vida, mostrar/apresentar uma residência em condições ruins a desvaloriza no ao mercado e na comunidade local.

repetidas vezes em vão. Parecia que não havia ninguém na residência naquele momento. Na calçada, na esperança de que alguém aparecesse, vimos surgir na esquina a mesma mulher loira que veio em nossa direção perguntando se aguardávamos alguém da Associação. Respondemos positivamente, explicamos que se tratava de uma pesquisa e que gostaríamos de conhecer a Associação. Foi então que a senhora se apresentou como Shirley, esposa do responsável pela Associação. Ela entrou na residência ao lado, dizendo que chamaria o marido.

Não demorou muito, um senhor de estatura baixa e traços japoneses apareceu por dentro da Associação, abriu o pequeno portão fechado com cadeado e se apresentou como Pedoro-san. Após as apresentações, dissemos o motivo da visita e ele nos convidou a entrar. Esse foi o primeiro contato com um membro da Associação, sendo Pedoro-san⁵³ um informante muito valioso para essa pesquisa.

Em nosso primeiro diálogo, Pedoro-san se apresentou como o responsável pela Associação, mas que o presidente era outro. Ele só cuidava da casa e era o professor de japonês. Puxando um calendário, ele apontou as datas em que poderíamos encontrar o presidente da Associação, Taichou-san, que normalmente comparecia na atividade culinária da Associação.

Quando perguntado sobre as atividades que a Associação desenvolvia, Pedoro-san de pronto revelou que a Associação estava “meio parada”, mas que eles, até pouco tempo atrás, tinham um campo de *gateball* e que eles competem todo ano o campeonato de *softball*. Além disso, a Associação fornecia aulas de japonês para quem estivesse interessado, bem como realizava um evento culinário todos os meses para a comunidade local, um evento aberto e que não era só para os Nikkei.

Naquele mesmo dia, Pedoro-san traçou em linhas gerais as atividades da Associação e nos orientou sobre a data do próximo evento de culinária, dando a primeira abertura para conhecermos a Associação e seu funcionamento. Passadas duas semanas, comparecemos ao evento na Associação e teve início, de forma mais sistemática, a pesquisa sobre a Associação e seus membros.

⁵³ Note-se que a forma como aquele Nikkei se apresentou é diferente daquela que aqui o retratamos visto que, em virtude da relação pesquisador-pesquisado, num contexto permeado por interações moldadas por elementos culturais japoneses, aqui o “rei” se aplica. Uma vez que participamos das aulas de Pedoro-san na *nihongakko*, o honorífico “-sensei” passa a ser empregado toda vez que nos referimos ao professor. Quando o professor fala de si mesmo, o honorífico permanece como “-san”. Quando o pesquisador fala daquele ator social, o honorífico “-sensei” é usado.

Para entender a Associação Nikkei, dada as limitações que se impuseram à essa pesquisa, precisamos focar em relatos de indivíduos-chave que aparentavam destaque entre os seus⁵⁴. Recorrendo principalmente à oralidade, aos discursos e à observação proporcionada no campo, delimitado por um tempo de noventa dias de acompanhamento e pelo espaço concernente à estrutura física da Associação, buscamos retratar as práticas que se originaram graças àquele vínculo Associativo.

Associação Nikkei de Uberlândia (ANIUDI)

No final da década de 1980, o município de Uberlândia contou com uma associação de descendentes japoneses. Exceto pela memória de alguns poucos Nikkei, não há registros oficiais sobre essa associação, não nos permitindo resgatar de forma mais sistemática sua dinâmica e funcionamento. Alguns dos indivíduos que participaram da pesquisa afirmam que tal Associação Nikkei se findou por problemas financeiros. Outros falam que foi por problemas de disputas pessoais entre seus associados e, também, há aqueles que afirmam ainda que terminou por falta de participação da comunidade Nikkei nas atividades associativas.

Independentemente dos reais motivos, o que de pronto se evidencia é uma flexão na forma de associação Nikkei. Se considerarmos o pioneirismo histórico dos Nikkei em adotar formas associativas (Kehdy e Silva, 2010), a fragmentação de sua associação indica a possibilidade de existência de algum conflito, suficiente para a perda da unidade associativa.

Mesmo com o fim daquela associação⁵⁵, no ano de 2002 outra foi criada e através dela pudemos enxergar melhor os processos de mediação que tal forma associativa propiciou⁵⁶.

Antes de tudo, devemos nos recordar da informação anterior: uma certa invisibilidade da Associação Nikkei no bairro. Não apenas a dificuldade em encontrá-la,

⁵⁴ Consideramos certos indivíduos-chave devido à sua maior presença na Associação e por terem cedido mais informações para essa pesquisa. Não obstante, outro fator de escolha para retratá-los é o fato de terem um vínculo entre si além daquele promovido pela associação (vínculo de amizade).

⁵⁵ Em entrevista, Pedoro-sensei e Koku-san informaram que a antiga Associação havia se formado em 1988 e que havia durado apenas 4 anos, tendo seu fim no ano de 1992.

⁵⁶ Os nikkei-fundadores da Associação consideram o ano de 2002 como o início da Associação, todavia, ela só recebeu registro enquanto instituição no ano de 2005.

mas também o seu não reconhecimento por um bom número de moradores locais, a Associação Nikkei não se destaca na paisagem local por nenhuma característica peculiar. Sua sede é uma casa, relativamente grande, de um jardim bem cuidado e uma cerca metálica pintada de verde escuro. Uma residência comum.

Não obstante, um universo muito particular se passa ali na Associação, em que atores sociais de ascendência japonesa buscam perpetuar alguns traços característicos da cultura japonesa entremeio às dificuldades de se mantê-la.

A Associação Nikkei não se mantém aberta todos os dias. Seu funcionamento é situacional, abrindo suas portas em ocasiões regulares (como o evento de gastronomia), esporádicas (quando há alunos para as aulas de japonês) ou agendadas (nos casos de reuniões dos membros). A Associação conta com uma estrutura hierárquica comum, possuindo presidência e tesouraria. Não há conselhos específicos constituídos, mas, como veremos posteriormente, certos membros tomam parte na tomada de decisões e a ocupação de funções adota uma forma rotativa.

A Associação é presidida por Taichou-san, engenheiro e ex-professor universitário aposentado, filho de imigrante japonês – por parte de pai –, ostenta os traços fenotípicos característicos de um *Nissei*. Taichou-san foi um dos principais interlocutores e de quem obtive a maioria das informações sobre a associação. Dada sua importância no cenário Nikkei local, tanto por ocupar a presidência da Associação quanto por atuar como mediador em diversas situações, Taichou-san é um indivíduo-chave para o entendimento das práticas associativas entre aqueles Nikkei.

Nesse sentido, entendemos a medição como uma atividade porque se relaciona também a um “projeto pessoal de se tornar mediador” (Castro, 2001:210), mesmo que este *projeto* não seja colocado como um interesse individual e sim como um *projeto coletivo*, ou ainda uma missão.

Segundo Taichou-san, a Associação que era presidida por ele não foi a primeira Associação do município. Evitando (propositalmente) entrar em maiores detalhes sobre a antiga Associação, Taichou-san buscava apresentar em suas falas uma maior contextualização dos japoneses no município. Faz-se interessante notar que, desde políticas internacionais sobre o papel do japonês em acordos de imperialismo mundial, até a culinária japonesa, Taichou-san se apresentou como um especialista nas questões nipônicas.

A Associação Nikkei: criando uma história

A história da Associação foi contada, principalmente, por Taichou-san, Pedoro-sensei, Koku-san e Kaninin-san. A ausência de documentos em arquivos públicos nos levou a recorrer às narrativas daqueles indivíduos que mais estavam presentes no cotidiano da Associação e que, não coincidentemente, também estavam nela desde a sua fundação.

Para entendermos um pouco mais, faz-se necessária a apresentação de tais atores, pois serão retomados com frequência. Existem características comuns sobre tais atores sociais. Eles são homens adultos, com mais de quarenta e cinco anos, proprietários de pequenas terras (sítios), descendentes de japoneses pertencentes a uma segunda geração (*Nissei*), chefes de família e estão na Associação desde sua fundação.

Taichou-san é engenheiro eletricista e ex-professor universitário aposentado. Pedoro-sensei é comerciante e professor de língua japonesa. Koku-san é proprietário de terras, e realiza plantação de soja. Kaninin-san é representante comercial de uma famosa linha de produtos lácteos cujo mascote é um “gênio em vestes árabes”. Homens, filhos diretos de imigrantes japoneses que figuram a história da ascensão japonesa no Brasil. Vindos das regiões de São Paulo e Paraná, seus pais trabalharam em fazendas de arroz e café, são descendentes de japoneses que ganharam ascensão social, segundo eles, “por meio do esforço” (“*ganbatte*”), constituindo suas famílias em território brasileiro no período do Pós-guerra.

As narrativas de tais atores sociais apresentam-se como a expressão real do que as bibliografias trazem sobre os Nikkei no Brasil: superação e ascensão social (Lesser, 2008; Sakurai, 2008). Dadas as condições da pesquisa⁵⁷, utilizamos fundamentalmente as informações fornecidas, principalmente, por esses quatro interlocutores dada a sua importância na Associação.

Koku-san dizia que, desde que se lembrava, o município não era um ponto exclusivo para a imigração japonesa. Quase não havia japoneses, sobretudo porque ele tinha vindo do interior de São Paulo e lá havia um número maior de Nikkei. Quando

⁵⁷ Apesar de sempre muito educados, os interlocutores não eram muito abertos e por vezes buscavam formas de “escapar” das perguntas. A prática do trabalho de campo é um ato experimental e, em se tratando de descendentes de uma cultura cujo respeito e os limites são fortemente demarcados, não forçar a captação de dados com os interlocutores foi preferível à sua perda.

chegou aqui, percebeu que a maioria dos Nikkei que vinham para o município eram *Nisseis* de outras regiões, como o município de Uberaba e interior de São Paulo.

Apesar do pouco contingente, os traços fenotípicos eram marcantes e, aos poucos, as famílias começavam a se conhecer. A cidade naquela época⁵⁸ não era tão grande e os descendentes se encontravam e se conheciam, principalmente, nas áreas de comércio, como a Praça Tubal Vilela⁵⁹ ou nas ruas do Bairro Brasil, onde existiu a primeira colônia. Sendo *Nissei*, a maioria daqueles Nikkei haviam passado por formas de criação um pouco diferentes daquelas constituídas no Brasil. Sendo os pais japoneses migrantes, a tradição de falar japonês em casa, participar dos rituais, dos festivais e demais práticas tidas como “tipicamente japonesas” faziam parte do cotidiano de boa parte daqueles descendentes.

Tudo começou através dessas formas mais simples de contato entre as famílias. Elas foram se conhecendo aos poucos e iam se reunindo todo mês. Eles alternavam as reuniões entre as residências e, via de regra, as reuniões dessas famílias Nikkei tinham como principal evento a preparação de pratos e alimentos japoneses. Isso não é um fato isolado, visto que as colônias/associações japonesas, principalmente aquelas do estado de São Paulo, mantinham a tradição de reunir as famílias para um evento culinário. Ruth Cardoso ([1972]1995) já apontava para a estrutura familiar japonesa e seu sucesso enquanto unidade cooperativa e associativa, pois “estas unidades domésticas, recém-chegadas ao Brasil, mantiveram-se relativamente isoladas, dispersas nas colônias das fazendas” (Cardoso, [1972]1995:113). Em se tratando da Associação Nikkei de Uberlândia, não nos surpreende ter começado justamente através de vínculos entre famílias de descendentes em primeiro grau, sobretudo porque “a tradição de associações remonta a outras formas muito antigas, variantes de associações com finalidades religiosas e recreativas” (Cardoso, [1972]1995:110) na sociedade japonesa.

Todavia, os vínculos com as famílias foram ao mesmo tempo se fortalecendo e se expandindo. Havia, portanto, um grupo de Nikkei no município que crescia silenciosamente, se reunindo nas próprias residências e perpetuando elementos da cultura de seus antepassados. Aos poucos, o número de famílias se tornou grande o suficiente para

⁵⁸ A época que Koku-san se referia ao final da década de 1980 e início de 1990. Segundo o IBGE, a cidade na época comportava cerca de trezentos e sessenta mil pessoas. Assim, tal adjetivação (pequena) tem um caráter plástico, pois não se destina apenas à característica populacional. Aqui, incide muito mais a herança rural da cidade e seu súbito crescimento nas últimas décadas. Segundo o IBGE, o município quase dobrou sua população, atingindo cerca de seiscentos e dez mil habitantes em 2007.

⁵⁹ A Praça Tubal Vilela é uma das mais antigas praças do município e ao longo dos anos concentrou diversas atividades comerciais ao seu redor. Atualmente outros centros comerciais existem, mas a praça não perdeu seu destaque, visto que aquela região (central) ainda mantém uma movimentação cotidiana alta.

não ser comportado em mais nenhuma residência. Koku-san disse que chegaram a reunir até cinquenta famílias. A partir de então, mediante a necessidade de criar um espaço em comum para as famílias, face à dificuldade para que um número maior de famílias participasse das atividades Nikkei, buscou-se criar a Associação.

Faz-se interessante notar que, mesmo sendo criada em 2002, a Associação Nikkei não é a origem da forma de associação entre os Nikkei no município. Aquele gesto de, aos poucos, unificar e criar vínculos entre as famílias de descendentes japoneses, mantendo uma atividade em comum (comida) traz, em essência, a prática de associação. Ainda que de maneira não institucionalizada e diferentemente do que um número significativo de trabalhos apresenta sobre um movimento associativo com uma pauta mais reivindicativa e geralmente emergente no cenário político (Sader, 2008; Boschi, 1983, 1987), a prática de se dispor em conjunto por laços de amizade, solidariedade e vizinhança configuram a prática associativa tanto quanto a politização de suas demandas. Dessa forma, Cefai, Veiga e Mota (2011:13) ressaltam que

Falar em associação não é somente focalizar os rituais e o imaginário, os universos simbólicos, as utopias cívicas e as denúncias públicas, mas antes estudar igualmente as formas sociais. As associações são meios de *sociabilidade* e de *socialização*: elas oferecem um observatório ideal a uma microssociologia das interações e conversações. Permitem também dar conta da dualidade simmeliana da ponte e da porta, ora ligando pessoas, ora impondo barreiras: elas aproximam e reatam, instituindo novos pólos de existência coletiva e, a um só golpe, separam e muitas vezes incluem.

A materialização dessa prática em um espaço de uso comum para suas atividades, como a construção de uma sede, é antes de tudo resultado da prática associativa do que sua origem. Naquela época, recorda Koku-san, a principal dificuldade era conseguir um lugar para ser a sede da Associação visto que não havia um “caixa” para arcar com a construção de uma sede ou sequer alugar um local, sobretudo no Bairro Brasil, visto que os aluguéis no município eram (são), via de regra, altos. Foi então que Pedoro-sensei se prontificou a resolver a questão.

Pedoro-sensei havia recebido uma herança em bens após o falecimento de sua mãe. Um desses bens foi a residência de sua *okaa-sama*⁶⁰, localizada ao lado da sua. A casa de sua mãe, sendo vizinha, possuía um portão de acesso lateral permitindo a transição entre ambas as residências. Pedoro-sensei então ofertou a residência de sua falecida mãe para que fosse a sede da Associação Nikkei de Uberlândia. Com um acordo entre os fundadores

⁶⁰ Termo usado para se referir respeitosamente à mãe.

e o presidente (Taichou-san), a Associação teria sede naquela residência, mas não gratuitamente. O aluguel para aquela residência seria de trezentos reais⁶¹ mensais, adquiridos através das atividades da Associação e da mensalidade dos sócios.

Mas como exatamente se deu esse acordo? Quando questionados, nossos interlocutores Nikkei trouxeram à tona histórias diferentes e contraditórias. Pedoro-sensei disse que não gostaria de receber dinheiro pelo uso da casa pela Associação, mas os demais haviam insistido para que o aluguel fosse pago. Kaninin-san disse que o aluguel foi algo espontâneo nas negociações, pois ao que parecia, Pedoro-sensei já havia colocado a casa disponível para aluguel, chegando a um acordo quanto ao valor “simbólico” para a instalação da Associação.

Improvável acurar os fatos através dos relatos, mas parece claro que a Associação Nikkei de Uberlândia (ANIUDI), em seu início, se comportou mais como uma extensão das relações de vizinhança, compadrio e amizade entre um grupo mais restrito de famílias. De uma experiência pessoalizada, informal e afetiva, observamos o surgimento de uma forma associativa. E, com propósitos variados, a ANIUDI mantinha atividades diversificadas. Delineia-se então a constituição de um *projeto*, ou ainda de *projetos*, em um sentido bem próximo ao conceito trabalho por Velho ([1994]2003:101)

Alfred Schutz desenvolveu a noção de *projeto* como ‘conduta organizada para atingir finalidades específicas’. Embora o ator, em princípio, não seja necessariamente um indivíduo, podendo ser um grupo social, um partido, ou outra categoria, creio que toda a noção de *projeto* está indissolavelmente imbricada à idéia de indivíduo-sujeito. Ou invertendo a colocação – é indivíduo-sujeito aquele que faz *projetos*. A consciência e valorização de uma individualidade singular, baseada em uma *memória* que dá consistência à biografia, é o que possibilita a formulação e condução de *projetos* [...] Não pretendo, nem Schutz pretendia, trabalhar com a idéia de um indivíduo-sujeito cognitivo racional, capaz de armar estratégias e fazer cálculos, organizando seus dados e atuando cerebralmente. As circunstâncias de um presente do indivíduo envolvem, necessariamente, valores, preconceitos, emoções. O *projeto* e a *memória* associam-se e articulam-se ao dar significado à vida e às ações dos indivíduos, em outros termos, à própria identidade.

Atividades da ANIUDI: educação, esporte e lazer

Desde antes da sua formalização enquanto associação com registro de pessoa jurídica em 2005, aquela Associação já mantinha um conjunto de atividades desde a junção

⁶¹ Para efeito de comparação, uma estimativa de valor para o aluguel de uma residência daquela proporção no mesmo bairro gira em torno de oitocentos a mil e quinhentos reais.

de seus membros no ano de 2002. Conforme afirma Barreto (2011:309) em relação à associação de brasileiros em Lisboa – Casa do Brasil de Lisboa,

Como a grande maioria das associações, antecede à sua formalização um período de organização informal e espontâneo, onde se busca o reforço de algumas práticas comuns em seu país de origem numa tentativa de criar extensões de um pertencimento que ficou desterritorializado. É também bastante comum que este tipo de constituição ou estabelecimento de redes de sociabilidade e solidariedade torne-se mais presente em áreas específicas da cidade convergindo nos espaços principais de habitação ou trabalho dos imigrantes.

A ANIUDI mantinha características de uma instituição voltada para práticas comumente associadas à cultura japonesa. Assim como outros *Kaikan* (Associação/Clube), a ANIUDI buscava perpetuar aquilo que seus membros compreendiam como elementos da cultura japonesa. Dessa forma, certas atividades eram tradicionais, tais como a *Gakko* (Escola japonesa) e o festival do *yakisoba*. A prática esportiva, muito apreciada no Japão e encontrada nas demais associações de Nikkei no Brasil, também era um dos eventos realizados.

No primeiro contato com Pedoro-sensei, ele já havia indicado que a Associação estava um pouco parada, mas que ainda havia atividades com presença daqueles membros mais “fiéis” à Associação. Ele destacou: o evento gastronômico, o torneio de *softball*, o torneio de *gateball* e a escolinha de idiomas.

Através da observação e dos relatos de Nikkei, reconstituímos em linhas gerais as principais atividades da Associação e a sua importância para a comunidade local. A primeira delas, mas que sofre com a perda e presença de associados na ANIUDI, diz respeito à educação e ao aprendizado da língua japonesa.

Como grande parte dos imigrantes manteve o desejo de retorno à pátria, ou ainda um discurso sobre o retorno, uma preocupação comum pairava entre os imigrantes e descendentes.

Tinham consciência de que seria vergonhoso para com a sociedade japonesa se voltassem ricos, mas seus filhos não tivessem sido educados à altura, não conhecendo os usos e os costumes da Pátria Mãe. Assim, começara, desde logo, a fundar escolas para prepararem os seus filhos para o momento do retorno ao Japão. Quem tivesse algum estudo além do primário já era considerado apto para lecionar naquelas escolas. E o ensino era ministrado em Língua Japonesa, utilizando livros didáticos trazidos do Japão, destinado assim, a formar cidadãos do seu país, ainda que se encontrassem no Brasil (Ninomiya, 2008:153).

A ideia de retorno ao Japão era eminente antes da Segunda Guerra Mundial (Lesser, 2003; Daigo, 2008; Handa, 1987) e configura um forte aspecto de qualquer

movimento migratório. Como aponta Fazito (2005:03), “emigra-se com a crença absoluta de que um dia retornar-se-á para o mesmo ‘espaço’ original”, porque o processo de saída de um lugar para o outro implica em relações de poder e negociação, sobretudo negociações com novos atores sociais no destino final. Ainda segundo o autor

o retorno denuncia a natureza sistêmica e intimamente conexa do fenômeno migratório. Ainda que o retorno desejado pelos imigrantes seja uma impossibilidade concreta, ele exerce uma força motriz capaz de se materializar em normas, valores e comportamentos de indivíduos e grupos. A partir da realização de um evento particular (a migração) no ciclo de vida de uma pessoa ou grupo, os significados, as relações e a inserção do imigrante na estrutura social (tanto da sociedade de origem quanto na de destino) são modificados, proporcionando dinâmica e complexidade a todo o sistema. (Fazito, 2005:05)

Assim, por mais que houvesse a possibilidade de não-retorno ao Japão, a crença ou desejo que tal retorno acontecesse garantia que tais atores projetassem metas e buscassem meios de concretizá-las. Reforçando a potência dos discursos que trazem à tona a saudade, como o é no caso do tópico sobre o retorno, Feldman-Bianco (1995:75-76), referindo-se à sua pesquisa com imigrantes portugueses nos Estados Unidos, afirma que

Essa contínua incorporação e superposição do passado no presente talvez seja característica de enclaves imigrantes em qualquer parte do mundo. Aparentemente, as representações simbólicas e práticas sociais associadas a Portugal, parecendo reproduzir fotografias de tempos e espaços já vividos, podem ser interpretadas como mera nostalgia. Entretanto, essa (re)construção de camadas de tempo e espaço da terra natal, sobrepondo significados e valores culturais que estão muitas vezes em conflito, reflete a forma pela qual os migrantes percebem e confrontam mudanças dramáticas nas suas condições de existência.

Enquanto o retorno para uma sociedade cujos valores morais são introjetados através dos processos educacionais mantinha-se como meta, a educação dos filhos era um pré-requisito para que se retornasse com sucesso.

Parece que a educação, tanto no sentido moral quanto no sentido de escolarização, é um elemento forte e marcante para a cultura japonesa e seus descendentes. Corroboram tal assertiva autores como Ruth Benedict ([1948]2009) que dedicou um capítulo inteiro em seu livro *O crisântemo e a espada* sobre o processo de aprendizado da criança japonesa. Assim como as principais literaturas acerca do fenômeno entre japoneses e seus descendentes (Lesser, 2008; Sakurai, 2008; Nakagawa, 2008; Whyte, 1988; Barral, 2000).

Entre os imigrantes é notável a crença de que a aquisição da língua japonesa equivale *ipso facto* à aquisição do ‘espírito japonês’, ou seja, os preceitos morais peculiares à cultura japonesa. É corrente a expressão como ‘aquele menino é

honesto porque sabe falar o japonês’ ou ‘veja que a moça é preguiçosa porque ela não sabe falar japonês’. (Izumi, 1972:376)

No entanto, não podemos deixar de apontar que esta reificação da educação na composição de um quadro de valores associados à cultura japonesa em muitos casos essencializa o Japão e reduz a sua diversidade em termos de composição de classes, grupos sociais e mesmo em termos de distintos períodos históricos, conforme ressalta Oda (2011:112).

Esse tipo de interpretação sugere uma cultura japonesa única, que segue imutável durante os séculos, alheia à contaminação ocidental, tal como defendem os neonacionalistas. Porém, uma análise mais detida revela uma série de dificuldades. As escolas nos templos budistas do período Edo de fato recebiam crianças das classes populares, mas eram apenas locais em que elas aprendiam noções básicas de escrita e matemática para fins instrumentais, ou seja, para poder lidar com o trabalho do dia a dia. Diferentemente das escolas voltadas para a nobreza e as classes guerreiras, não havia uma conotação propriamente ética, e a verdadeira educação era tida como aquela que a criança aprendia trabalhando, para mais tarde continuar o ofício dos pais. No período Meiji, verifica-se uma clara ruptura com este modelo. Surge uma filosofia de valorização da educação para fins de modernização e unificação nacional, e a escola torna-se o principal espaço para difundir esse tipo de ideologia. No entanto, muitos pais recusavam-se a mandar seus filhos para as novas escolas impostas pelo governo, onde se ensinavam matérias consideradas inúteis na vida cotidiana, tais como ciências ou educação moral. Várias escolas chegaram inclusive a ser queimadas em protesto, o que deixa claro que a política escolar do período Meiji era vista como uma afronta ao modo como as classes populares vinham tradicionalmente educando seus filhos.

Sob tal aspecto, a Associação Nikkei de Uberlândia mantinha uma das funções clássicas das associações étnicas: a de manter vivo o idioma, reforçando-o como um dos principais elementos identitários de um grupo. A Associação mantinha uma *Nihongakko* (Escola de Língua Japonesa)⁶² para o aprendizado do idioma japonês. Como bem coloca Ninomiya (2008:153) “uma maneira de manter a ligação com o Japão era através das escolas de Língua Japonesa que funcionavam, muitas vezes, no prédio da própria associação”. E complementa Ruth Cardoso ao resgatar o papel da educação para os primeiros momentos da imigração japonesa, pois

[...] no primeiro período de vida no Brasil, os imigrantes se despojaram de muitos aspectos de sua vida tradicional que não podiam ser mantidos nas condições de isolamento e pobreza que caracterizaram o período de colonato. **É um período que se caracterizou pelo trabalho, e só por ele é lembrado.** [...] Um único motivo liberta do trabalho duro do campo: a escola. Nas famílias grandes, os filhos menores eram poupados para que pudessem estudar, [...] As famílias menores tiveram mais problemas por não poder dispensar ninguém das tarefas imediatamente remuneradas e distribuir mais adequadamente as tarefas domésticas. (Cardoso, [1972]1995:117, grifo nosso)

⁶² *Nihongo* = idioma japonês ou língua japonesa. *Gakko/Gakuen* = escola.

Seguindo, ao que parece, uma tendência das associações Nikkei no Brasil, a escolinha de língua japonesa funcionava na própria associação. Um cômodo de 6x3m foi adaptado para ser a sala de aula da escolinha. A sala comportava doze conjuntos de cadeiras e mesas simples, no padrão de escolas infantis, dispostas em uma matriz de 3x4. As mesas eram baixas, de madeira e em perfeito estado de conservação. A sala de aula possuía uma lousa branca, atrás da mesa do professor. Nas paredes da sala de aula haviam vários quadros educacionais escritos em japonês, com *kanji*, *hiragana* e *katakana* ⁶³, apresentando coisas simples como a contagem numérica, sol, lua, casa, lápis, borracha etc. Um armário ao lado da mesa do professor guardava o material. Dada a importância da educação para os japoneses e seus descendentes, a limpeza da sala e seu estado bem cuidado indicava que ali era um lugar onde os padrões “tradicionais” japoneses eram mantidos.

O principal professor da escola de japonês ao longo dos anos foi Pedoro-sensei, mas ele não foi o único professor. Outros associados que tinham conhecimento da língua também já ensinaram japonês, tal como Burain-san que adquiriu títulos de doutor e pós-doutor na University of Kyoto (Kyodai) no Japão, sendo fluente no idioma.

No início da Associação, com uma maior efervescência e presença das famílias, existiam turmas com um número razoável de alunos. O principal motivo apontado pelo professor era o respeito que os Nikkei possuíam pelo idioma dos avós (geralmente *Issei*), e que aprender o idioma era reafirmar sua ascendência nipônica. Assim, na época muitos pais queriam que os filhos (já uma terceira ou quarta geração) aprendessem o idioma dos avós. Mesmo que nos anos 2000 o fenômeno *dekassegui*⁶⁴ não estivesse tão em voga quanto na década anterior (Sasaki, 2006; Oliveira, 2009;), sair do Brasil e ir ao Japão, seja para estudos ou trabalho, seria um diferencial na vida de seus filhos. Segundo Pedoro-sensei, as aulas de japonês não eram destinadas apenas aos descendentes e membros associados, sendo aberta a toda a comunidade local que desejasse conhecer o idioma. Fato contraditório quando comparado à declaração de Hideo-kun⁶⁵.

⁶³ *Kanji*, *hiragana* e *katakana* são os “alfabetos” para a representação do idioma japonês. Diferem quanto à sua origem e também quanto ao seu uso.

⁶⁴ O fenômeno *dekassegui* se apresenta como um movimento inverso na história da imigração japonesa. Os descendentes dos imigrantes japoneses, que vieram ao Brasil com o intuito de enriquecer, no final do século XX enviavam seus filhos ao Japão, fosse para conhecer a terra de seus antepassados, fosse para trabalhar, enriquecer e, talvez, voltar ao Brasil.

⁶⁵ Hideo-kun ingressou na Academia no mesmo ano que o proponente dessa pesquisa iniciou seus estudos em Ciências Sociais, sendo conhecidos desde o curso preparatório. Sua família se mudou aos poucos para a

Apesar de termos conhecido Hideo-kun em 2006, na época ele dissera que a escola de japonês na Associação era apenas para descendentes de japoneses e associados, sendo essa uma das razões para que ele aprendesse japonês. A família de Hideo-kun veio para o município de Uberlândia na década de 1990. Filho de pais *Nissei*, membros da associação, Hideo frequentava a *Nihongakko* da Associação por ser descendente e por, na época, o curso ser de um valor muito acessível (vinte reais).

Não seria absurdo supor que a Associação começou oferecendo aulas de japonês apenas para associados e suas famílias, mas devido à baixa procura com o passar de anos e a emergência de escolas de língua japonesa no município, a ANIUDI abriu sua *gakko* para a comunidade uberlandense em geral, buscando ganhar maior visibilidade. Vale apontar que Pedoro-sensei, além de professor na Associação, também é professor de língua japonesa em outra instituição privada de ensino.

Quando indagado a respeito do total de alunos que se formaram pela *nihongakko* da associação, Pedoro-sensei primou por enfatizar que nos últimos anos havia alta desistência dos alunos na *nihongakko*, fato que “o deixava triste”, porque ele sabia que existiam ainda muitas famílias de japoneses no município. Preferiu não arriscar um número de alunos que formara no idioma, mas Pedoro-sensei mantinha os arquivos de todos os alunos⁶⁶.

Já no ano de 2011, Pedoro-sensei declarou que não havia mais turmas na *nihongakko*. Quando alguém queria aprender o idioma, ele indicava que as aulas ocorressem ao menos duas vezes por semana e que os indivíduos que procurassem pelo idioma formassem a própria turma. Pedoro-sensei aceitava turmas a partir de dois alunos, dizendo ser o ideal uma turma de cinco a sete alunos para que o custo das aulas fosse menor e que houvesse maior possibilidade de comunicação entre os discípulos da língua japonesa. Na indisponibilidade de se montar turmas ou ter horários para os alunos, a indicação era que tivessem aulas com o sensei na instituição privada em que ele era professor.

A questão da língua traz à tona o caráter relacional dos conceitos de identidade nacional e identidade étnica, conforme percebemos em Castro (2000:13) ao afirma que

[...] o discurso sobre identidade não é só datado, mas também assumido a partir de outros portos estratégicos, que não aportam somente no compartilhar uma língua, uma cultura, um território, uma posição fixa, desenhando-se também como

capital do estado nos anos de 2008 e 2009. Atualmente Hideo-kun é engenheiro eletricista graduado pela Universidade Federal de Minas Gerais.

⁶⁶ Em diversas situações que envolvia o repasse de informações mais profundas da Associação, os interlocutores buscavam mudar o tópico da conversa ou justificavam que não podiam fornecer documentos.

movimento de separação e não ao azar. Desta perspectiva, cultura e política se realimentam no que se entenderia por etnicidade – um modo particular de consciência de si que legitima, a partir do uso simbólico de elementos culturais, reivindicações de direitos coletivos. Neste sentido, identidade étnica seria movimento construído em negociações e antagonismos de forças. Portanto uma não-posição.

Apesar da baixa procura pela escola de língua da associação, existiam outras formas mais expressivas e intermitentes da participação Nikkei na Associação. Dois eventos, ambos do mesmo tipo, dependiam de uma agenda previamente estipulada, eram eles os eventos esportivos de *softball* e *gateball*.

Concentrados no *softball* e no *gateball*, os membros da Associação participam de campeonatos e se reúnem para os treinamentos. Não são todos os membros que se reúnem para o treinamento ou para compor os times, mas isso não prejudica a sua prática.

O *gateball*, ou na pronúncia de um dos associados “guetuboru”, é um esporte criado no Japão na metade do século XX, inicialmente para a prática infantil. Contudo, ao longo dos anos, ganhou diversos adeptos da terceira idade. Montam-se dois times de cinco jogadores cada e a meta no jogo é passar bolas numeradas por baixo de arcos fixados na quadra. Usa-se um bastão (*stick*) para rebater as bolas. O *gateball* é um dos esportes mais comuns entre as associações Nikkei no Brasil, fato observado pela ocupação das cadeiras da diretoria da União dos Clubes de Gateball do Brasil: todos Nikkei⁶⁷. O *gateball* praticado na ANIUDI possuía o campo de um dos membros associados (Taichou-san) para sua prática, reunindo grande parte dos senhores da Associação nos treinos que, em momentos próximos ao campeonato (no início do ano), são semanais. Quando o campeonato não se aproxima, os treinos são esporádicos.

O *softball* é um esporte similar ao *baseball*⁶⁸. Recebendo o prefixo “*soft*”, o esporte é uma versão menos exigente fisicamente, o que permite com que diversos membros, de idades variadas possam participar. Suas regras são similares às do baseball, mas alguns detalhes tornam o esporte mais “leve”, tal como o tempo reduzido, tamanho de campo e tipo de equipamentos.

⁶⁷ Extraído de: <http://www.gateballrengo.org.br/diretoria.php>.

⁶⁸ O baseball é um esporte que se popularizou nos EUA no final do século XIX em que duas equipes de nove integrantes precisam marcar pontos para vencer. A meta básica é rebater uma bola arremessada pelo adversário o mais longe possível para que se possa percorrer as bases adversárias para marcar pontos. O baseball foi introduzido no Japão devido à dominação norteamericana no pós-guerra. Em questão de importância e popularidade, o Baseball está para o Japão assim como o Futebol está para o Brasil. Os jogadores de Baseball possuem alto prestígio enquanto esportistas, fruto também do que se convencionou chamar de “cultura pop japonesa” que, dentre outras coisas, tornou o esporte um produto de consumo para aficionados. Para mais, cf.. Sato, 2007:239-243.

Apesar de não possuir em dados objetivos as idades dos associados, a observação direta da Associação revela que seus membros e associados, em geral, são homens adultos na faixa etária dos cinquenta aos sessenta anos. O *softball* era, portanto, um esporte que podia ser praticado por indivíduos mais idosos e, tendo o *baseball* como um esporte valorizado no Japão, sua variação – o *softball* – era uma forma de se reafirmar a identidade Nikkei⁶⁹. Inclusive, como aponta Born (1986:231), “a julgar pelo número de pessoas participantes de inúmeras associações culturais e religiosas existentes, é elevado o grau de sociabilidade do idoso de origem japonesa”.

Quando a Associação iniciou a proposta das atividades desportivas, um novo problema se empunha: um lugar para treino. A Associação já arcava com os custos de sua manutenção, bem como de seu aluguel. Novamente, por uma disposição individual a resolver o conflito que se empunha, um associado se prontificou a mediar a situação.

O presidente da Associação (Taichou-san) possuía um terreno no município que foi cedido para as práticas desportivas da Associação. Aos poucos, ele foi preparado para a prática do *softball*, permitindo assim seu uso pelos membros da Associação.

Os treinos do *softball* se concentravam, via de regra, mais próximos das datas dos campeonatos num primeiro momento. Como dito por Koku-san, as cidades como Carmo do Paranaíba e São Gotardo possuíam uma tradição forte do esporte entre os Nikkei e que, com frequência, havia campeonatos regionais. Há também o campeonato anual, presidido pelo Hotel Taiyo em Caldas Novas (GO), de caráter mais competitivo e que reúne times de todo o Brasil.

A oportunidade de participar do campeonato de *softball* presidido pelo grupo Taiyo trazia consigo duas características. A primeira, a possibilidade de competir num esporte consolidado entre os Nikkei no Brasil, dado o elevado número de descendentes que participam dos times. Em geral, os times são formados nas Associações Nikkei por todo o país. A segunda característica é a possibilidade de executar uma prática tradicional japonesa impossível de ser realizada na maior parte do território brasileiro: o *Onsen* (banho em águas termais).

Sendo uma região de águas quentes naturais, aqueles Nikkei tem a possibilidade de frequentar um *Onsen* em terras brasileiras. *Onsen* são, basicamente, águas termais de

⁶⁹ Em reportagem intitulada “Modalidade esportiva para a 3ª idade”, a ANIUDI traçou um breve histórico da modalidade esportiva e como sua gênese está diretamente ligada ao Japão. Na mesma reportagem, indicou a faixa etária média dos praticantes das modalidades esportivas pela associação e, através de Taichou-san, declarou: “Conquistamos um terreno dentro do Parque do Sabiá com capacidade para até quatro quadras, só que ainda não temos os recursos financeiros para a construção” (Barbosa, 2008).

banhos geralmente coletivos no Japão, separados apenas por sexo. Via de regra, os japoneses se banham em duchas independentes e se secam antes de poderem relaxar nas águas termais. Os banhos são coletivos e poucas termas permite o uso de algum tipo de veste no banho, no máximo uma toalha pequena, garantido assim a limpeza do local e também a integridade da tradição⁷⁰.

Apesar de não serem banhos coletivos nus como acontece no Japão, em que os poços de águas termais tendem a ser pétreos, as termas de Caldas Novas, em específico aquelas oferecidas pelo grupo Taiyo parecem ser uma aproximação e reafirmação daqueles Nikkei com uma característica da cultura japonesa. Não se quer aqui ignorar a oportunidade do grupo empresarial obter lucros sediando esportes e eventos da comunidade Nikkei de todo o Brasil⁷¹, oferecendo também a possibilidade das termas, mas decerto, uma prática esportiva que necessita apenas de um campo plano e de fácil demarcação não exige a permanência num hotel similar a um *Onsen* japonês, o que reforça a escolha do lugar pela possibilidade de se relaxar em águas termais de forma similar aos seus antepassados.

O time de *softball*, durante muitos anos, teve a predominância dos associados mais velhos, situação que sofreu pequenas alterações ao longo do tempo. A primeira, e de maior impacto, foi a perda do campo de treino (aquele cedido por Taichou-san). Segundo Koku-san, o campo de treino do *softball* havia sido desativado no ano de 2010, visto que Taichou-san precisava do terreno para fins pessoais. A área, apesar de ser relativamente distante no município, era um local apropriado para os treinos, não somente do *softball*, como também o de *gateball*.

Soma-se a isso, o fato de algumas famílias de associados contarem com jovens já em estágio universitário, praticantes também do *baseball*. Sem um local próprio para treino, o time universitário de *baseball* e os jovens do *softball* acabaram estreitando laços. No ano de 2010, ano em que os times foram se configurando, devido à similaridade dos esportes, eles passaram a realizar treinos aos domingos numa área pública de um parque ecológico do município chamado Parque do Sabiá. Assim que os times se estabilizaram e já se distinguiam oficialmente como times vinculados à universidade, os treinos passaram a

⁷⁰ Novamente, ressaltamos que assim como o tema da educação, o uso de banhos termais não deve ser tratado como um fato generalizado a todos os japoneses, independentemente de idade, classe etc. assim como nos advertiu Oda (2011).

⁷¹ Segundo propagandas ofertadas pelo site do hotel, eles possuem diversas quadras disponíveis para a prática de atividades esportivas como tênis, gateball, softball, futebol society, volley, peteca, tênis de mesa etc. Nota-se que são atividades de esforço físico leve/moderado, contemplando principalmente os Nikkei mais idosos.

ser no campo society da universidade, destinado às práticas de atividades físicas com horários regulares – geralmente das dezessete às dezenove horas.

A nova configuração de *baseball/softball*, tanto masculino quanto feminino, passava a incorporar não descendentes na prática esportiva, agora já mais ligada à universidade que à associação, como se comprova pela participação do grupo que passou a se chamar Tora⁷² no 3º Campeonato Brasileiro de Beisebol e Softbol Universitário (CBBSU). Apesar da 16ª colocação no campeonato (último lugar), o time, ainda em amadurecimento, configura-se como uma forte estratégia para superar um cenário de perda de alguns vínculos da Associação com os jovens da equipe de *softball* sem gerar um conflito ou ruptura extrema, visto que alguns dos jovens Nikkei do time de *baseball/softball* puderam ser observados em outra atividade da Associação: o festival de *yakisoba*.

O evento culinário

O evento culinário geralmente recebe o nome de festival de *yakisoba*. É um evento promovido pela ANIUDI com o intuito de gerar receita para cobrir os gastos com a Associação. Realizado, em geral, no terceiro domingo do mês, o festival busca agregar as famílias dos Associados e a comunidade local, ao menos, em princípio.

Esse tipo de evento é comum nas diversas associações de descendentes japoneses, pois os hábitos alimentares são um indicativo de pertencimento e identidade. Fukumoto (1986:93, tradução nossa) aponta que “em ocasiões especiais, pode-se observar relativa diversidade de pratos japoneses”, cuja relevância é apontada por Nakamoto (2010) em sua análise do Instituto Cultura Nipo Brasileiro de Campinas, que possui, dentre várias atividades, o festival de *yakisoba* como um dos principais eventos, concentrando esforços de vários membros da associação para sua realização.

Isto posto, é necessário expor como se deu o surgimento do festival de *yakisoba* na Associação de Uberlândia. Suas origens antecedem a formação da ANIUDI visto que, no mito fundador da Associação, as famílias de Nikkei antigamente se reuniam para realizar o festival. Nas palavras de Koku-san

Se não fosse pela Associação, a gente não se conhecia. É muito bom, porque nos conhecemos assim, um conhecia o outro e não tinha associação, e começamos a

⁷² O nome do time foi alterado para preservar a identidade de seus membros.

reunir, então ou, hoje nós começamos a fazer cada um na sua casa, cada um levava seu prato e fazíamos lá. Chegou um ponto que não dava mais pra fazer nas casas, então a gente montou a Associação. (Koku-san, entrevista realizada em 17 de Abril de 2011)

Pelo que se pode perceber ao frequentar o festival, as famílias continuavam a se reunir, mas agora com reuniões mediadas pela Associação. O evento, assim como a Associação, permanece sendo uma extensão das relações que as famílias iniciais possuíam.

O festival de *yakisoba* é o momento em que os associados, seus familiares, amigos e comunidade local possuem para se reunir na sede da Associação, para se reencontrarem e se atualizarem quanto ao cotidiano de outros membros. Isso só é possível em virtude da especificidade das práticas alimentares.

As práticas alimentares há muito interessam as Ciências Sociais e nesse sentido entendemos que a comida é elemento de identificação social e também de sociabilidade. Dutra (2007) nos apresenta que a comida possui um papel estratégico na experiência subjetiva da cultura ao mediar as relações sociais, permitindo assim uma identificação de pertencimento a um grupo. Apresenta a autora:

As cozinhas regionais não se reduzem a uma lista de receitas diferentes. Envolvem ingredientes, métodos culinários, pratos, formas de sociabilidade e sistema de significados. Ancora-se na experiência vivida, o que a torna de difícil percepção por parte dos próprios atores; a naturalização dos hábitos alimentares traz marca profunda por sua função constitutiva no processo de socialização. O sentido destas práticas, sua vinculação ao “pertencimento” ao grupo, é fruto de reconstruções e negociações que se fazem no presente. (Dutra, 2007:96)

Se na citação acima, a relação entre hábitos alimentares e pertencimento a um mundo social é ressaltada, sob formas específicas de sociabilidade referidas aos grupos sociais, seus estilos de vida; a dimensão da relação natureza/cultura é trazida por Roberto daMatta em um apontamento interessante acerca da diferença entre alimento e comida:

Alimento é algo universal e geral. Algo que diz respeito a todos os seres humanos: amigos ou inimigos, gente de perto e de longe, da rua ou de casa, do céu e da terra. Mas a comida é algo que define um domínio e põe as coisas em foco. Assim, a comida é correspondente ao famoso e antigo *de-comer*, expressão equivalente a refeição, como de resto é a palavra comida. Por outro lado, comida se refere a algo costumeiro e sadio, alguma coisa que ajuda a estabelecer uma identidade, definindo, por isso mesmo, um grupo, classe ou pessoa. (daMatta, 1986b:22)

Sendo, portanto, algo elaborado e com conteúdo simbólico, a comida é elemento demarcador de uma transição entre natureza e cultura que permite a realização de uma prática estritamente social: a sociabilidade. Nesse ponto, o que realmente importa não é o

que se come e sim “com quem se come”, pois o alimento está para o animal assim como a comida, vale dizer, a refeição está para o cultural (Simmel, 2004). A refeição em si, é o momento de se manter e gerar interações diversas entre os atores sociais e não se inicia exclusivamente no momento da comensalidade, mas, sobretudo na preparação da refeição no espaço da cozinha.

Homens e mulheres ocupam a cozinha da Associação desde cedo para o preparo da comida. Similar ao típico almoço de domingo da cultura brasileira, existe aqui um elemento interessante a ser analisado. A cozinha, como aponta Assunção (2009), é em larga medida, considerada um espaço de sociabilidade exclusivamente feminino. Corroboram com essa ideia os apontamentos de Klass Woortmann:

Em todos os grupos sociais sobre os quais existem estudos de práticas alimentares, as refeições são preparadas pela mãe de família. Na divisão do trabalho familiar o domínio culinário é feminino. É no âmbito da refeição que a mãe exerce sua autoridade e controle, determinando, dentro das possibilidades geradas pelo trabalho do pai, o que irá compor a refeição e como esta será distribuída entre os membros da família (Woortmann, 1985:12).

Contudo, para a ANIUDI, a cozinha não apresenta uma fronteira de gênero, pois ali tanto homens quanto mulheres trabalham na transformação dos alimentos em comida. Inclusive, a cozinha da ANIUDI parece ser uma ressignificação de traços tradicionais japoneses, pois a

[...] comida, em sua dimensão simbólica, para além das necessidades biológicas humanas, foi apreendida por Lévi-Strauss (1979), para quem a cozinha constitui uma forma de atividade humana universal, dado que todas as sociedades cozinham ao menos alguns de seus alimentos: na cozinha estabelece-se, então, a articulação entre natureza e cultura. Assim é que Lévi-Strauss propõe o triângulo culinário como a delimitação de um campo semântico, a partir do qual é possível estabelecer outras relações com a estrutura da sociedade, de natureza sociológica, econômica, estética ou religiosa: homens e mulheres, família e sociedade, economia e prodigalidade, sagrado e profano etc. O autor aponta, desse modo, que a cozinha de uma sociedade é uma linguagem na qual traduz-se inconscientemente sua estrutura. (Wedig, Martins, Menasche, 2008:03)

O que a cozinha tradicional japonesa traduz em termos de estrutura é a hierarquia de sua sociedade. Tradicionalmente, as mulheres não são preferenciais no preparo do sushi, pois o calor de seus corpos cozeria o salmão (cru) além do ponto desejado no processo de preparo do sushi, alterando assim o sabor almejado (Benedict, [1948]2009). Ora, isso não é, senão, expressão clara da dominação masculina na sociedade japonesa, hierárquica e patriarcal que, em larga medida, se perpetuou entre os Nikkei da primeira metade do século passado, um momento anterior à forte ocidentalização do Japão (Cardoso, [1972]1995).

Todavia, enquanto a presença de Nikkei homem na cozinha quebra com a formação de um espaço de sociabilidade feminina, a presença de Nikkei mulher no preparo dos mais variados pratos também quebra, vale dizer, ressignifica aspectos culturais.

Ora, se ali na cozinha, no simples preparo do *sushi*, observamos as transformações mais culturais que o alimento sofre para se tornar comida, mediado por práticas da cultura japonesa, não menos cultural é a sociabilidade que ocorre entre os membros da cozinha. Apesar de não ter ocorrido a oportunidade de dialogar com todos os membros que compõem a cozinha da ANIUDI (à qual também não pudemos entrar), as portas e janelas da cozinha estavam sempre abertas, permitindo observar o que lá dentro se passava. Shirley, Neko-san, Koku-san e Kaninin-san geralmente compunham a equipe da cozinha (mas não eram os únicos).

Nos encontros que participamos, o clima na cozinha era de descontração. Cozinheiros e cozinheiras conversavam sobre os mais diversos assuntos enquanto outros Nikkei se agrupavam nas mesas ao fundo da Associação. A pressão para o rápido preparo dos alimentos não atrapalhava o seu andamento. Inclusive, devido à prática adquirida ao longo dos anos na realização do evento, parecia até um evento harmonioso, quase ritualístico, em que o cortar, ralar, picar, limpar, cozer, fritar, montar seguia uma cadência ritmada em meio aos assuntos cotidianos daqueles Nikkei.

Enquanto isso, do lado de fora, famílias e amigos agrupavam conjuntos de mesa, colocavam “o assunto em dia” e, por vezes, iam até o bar da própria Associação (ocupado por Pedoro-sensei) para comprar cerveja ou refrigerantes. Uma televisão muito silenciosa ficava aos fundos para quem quisesse observar as imagens de uma emissora global.

Inclusive, enquanto estávamos numa das mesas perto do bar, esperando Pedoro-sensei terminar de retirar cervejas de um engradado, capturou nossa atenção escutar uma voz juvenil um pouco mais alta perguntando: “*Obaa-chan*, quer *tempura*?”. Ao olhar para trás, observei um rapaz jovem, talvez iniciando os vinte anos⁷³, se aproximando de uma Nikkei já idosa e repetindo a pergunta. Naquela mesa (na verdade, a união de quatro mesas) estavam amigos e a família ao redor da figura matriarca que, na mais tradicional postura japonesa, meneou a cabeça positivamente. O rapaz foi até o bar comprar *tempura* para os seus familiares.

Apesar de simples, o gesto é emblemático e dele pode-se notar que, naquele espaço, a sociabilidade familiar e o respeito pela família se faziam presentes, ao mesmo tempo que,

⁷³ Posteriormente Koku-san apontou o rapaz como um dos membros do time de baseball da universidade.

apesar da postura séria e feição rígida da senhora Nikkei, a sociabilidade executada possui traços muito subjetivos, particulares e afetivos. Isso pôde ser aferido através do tratamento dado à senhora Nikkei pelo seu neto. O rapaz usou o honorífico “-chan”, demonstrando assim pessoalidade na relação. Ele poderia ter chamado a senhora de avó, mas usou o idioma japonês e um honorífico de afetividade. Essa forma de sociabilidade se aproxima àquela apresentada por Tönnies (1995), quando este se refere às relações em comunidade. Isto posto, o que se observa no momento do festival de *yakisoba* da Associação são práticas com conteúdos mais afetivos, diferentemente daquelas que se espera quando consideramos o termo sociedade, em que as práticas são impessoais e objetivas. Todavia, essa dicotomia não é absoluta. O que realmente temos ali é um espaço em que as práticas adotam um conteúdo menos impessoal do que o esperado nos espaços públicos, ao mesmo tempo que menos afetivos do que aqueles esperados no ambiente privado. O festival do *yakisoba* é um espaço que, apesar da variação temporal (média de trinta dias), marca um momento e local específicos para a celebração de elementos comensais cujos símbolos são compartilhados por aqueles Nikkei.

Enquanto aguardam pela refeição, as pessoas continuam conversando incessantemente. Com uma média de trinta dias entre as realizações dos eventos, é de se esperar que haja assunto para ocupar aqueles Nikkei antes da refeição. Enquanto alguns (mais velhos) se comunicam com algumas expressões em japonês, a maioria dos participantes mantém o uso da língua portuguesa, sobretudo porque ali na Associação não comparecem apenas Nikkei.

Segundo Koku-san, antigamente o evento reunia mais famílias de descendentes mas atualmente a taxa de participação entre Nikkei e não-Nikkei é “meio-a-meio”. A maioria daqueles que não tem ascendência japonesa, vão apenas para comprar a marmitex de *yakisoba* e logo deixam o local. Entretanto, alguns jovens que comparecem com as famílias também levam seus colegas não-Nikkei para o festival, configurando assim um local de sociabilidade mista, sendo ela ressignificada a cada novo evento.

Apesar de ser um evento de culinária japonesa, no momento em que a refeição é servida há pratos e talheres comuns, vale dizer, ocidentais. Garfos e facas são dispostos ao lado de pratos rasos. O *soba* (macarrão) é colocado num grande recipiente e o molho é servido à parte. O arroz branco, o *sushi*, os legumes em conserva, a salada ocidental de tomate e alface, a berinjela banhada ao molho de soja, compõem a mesa. No momento em

que é servida a refeição, as famílias suspendem as conversas. Muitas delas almoçam em silêncio.

Consideramos que o festival de *yakisoba* promove, no momento da refeição, outra ruptura no padrão de comportamento japonês. Tradicionalmente, no momento da refeição, os padrões culturais japoneses se aplicam de maneira hierárquica: os homens são servidos primeiro que as mulheres, depois as mulheres se servem e todos aguardam o chefe da família agradecer pela refeição dizendo *Itadakimasu*⁷⁴. Contudo, nos eventos acompanhados, chegando sempre com antecedência de no mínimo meia hora do início das atividades, não presenciamos ninguém dizendo *Itadakimasu* ou sequer encerrando a refeição com a tradicional expressão *Gochisousama*⁷⁵, que seria um agradecimento final pela refeição. A ordem de se servir também é aleatória. Homens, mulheres e crianças formam filas ao lado da mesa principal e se servem.

Indício talvez de novas práticas e novas ressignificações da cultura, ou ainda de uma fusão de hábitos locais com práticas Nikkei: o almoço silencioso em família (o que não é uma característica exclusiva da prática japonesa durante as refeições), em que a comida é um símbolo representante da cultura japonesa ao passo que não obedece à hierarquia ou ao ritual comumente associado ao “estilo japonês” à mesa.

Findo o festival, tendem a permanecer as famílias mais antigas e com maior vínculo à Associação, sobretudo para pequenas reuniões que são feitas de súbito sobre os assuntos pertinentes à Associação. Dentre esses assuntos, todavia, se destacam aqueles referentes à manutenção da Associação e aqueles vinculados às práticas políticas adotadas. Sobre essas últimas, o trabalho de campo revela informações importantes.

Fazendo política pela Associação

Uma das características fundamentais de vínculos associativos que se consolidam na formação de uma Associação, em particular uma associação étnica, é a busca pela garantia de direitos aos seus membros face à sociedade receptora ou comunidade local.

⁷⁴ *Itadakimasu* não possui uma tradução literal. Grosso modo, equivale à prece ocidental cristã antes das refeições como “Senhor, muito obrigado pela comida”. O intuito é agradecer a oportunidade de comer.

⁷⁵ De maneira similar ao *Itadakimasu*, o *Gochisousama* indica um agradecimento pela refeição, no sentido de tê-la comido.

Assim, de forma similar ao que parece ter acontecido com os imigrantes japoneses, Vilela (2001:171) enfatiza o tema da integração na sociedade brasileira para o caso dos sírios e libaneses.

Quando sírios e libaneses ingressaram na sociedade brasileira, um sistema de relações assimétricas foi constituído. Esse sistema resultou do contato intenso entre os grupos que se enxergavam como essencialmente diferentes e, em virtude de uma ótica étnica, criavam espaços de inclusão e de exclusão. No momento em que sírios e libaneses passaram da expectativa de uma imigração de curto prazo, para a de uma fixação no Brasil por um período mais longo, eles começaram a produzir mecanismos de elaboração e de alimentação das identidades e, conseqüentemente, instrumentos mantenedores da coesão social.

É tema recorrente em trabalhos sobre imigrantes a temática da integração e as estratégias que os grupos criam para a adaptação em um novo território. Dessa forma,

As associações surgem não apenas como lugar de sociabilidade e de convívio entre os imigrantes, ou de resgate da identidade nacional; mas aparecem como atores fundamentais no processo político em curso que vem delineando um novo caminho para as relações entre imigrantes e nacionais. Quer como canal legítimo de diálogo com o poder público e órgãos europeus, quer como mediadores em situações de crise e de violação dos direitos humanos as associações e organizações de proteção ao imigrante têm conseguido abrir espaço para sua atuação e um lugar de maior visibilidade. (Barreto, 2011:308)

Sendo Taichou-san o presidente da Associação, é através dele que buscamos conhecer os elementos políticos, posicionamento e ações que os atores sociais executam a fim de alcançarem seus objetivos, apoiado em reportagens que trouxeram à tona algumas atividades da Associação Nikkei. Desse modo, Taichou-san é tomado como um dos principais mediadores da Associação. Mas, se dissemos acima que a mediação é uma atividade, vinculada, fundamentalmente, a *projetos*, nos parece importante apresentar de forma sucinta tal conceito. Segundo Barreto (2009:01)

O conceito de mediação tem sido utilizado por pesquisadores das mais diversas áreas. A intensificação de seu uso a partir de uma associação com as possibilidades de regulação e intervenção social gerou ao mesmo tempo uma necessidade de refletirmos e reavaliarmos o conceito, assim como afirmou um campo de atuação e de profissionalização. Sociólogos, antropólogos, educadores, advogados, cientistas políticos, gestores, jovens de bairros populares, mães são mediadores em escolas, em órgãos e entidades públicos, agências multilaterais ou em ONGs, em associações e bairros sociais. No entanto, quando nos referimos à mediação e, principalmente à expansão de seu uso, não podemos desvinculá-la das questões urbanas e da vida política de modo geral. A mediação é uma tipo de atividade que privilegia uma relação social que opera com a aproximação, a participação e com a negociação. O conflito é assumido como parte constitutiva das sociedades e a negociação se faz presente nas mais variadas formas de relações sociais.

A autora aborda o debate francês sobre o tema, conferindo destaque à relação com as questões urbanas.

D'autant que, dans le même temps, la politique de la ville évolue vers une nouvelle approche du traitement des problèmes, non plus en termes de handicaps à résorber, mais de ressources cachées à valoriser. Cette nouvelle approche se traduit par la recherche d'interlocuteurs locaux et la reconnaissance du rôle des habitants pour lutter contre l'exclusion. La connaissance du « milieu » pour pouvoir s'y appuyer, devient la base indispensable de toute action de « développement » dans les quartiers d'habitat social. L'appartenance est valorisée pour favoriser une relation « sensible ». Dans cette optique, le monde associatif est invité à se mobiliser. De nombreux habitants jouent aussi une fonction d'intermédiaires. Apparaissent, à partir du début des années 1980, en particulier dans les quartiers à forte population immigrée, des personnes-relais (cf. 3.3 -La médiation sociale et culturelle), essentiellement des femmes, qui jouent un rôle croissant dans l'interface entre ces populations, voire les populations françaises défavorisées, d'une part, et les représentants de l'administration d'autre part. Par leur connaissance du quartier et de ses habitants, elles s'affirment progressivement aux yeux des professionnels du social et des administrations comme les interlocuteurs recherchés. Ainsi, les acteurs « issus du quartier », les travailleurs sociaux issus de l'immigration, se multiplient. (Ferre, 2002:7 *apud* Barreto, 2009:02)

Outra dimensão da mediação tratada por Barreto (2009) é a da administração de um tipo de justiça social, cujo litígio ganha destaque, mas que a colocaria muito mais como uma atividade compensatória e menos conforme aqui a pensamos, enquanto uma atividade cotidiana para os indivíduos contemporâneos. Assim, nossos interlocutores se apresentam como esses indivíduos contemporâneos que transitam entre diferentes códigos culturais e precisam negociar com outros indivíduos, atores e agências para a consecução de seus *projetos*. A mediação pode ser percebida nas aulas de japonês, nos eventos culinários e nos esportivos, mas também em outra dimensão: na atuação política. Um desses casos é o que se refere a pedidos de nacionalidade.

Um primeiro ponto que se coloca, de imediato, é a busca pela extensão de direitos na sociedade japonesa para os nipo-brasileiros. Segundo a legislação japonesa, a aquisição de cidadania segue padrões muito específicos e burocráticos.

A constituição japonesa prevê um capítulo exclusivo sobre a nacionalidade, sendo bastante criteriosa quanto à nacionalidade para estrangeiros. Grosso modo, os filhos de pai ou mãe japoneses, desde que notificados ao ministério japonês (principalmente através de suas embaixadas) têm direito à cidadania se tal notificação for efetuada até os vinte anos⁷⁶. Para aqueles que não efetuaram tal comunicado ou registro (vale dizer, a maioria dos

⁷⁶ A lei da nacionalidade (Lei No. 147 de 1950, alterada pela Lei No.268 de 1952, a Lei no.45 de 1984, a Lei no.89 de 1993 e Lei No.147 de 2004). A maioria no Japão é a partir dos 20 anos.

imigrantes japoneses que para o Brasil vieram), a lei segue o seguinte suposto em seu Artigo 5:

O Ministro da Justiça não deve permitir a naturalização de um estrangeiro a menos que ele preencha todas as condições seguintes:

1. que ele ou ela tenha domicílio no Japão por cinco, ou mais, anos consecutivos;
2. que ele ou ela tenha vinte anos de idade ou mais e de plena capacidade de agir de acordo com a lei do seu país de origem;
3. que ele ou ela tenha boa conduta;
4. que ele ou ela seja capaz de garantir o sustento por condições próprias ou capacidade, ou aqueles cujo o cônjuge ou parentes com quem vivam uma vida de despesas em comum;
5. que ele ou ela não tenha nacionalidade, ou aquisição da nacionalidade japonesa tenha causado a perda da nacionalidade estrangeira;
6. que ele ou ela nunca tenha planejado ou advogado, nem tenha formado ou pertencido a um partido político ou outra organização que tenha planejado ou advogado pela queda da Constituição do Japão, ou contra o Governo já existente, desde a promulgação da Constituição do Japão.

A aquisição, portanto, de cidadania japonesa precisa seguir um longo caminho, mesmo para aqueles que são descendentes. O visto para entrada é facilitado, mas a aquisição de dupla cidadania não. Inclusive, a mesma constituição prevê, em seu Artigo 14, que para aquele indivíduo que possui pluricidadania, há de se fazer uma escolha pela cidadania japonesa num período estipulado sob a pena de se perder o direito à cidadania japonesa. Caso o descendente não opte ou não se manifeste, considera-se que ele abriu mão dos vínculos que possui com o Japão.

Ciente disso, ao longo dos anos, Taichou-san busca representatividade junto ao governo japonês para facilitar a aquisição de cidadania e direitos para os descendentes de japoneses que habitam Uberlândia. Seu contato com a política japonesa se deve ao ex-prefeito da província de Shimabara, Michitaka Maeda-san. Segundo o jornal *Participação* (1985), Maeda-san visita o município de Uberlândia com frequência por ter nascido nesta cidade. Apesar de ter moradia no Japão desde a infância, ele retorna ao município para visitar o túmulo de seu pai.

Taichou-san disse que se encontra com Maeda-san em suas visitas à Uberlândia para tentarem ações conjuntas em prol dos Nikkei, mas a situação é difícil. Como ilustrou Taichou-san, o poder político japonês era dividido entre a Câmara Alta e a Câmara Baixa.

Sendo representante de poder local, o ex-prefeito de Shimabara pertence à Câmara Baixa, suas propostas encontram dificuldades quanto à aprovação, frustrando sempre as expectativas dos Nikkei, principalmente de Taichou-san, que também desejava que Uberlândia fosse reconhecida como uma cidade-irmã japonesa em virtude da existência da Associação e da existência de “práticas japonesas” na cidade.

A constituição de *acessos* (Kuschnir, 2000) pode possibilitar a determinados indivíduos sua conversão em mediador. Nesse caso, Taichou-san, apesar de ter *acesso* a um representante político no Japão, não consegue sucesso em função de um jogo de forças no qual o indivíduo-chave de sua rede de contatos não detém poder suficiente para influenciar a tomada de decisões no sentido favorável à demanda dos descendentes de japoneses no Brasil.

Ao mesmo tempo que desejava a ascensão da cidade de Uberlândia à categoria de cidade-irmã mediada pelas práticas comuns à cultura japonesa, Taichou-san mantinha uma posição firme quanto à concepção desse tipo de cultura e da situação da comunidade local em relação à Associação. Principalmente quanto ao poder público municipal.

Ao longo dos anos, o governo municipal dava atenção à Associação apenas quando lhe interessava, concedendo destaque midiático em alguns jornais e telejornais locais, tal como anunciar as vitórias do time de *gateball* da associação, ou trazer à tona ações em parceria com a prefeitura, como plantar árvores de cerejeira num parque ecológico do município (Parque do Sabiá). De forma geral, as notícias pareciam “enquadrar” a cultura japonesa como um produto artificial, um produto a ser consumido, facilmente manipulado para outros fins que não aqueles almejados pela Associação.

Foi então que em uma conversa com Taichou-san, ele se posicionou quanto à situação:

Cerejeira pra quê? Aqui no cerrado morre rápido se não cuidar constantemente. Olha o quão bonito é **um ipê rosa e florido**! Aqui tem tantas coisas bonitas e que a comunidade não dá valor. O principal problema aqui no município é a cultura. Nossa secretária de cultura nem sabe dizer o que é cultura! Plantar uma cerejeira não é cultura. Comer com *hashi* também não. O que precisa aqui na região é valorizar a cultura. Não só a japonesa, mas sobretudo valorizar o que temos aqui. (Taichou-san, registrado em 20 de Março de 2011, grifo nosso)

Em praticamente todas as conversas com Taichou-san ele voltava à temática da cultura. Para ele, a cultura era sempre tratada no singular e, segundo nossa percepção, seu conceito de cultura estava muito próximo ao de educação e respeito, simultaneamente⁷⁷.

O tema da cultura era pauta, sobretudo quando o assunto eram os demais Nikkei no município. Certa vez, perguntado sobre a relação que a Associação mantinha com os demais descendentes japoneses, sempre muito polido, Taichou-san respondeu que nem

⁷⁷ Sobre os usos de cultura e a categoria antropológica ver artigo de Roberto Da Matta, *Você tem cultura?* (DaMatta, 1986a)

todos os descendentes que habitam o município de Uberlândia participam da Associação. Segundo ele, aqueles que não participam o fazem por não valorizarem a cultura japonesa, principalmente porque não entendem o valor que a Cultura possui para a transformação da sociedade⁷⁸.

Naquela mesma entrevista, trouxemos à tona a questão do universo juvenil mediado pela Cultura Pop Japonesa em Uberlândia (Silva, 2010) e que, naquela época, o organizador do evento não tinha recebido apoio da Associação. Ao ser questionado sobre esse fato, Taichou-san disse que não considerava “aquilo” parte da cultura japonesa, porque era coisa de jovens, não tinha nada a ver com a cultura japonesa em si. Era mercadoria e que na época o organizador recorreu à Associação principalmente na busca de patrocínio financeiro para os eventos⁷⁹, coisa difícil para a Associação, pois a sua renda é baixa.

Quando questionado sobre as famílias e a participação Nikkei em geral, Taichou-san disse que desejava que todas as famílias participassem, mas que “a maioria delas não dá valor”. Segundo ele, a última vez que teve contagem de famílias no município, havia cerca de trezentas famílias⁸⁰, mas que só quarenta fazia parte da Associação. A maioria dos descendentes estariam perdendo os valores que a cultura japonesa traz. Ainda assim, Taichou-san não apresentou estratégias ou um projeto específico para agregar novos associados. Inclusive, reafirmou algumas vezes que a Associação “estava lá para todos os descendentes e famílias que quisessem participar”, adotando uma atitude passiva quanto ao assunto.

Acerca do papel da ANIUDI no cenário uberlandense, Taichou-san também apontou elementos externos que exigem certas ações da Associação. O primeiro deles é o baixo apoio da Prefeitura Municipal e do poder público em geral para as práticas de associações. Segundo ele, após algumas reuniões com a Embaixada Japonesa, era uma situação comum o fechamento das Associações de Imigrantes, não só as de Japoneses, em

⁷⁸ Interessante notar que, em contrapartida, ao conversar com uma descendente nikkei, filha do dono de um dos mais famosos restaurantes de comida típica japonesa em Uberlândia, ela afirmou que a família não participava da associação justamente porque eles não consideravam que a associação fazia coisas tipicamente da cultura japonesa.

⁷⁹ Pesquisas anteriores (Silva, 2009;2010) apontam que a intenção do organizador do principal evento de Cultura Pop Japonesa no município, chamado Tsukai, realmente recorreu à Associação em busca de patrocínio financeiro, pois até então, seus eventos não recebiam verba dos projetos municipais de incentivo à cultura.

⁸⁰ Pedoro-sensei, posteriormente, apontou que a estimativa de Taichou-san era baseada num pequeno censo realizado pela antiga associação na década de 1990. Dando um palpite sobre a quantidade de famílias Nikkei no município em 2011, Pedoro-sensei disse que, por causa do crescimento da cidade, já deveria haver cerca de novecentas ou até mesmo mil famílias.

todo o Brasil. Em Uberlândia mesmo, a única que permanecia de pé era a Associação Nikkei, porque a Italiana, Sirio-Libanesa, Portuguesa, Espanhola (daquelas que se lembrava) já haviam fechado. Era difícil conseguir manter as Associações porque o poder municipal não ajudava. Contou ele que, para as práticas esportivas, havia conseguido uma área no Parque do Sabiá, mais especificamente na Vila Olímpica, através de um projeto que mandou para a Prefeitura⁸¹, mas que a prefeitura só forneceu o terreno. A própria Associação teria que arcar com os custos de se construir as quadras para *softball*, *gateball* ou outros esportes, o que tornou inviável a execução do projeto.

Apontou também que, uma das poucas aberturas que possuía era no evento da feira gastronômica do Mercado Municipal que acontece toda terceira quinta-feira do mês e que, mesmo assim, a Associação tinha atuação limitada porque lá somente vendia *sushi* e *tempura*. Que eles não faziam outros alimentos porque no próprio mercado tem uma loja de comida japonesa⁸². Para poder ter a barraca no evento, os Associados é que tinham que se dispor para realizar todas as tarefas. Transporte, preparação de comida, montagem de barraca, compra de bebidas etc. Apesar de a Associação tentar repor os gastos que os membros tinham com a execução da barraca, às vezes isso dava prejuízo. Contudo, mesmo cientes de que não era uma ação rentável, em termos econômicos para a Associação, tanto Taichou-san quanto Koku-san fizeram questão de ressaltar o papel da culinária japonesa no município e sua relação com a Associação.

Para ambos, comida japonesa “virou moda” por conta de todo o discurso sobre saúde que reforçavam a comida japonesa como mais saudável. Tanto era que diversos restaurantes estavam abrindo na cidade⁸³, mas que “comida, comida japonesa mesmo, só lá no Kiramu” – disse Koku-san, exaltando a mais antiga franquia de comida japonesa da cidade. Ainda segundo aqueles atores, a comida era importante para a cultura japonesa, mas não era a única coisa. Koku-san então explicou que, quando ele era criança, o pai dele se reunia com outros pais, japoneses também, para fazerem *haiku*⁸⁴, para cantar músicas

⁸¹ Convém aqui notar que Taichou-san era professor em instituição federal de ensino, habituado a concorrer editais com projetos.

⁸² Acerca dessa loja de comida japonesa no Mercado Municipal, consultar o próximo capítulo ou Silva (2010).

⁸³ A reportagem de Fernandes (2011) apresenta a existência de mais de dez restaurantes especializados na culinária japonesa, todavia, o número real de estabelecimentos que servem comida japonesa é maior. Ao que tudo indica, a reportagem considerou apenas os estabelecimentos que servem comida japonesa exclusivamente.

⁸⁴ *Haiku* ou *haikai* (a segunda forma é mais conhecida) é uma arte japonesa de composição de versos métricos que busca eternizar um momento.

típicas ou jogar *shogi*⁸⁵. Com exceção da culinária e de algumas escolas do idioma, não tinha mais nada relacionado à cultura japonesa na cidade. O que, segundo ele, era ruim porque quem procurava a Associação procurava “só por conta do festival de *yakisoba*” ou, em escala bem menor, em função das aulas de japonês.

Sem demanda, a Associação não tinha sequer condições de propor novas atividades. Assim, acabavam por ceder a outras atividades sem vínculo com a cultura japonesa, tal como era o jogo de pôker, que acontecia na Associação em algumas terças e quintas de forma muito esporádica, ou por meio de atividades combinadas somente entre eles, tal como pescarias nos sítios dos Associados ou retomar a antiga prática de reunir algumas famílias nas residências para o preparo de comidas típicas, como era o caso do preparo de *udon*. Como os ingredientes para o preparo de *udon* eram um pouco mais caros e a técnica leva um tempo maior, eles não faziam no evento culinário (festival do *yakisoba*), mas reuniam algumas pessoas para fazerem o prato de vez em quando.

Sem projetos exclusivos para a expansão da Associação, a pauta imediata que se mostrava era justamente a sua sobrevivência. A baixa procura ou participação dos Nikkei era um indicativo de problemas sérios. As políticas municipais não auxiliavam a Associação, que até então se mantinha com o evento culinário e a mensalidade de seus Associados. A baixa divulgação das atividades da Associação, aliada a uma certa “invisibilidade” da cultura japonesa afirmada pela associação, fazia com que a ela ou grande parte das práticas Nikkei vinculadas à cultura japonesa compusessem a agenda de alguns poucos conhecedores dessa entidade, alguns amigos de familiares ou dos Nikkei mais antigos da cidade que apoiavam as práticas da Associação.

Então, em seus quase dez anos de existência (inclusive aqueles antes de sua formalização jurídica), a Associação Nikkei de Uberlândia começou a apresentar indícios de seu fechamento, colocando em risco o que se consolidou através da luta e insistência de seus Associados.

O “fim” da Associação Nikkei de Uberlândia

Na tarde de 17 de Abril de 2011, foi “anunciado” o fechamento da Associação Nikkei. Utilizamos “anunciado” porque não se tratou de um pronunciamento oficial e

⁸⁵ O *shogi* é um jogo de guerra similar ao xadrez ocidental.

amplo. Sequer causou agitação naquele dia. Isso foi feito de maneira sutil e, pelo que percebemos, os representantes da Associação estavam informando o encerramento das atividades apenas para pessoas que não eram formalmente sócias, como se quisessem evitar que pessoas fora do círculo associativo comparecessem à sede da Associação.

Naquela tarde de domingo, estava programado o já tradicional evento de culinária. Ao chegarmos à Associação, cerca de meia hora antes de abrirem, encontramos Taichou-san, que estava na varanda e nos deixou entrar, pedindo que deixássemos o portão aberto para os demais. Cumprimentamos todos, inclusive a equipe da cozinha que também estava na varanda. Iniciamos uma conversa com Taichou-san sobre o calor que fazia no cerrado e ele disse que isso prejudicava a agricultura, e continuou a narrativa sobre sua pequena propriedade e plantações enquanto um dos cozinheiros lhe servia uma cerveja. Eles conversavam sobre aterramento e tratores para organização de seus sítios. Após algum tempo ali naquela roda de conversa, Taichou-san questionou sobre a pesquisa, se ela transcorria bem e o que já havíamos conseguido. Após uma breve explicação de nossa parte, ele esboçou um sorriso de contentamento, provavelmente por, até o momento, não termos mencionado nada negativo a respeito da Associação.

Pedindo licença, Taichou-san trocou de lugar com Koku-san e foi resolver outros assuntos, se ausentando, naquele dia, quase o evento inteiro. Assim como nos demais dias que participamos do evento na Associação, aguardávamos o horário de servirem o almoço enquanto alternávamos entre conversas e observações. Enquanto conversávamos com Pedoro-sensei no bar, um menino louro entrou pela pequena portinhola que dava acesso ao seu interior. Com exceção de Pedoro-sensei, ninguém mais entrava naquele espaço. O garotinho entrou falando: “Vovô, eu quero uma coca”. Pedoro-sensei respondeu “Jii-chan já vai pegar pra você”. De pronto evidenciou-se que o garotinho era neto de Pedoro-sensei.

O menino não possuía nenhum traço fenotípico de ascendência japonesa, fato facilmente comprovado pelo seu cabelo loiro, olhos claros e pele caucasiana. Aproveitando a euforia da criança, perguntamos o seu nome e ele se apresentou como Aru-chan. Extrovertido, o garoto conversava conosco por detrás do balcão, nos braços do avô. Pedoro-sensei relatou que possuía dois filhos e que Aru-chan era seu neto por parte do filho mais velho (Reo-san). Enquanto estávamos com Aru-chan, conhecemos primeiramente sua mãe (não Nikkei) e seu tio (o filho mais novo de Pedoro-sensei), que por vezes ficavam incrédulos com a hiperatividade da criança. Reo-san, pai de Aru-chan, apareceu cerca de trinta minutos depois visto que estava trabalhando e chegara um pouco

mais tarde no evento, vale dizer, pontualmente, pois a sua chegada coincidiu com o início do almoço.

A típica mesa comprida ficava aos fundos, adornada com o mesmo forro branco comum, já observado nos eventos anteriores. Foram servidos: o *soba* (macarrão) cozido e levemente frito, o molho à base de soja, arroz branco tradicional, arroz branco com legumes, berinjela ao molho de soja, salada composta de alface e tomate e, por fim, pickles e cenouras em conservas. Ali as pessoas se serviam com pratos comuns de vidro, talheres locais como garfo, faca e colher.

Dado o movimento naquele dia, rapidamente deixamos a mesa para que outras pessoas pudessem almoçar. Sem muitos lugares para sentar, ficamos em um local ao final do corredor lateral da casa, ao lado da cozinha. Ali era um ponto interessante para se observar, pois todos passavam por ali.

Evocando o imaginário da figura do antropólogo, estávamos sentados fazendo anotações, observando as relações que ali se instaurava, todavia, não de dentro de uma tenda da qual se podia enxergar toda uma “tribo”, mas com certeza, naquele banco de concreto, próximo à cozinha, foi possível apreender algo mais particular e valioso para entender o destino dos laços associativos Nikkei. Enquanto anotávamos sobre a constituição familiar, foi possível constatar que as pessoas que ali chegavam, vinham como casais, com até dois filhos, sendo que a maioria dos casais apresentava apenas o marido com traços fenotípicos japoneses. Interrompemos por um momento as anotações ao escutar, em tom mais alto, as cozinheiras e cozinheiros comentarem sobre o número de pessoas que estavam visitando naquele dia, pois “era estranho logo no dia em que tinham ido tantas pessoas, a Associação ter que parar de servir o almoço”. Pelo que foi possível entender, a Associação estaria fechando temporariamente por falta de lugar e que eles mudariam assim que possível.

Um tanto curiosos pela situação, rapidamente procuramos Pedoro-sensei para pedir aulas de japonês, podendo assim ter mais contato e saber o que realmente havia acontecido caso a Associação terminasse. Pedoro-sensei informou que na instituição em que ele ensinava japonês as turmas já estavam na metade do curso e que não poderíamos entrar. A Associação já não tinha alunos para a aula de japonês há alguns meses devido à baixa procura, não formando assim alguma turma específica. Grosso modo, ele propôs aulas particulares na própria Associação. Marcamos as aulas para terças e quintas, no período da tarde, pelo valor de cento e vinte reais mensais, mais o valor do material (uma apostila no

valor de vinte reais). Mesmo que se confirmasse o “fim” da Associação, de certa forma teríamos vínculos com Pedoro-sensei para futuras indagações.

Apenas no final do evento daquela tarde, Taichou-san reapareceu. Durante todo o evento ele esteve ocupado conversando com outras pessoas, em geral, particular. Enquanto Taichou-san cedia uma entrevista, juntamente com Koku-san, indagamos sobre o que havia escutado. Sobre o fim da Associação. Sua resposta foi como se segue:

Bom, não é bem o fim. A situação é que a gente não vai ter mais o evento do almoço por enquanto e a Associação não vai ser mais aqui nessa casa. A gente ainda não sabe pra onde vai mudar, mas ter uma Associação aqui é um pouco complicado. A gente é a última Associação de imigrantes e descendentes. Até onde eu sei, todas as outras já fecharam portas. A gente tá aqui resistindo, mas tá difícil. Apesar da casa ser cedida por Pedoro-san, a Associação paga um aluguel e tem os gastos com água, luz e tudo mais. Infelizmente a Associação não está conseguindo equivaler os gastos. Hoje apareceu muita gente no evento, tanto que já fechamos a cozinha e não estamos servindo mais, só que não é sempre assim. Então decidimos que fecharemos por enquanto. Estamos avisando aqueles que vêm comprar a marmitex de yakisoba e os sócios que a gente tá mudando, mas por enquanto, não vai ter mais eventos na Associação. (Taichou-san, entrevista cedida em 17 de Abril de 2011)

A entrevista terminou logo após a declaração de Taichou-san, visto que já era tarde e ele ainda tinha que se reunir com outros membros. Despedimo-nos das pessoas que ainda estavam no local e fomos embora.

Na terça feira próxima, encontraríamos com Pedoro-sensei para as aulas de japonês ali na Associação, podendo assim indagar um pouco mais sobre a situação. Todavia, uma situação se colocava: se a Associação estava suspendendo suas atividades, porque ainda eram oferecidas as aulas de japonês? Pedoro-sensei poderia apenas confirmar a suspensão das atividades. Contudo, isso não ocorreu. Na terça feira seguinte, dia dezanove de Abril, comparecemos à Associação para iniciar as aulas de japonês. Logo no primeiro dia de aula, dado os acontecimentos recentes sobre a Associação, indagamos Pedoro-sensei e ele (um pouco constrangido) apresentou sua versão para o que havia ocorrido.

Segundo ele, o que havia se passado é que a Associação queria aumentar o valor do aluguel pago, visto que o valor do aluguel que pagavam era muito baixo e não achavam justo com Pedoro-sensei. Era uma iniciativa da Associação. Frente a isso, Pedoro-sensei teria insistido em manter o mesmo valor do aluguel e que não entendia como uma decisão tão importante podia ser tomada por uma ou duas pessoas, sem uma reunião mais geral da Associação (mas não citou os membros que se reuniram para a tomada de decisão). Ainda

mais depois de terem voltado do campeonato de *gateball* tão recentemente⁸⁶. Segundo ele, foi insistência de Taichou-san querer aumentar o valor do aluguel e que, por ele, não precisava visto ele não fazia aquilo para ganhar dinheiro, era uma ajuda que ele dava para a Associação. A Associação não tinha outras fontes de renda que não o evento do almoço e a mensalidade dos associados e por isso eles não poderiam pagar um aluguel maior pela residência, pois os rendimentos eram relativamente baixos.

Depois desse posicionamento de Pedoro-sensei, não tocamos mais no assunto. Prosseguimos com as aulas de japonês no primeiro mês apenas, visto que o profissionalismo de Pedoro-sensei durante as aulas não abria espaço para outros pontos que não o da língua japonesa, impossibilitando assim a captação de maiores dados para a pesquisa.

Com a suspensão do evento culinário, a Associação não tinha mais atividades, tampouco oferecia um espaço para sociabilidade entre aqueles Nikkei e suas famílias, com exceção do que já mencionamos sobre os encontros nas casas de amigos Nikkei, local que não tivemos acesso. Aquela residência, que inicialmente parecia uma casa comum no panorama local, por fim, constituiu-se numa casa comum. Sem abrigar os eventos da ANIUDI, aquele lugar era apenas mais um imóvel. Apesar de insistirem na expressão “suspensão temporária”, o que parecia era realmente o fim da Associação. Não fosse por novos acontecimentos ao longo do ano de 2011, que acompanhamos com relativa proximidade, teríamos dado como finda as atividades da Associação.

Levou um certo tempo para retomarmos contatos com os interlocutores da pesquisa vinculados à ANIUDI, mas alguns fatos não escaparam do mínimo de vigilância sobre o universo Nikkei. O primeiro fato foi encontrar, num dos eventos do Mercado Municipal, uma barraca de comida japonesa sendo ministrada por Pedoro-sensei, Taichou-san e Kaninin-san, com a ajuda de Shirley (esposa de Pedoro-sensei) e Neko-san (esposa de Taichou-san). Lá, eles serviam *tempura* e *sushi* a preços acessíveis. Como o evento no Mercado Municipal acontece mensalmente, pôde-se perceber que, mesmo com a “suspensão” das atividades associativas, os vínculos entre aqueles atores eram suficientemente fortes para manterem a atividade de comida japonesa no evento culinário do Mercado Municipal.

⁸⁶ Uma das atividades entre aqueles associados era a participação da ANIUDI em eventos desportivos. Na primeira semana daquele mês, ou seja, uma semana antes do evento de culinária na sede da ANIUDI, eles estiveram em Caldas Novas (GO) para participar do 28º Campeonato Brasileiro de *Gateball*.

Um segundo indicativo de possíveis estreitamentos dos laços associativos entre aqueles pertencentes à ANIUDI diz respeito à participação do time no XVII Torneio Taiyo de *Softball*, realizado em Caldas Novas (GO) entre os dias oito e onze de setembro daquele ano. A Associação sempre manteve um histórico de participação nos eventos esportivos⁸⁷ e aquele evento estava na agenda da Associação para aquele ano. Por que, então, não teria sido “suspenso” como os demais eventos?

Tudo levava a acreditar que constava nos projetos da Associação uma retomada de atividades, visto que, paulatinamente, mantinham certos vínculos e atividades associativas entre si. Contudo, tal suposição foi abalada com um pronunciamento da Associação num jornal local:

Editais de Convocação
Assembléia Geral Extraordinária

A Associação Nikkei de Uberlândia (ANIUDI), com sede à r. Claudemiro José de Souza, 1080, bairro Brasil, Município de Uberlândia, estado de Minas Gerais, CNPJ 07.428.827/0001-40, convoca os seus associados para comparecerem no dia 09 de Outubro de 2011, na sua sede, às 20:00h, para deliberar sobre o encerramento das atividades da associação e do encaminhamento dos seus ativos. Não haverá adiamento da Assembléia e esta iniciará a seção com qualquer quorum após 30 minutos

Uberlândia, 27 de Setembro de 2011
Agatsuma-san
Presidente

Fonte: JORNAL10, 2011.

Assim, naquele mesmo mês em que estavam juntos no evento esportivo, chamaram uma Assembleia para deliberar quanto ao encerramento das atividades da Associação, mas não se manifestaram a respeito, mesmo tendo nos encontrado no evento do Mercado

⁸⁷ Para mais, cf. Barbosa (2008) e Mendes (2008).

Municipal pouco antes. Nota-se que o termo utilizado foi “encerramento” e não “suspensão”. Ao que parecia, a Associação estava mesmo fadada ao término. A chamada era incisiva ao mencionar que não haveria adiamento da Assembleia e que se realizaria independente do número de associados presentes. Percebe-se também que Taichou-san, até então presidente, havia sido substituído por outro Associado (Agatsuma-san).

Àquela época, a pesquisa se concentrava em outros atores sociais (como veremos no capítulo a seguir) e não pudemos participar daquela Assembleia, tanto por estarmos focados em outros Nikkei, como por não ser membros/associados da ANIUDI⁸⁸.

Entretanto, sentimos a necessidade de compreender o que se passava com a ANIUDI em um momento em que parecia manter laços associativos ao mesmo tempo em que buscava por rompê-los.

Ao investigar a situação da Associação, um novo panorama se colocou. A imagem a seguir, registrada de uma consulta junto à Receita Federal e com algumas alterações quanto à preservação de privacidade, nos apresenta a situação, ao menos legal, da Associação Nikkei de Uberlândia:

Com destaque para a situação cadastral da ANIUDI, ao menos para os órgãos oficiais a Associação ainda existe e mantém atividade. Todavia, isso não implica que tal aconteça na prática, tampouco é prova conclusiva da deliberação da Assembleia ocorrida em nove de outubro de 2011.

Ao procurar por membros que participaram daquela reunião, as respostas que obtivemos foram vagas, mas que indicavam um incômodo: a possibilidade de seu fechamento definitivo.

⁸⁸ É sabido que pesquisadores conseguem acesso a reuniões ou eventos exclusivos a membros associados. Todavia, desde o princípio da pesquisa instaurou-se limites muito sólidos na relação pesquisador/grupo pesquisado, sobretudo quando tentamos obter dados ou informações oficiais, tais como registros e documentação da associação ou ainda participar de algumas reuniões. Dessa forma, procuramos respeitar sempre os limites impostos por nossos interlocutores, até para evitar que outras portas fossem fechadas em relação aos demais contatos e acessos.

Figura 9: Consulta CNPJ da ANIUDI

 REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL CADASTRO NACIONAL DA PESSOA JURÍDICA			
NÚMERO DE INSCRIÇÃO		COMPROVANTE DE INSCRIÇÃO E DE SITUAÇÃO CADASTRAL	
MATRIZ		DATA DE ABERTURA 08/06/2005	
NOME EMPRESARIAL ASSOCIACAO NIKKEI DE UBERLANDIA			
TÍTULO DO ESTABELECIMENTO (NOME DE FANTASIA) ANIUDI			
CÓDIGO E DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE ECONÔMICA PRINCIPAL 93.12-3-00 - Clubes sociais, esportivos e similares			
CÓDIGO E DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS SECUNDÁRIAS Não informada			
CÓDIGO E DESCRIÇÃO DA NATUREZA JURÍDICA 399-9 - ASSOCIACAO PRIVADA			
LOGRADOURO	NÚMERO	COMPLEMENTO	
CEP	BAIRRO/DISTRITO	MUNICÍPIO	UF
	BRASIL	UBERLANDIA	MG
SITUAÇÃO CADASTRAL ATIVA		DATA DA SITUAÇÃO CADASTRAL 08/06/2005	
MOTIVO DE SITUAÇÃO CADASTRAL			
SITUAÇÃO ESPECIAL		DATA DA SITUAÇÃO ESPECIAL	
*****		*****	
Aprovado pela Instrução Normativa RFB nº 1.183, de 19 de agosto de 2011.			
Emitido no dia 18/01/2012 às 16:55:33 (data e hora de Brasília).			
Página: 1/1			

Em um encontro com Koku-san e Taichou-san na barraca de comida japonesa no Mercado Municipal, eles esclareceram que, dada a frágil situação (financeira) da Associação, eles buscavam repensar como manter a Associação, buscando apoio em outros lugares, visto que eles (os associados) chegaram à conclusão de que a dificuldade da Associação estava relacionada ao baixo apoio da comunidade, principalmente por parte dos descendentes que viviam na cidade. Eles não disseram quais estratégias adotariam para fortalecer a Associação, mas acreditamos ser válido expor aqui um dado fornecido por um informante.

Segundo Shien-kun⁸⁹, o presidente da Associação mantinha diálogos com outras instituições vinculadas à cultura japonesa na região. Ele referiu-se a uma conversa que o presidente da Associação tivera com um representante de associação do município de

⁸⁹ Shien-kun é pequeno-empresário e praticante de Kendo no município de Uberlândia. Não é Nikkei.

Uberaba. Segundo o conteúdo da reunião, a tentativa era fortalecer a presença da cultura japonesa através de elementos típicos dessa cultura, como as artes marciais e os festivais tradicionais, pois essa era uma prática que dava certo em municípios como Ribeirão Preto (citando ainda o festival Tanabata⁹⁰).

O que se observa é a possibilidade de novas estratégias para a manutenção e reelaboração de laços associativos entre aqueles Nikkei. Ao buscar parcerias em outra região, que por sinal foi uma região de destaque na imigração japonesa no Triângulo Mineiro, o que se apresenta é a necessidade de uma reelaboração do projeto associativo para que os laços, antes familiares e pessoalizados, se consolidem em novas práticas que não dependam exclusivamente das famílias formadoras da ANIUDI.

É provável que um novo capítulo no associativismo Nikkei no município de Uberlândia seja escrito a partir de novos vínculos, buscando integrar uma maior parcela dos Nikkei local (ou ainda regionalmente) através de práticas mais diversificadas, ao contrário da manutenção de práticas comuns a certos grupos restritos de descendentes de japoneses. *Ipsa facto*, as transformações e ressignificações pelos quais a cultura japonesa passou ao longo desses anos pode ser o elemento de entendimento para o sucesso das práticas associativas entre Nikkei, pois apesar daqueles elementos tradicionais executados pelas famílias (evento culinário, esportes para um público mais velho), novas manifestações da cultura japonesa estão presentes no município, voltadas para um público mais amplo e jovem, tal como a cultura pop japonesa (Silva, 2010).

Expandir a atuação da Associação para contemplar um novo universo poderia contemplar outros projetos e sentidos para cultura japonesa, ampliando o horizonte de Nikkei que até então não estavam inclusos no panorama da Associação. Estes Nikkei que não mantinham vínculos com a ANIUDI, paradoxalmente, apresentam-se mais visíveis no mapa social da cidade, justificando, portanto, o destaque que damos à tais atores sociais no próximo capítulo.

⁹⁰ O Tanabata Matsuri, ou simplesmente Tanabata, conhecido no ocidente pelo nome de Festival das Estrelas ou *Starlight Festival*, é um dos festivais populares mais tradicionais no Japão que traz atividades desde o canto à queima de fogos.

CAPÍTULO 3: OS NÃO ASSOCIADOS

Uma outra realidade

No universo Nikkei uberlandense, há uma outra realidade que não aquela costurada por laços associativos mediados pela Associação Nikkei. Existe um cenário importante a ser relatado, constituído por aqueles Nikkei que não fazem parte da Associação.

Numa conversa informal com Lay-chan⁹¹ no segundo semestre de 2010, sobre ingressos para um evento de gastronomia que haveria no município e organizado pelo restaurante de seus pais, Lay-chan fez emergir um fato curioso. Quando questionada sobre ter vínculos com a Associação, ela disse que ninguém da família dela mantinha vínculos com a Associação. Tal afirmação fez surgir uma possibilidade nova: a de não-identificação de um número considerável de Nikkei com a Associação.

Lay-chan disse que, principalmente por causa dos avós (que vieram da região de São Paulo), a família se recusava a fazer parte da Associação. O motivo, segundo ela, era a concepção que os avós possuíam sobre uma Associação de descendentes e sobre o que eles falavam da Associação local: “o que a Associação faz não é cultura japonesa” -, não contemplando assim o que a família dela considerava por cultura japonesa, aquela que aprenderam no Japão e que seus pais ensinaram.

Não obstante, o que o “campo” apontou foi justamente uma tendência à não participação de grande parte dos Nikkei uberlandenses na Associação. Com exceção dos cerca de quarenta associados, seus familiares e outros conhecidos, foi possível observar que o restante dos Nikkei não frequenta a Associação. Dada a falta de interesse do poder público em quantificar esses Nikkei que habitam o município, não possuímos os valores exatos de quantos Nikkei não participam da Associação, mas a observação simples nos locais de maior trânsito de Nikkei, tais como eventos culinários promovidos por restaurantes e eventos de cultura pop japonesa, fornece um panorama expressivo de Nikkei que não foram vistos na Associação. Ainda mais, como Taichou-san apontou em entrevista, a última vez que eles fizeram um recenseamento da “colônia” (termo usado pelo próprio presidente), havia cerca de trezentas famílias no município.

⁹¹ Lay-chan é filha dos donos de um dos mais renomados restaurantes japoneses do município, atualmente cursa engenharia no município de São Carlos.

Sem muitos vínculos entre si e sendo heterogêneos quanto a sua origem, projetos pessoais/coletivos, objetivos, dentre outros, mapear e buscar maiores detalhes de cada um desses atores (individualmente) é uma tarefa que não cabe aqui. Entretanto, cientes que suas variadas experiências podem ser reveladoras de questões pertinentes ao panorama Nikkei em Uberlândia, optamos por apresentar uma dessas trajetórias.

Lojas de comida japonesa, indústrias que se movimentam com capital japonês, empresas agropecuárias de Nikkei, centros de formação de condutores, dojôs de artes marciais e vários outros exemplos marcam um cenário composto por Nikkei em que os vínculos associativos junto à ANIUDI não prevalecem e, ainda assim, não se descarta a possibilidade de existi-los ou de criar novos projetos para o futuro Nikkei no município.

Isto posto, nos são caras as contribuições de Gilberto Velho sobre as noções de *biografia* e *projeto* como constituintes da identidade dos atores sociais. Para o autor

Nas sociedades onde predominam as ideologias individualistas, a noção de biografia por conseguinte é fundamental. A trajetória do indivíduo passa a ter um significado crucial como elemento, não mais contido mas constituidor da sociedade. [...] Nesse sentido a memória desse indivíduo é que se torna socialmente mais relevante. [...] Carreira, biografia e trajetória constituem noções que fazem sentido a partir da eleição lenta e progressiva que transforma o indivíduo biológico em valor básico da sociedade ocidental moderna. (Velho, 2003:100)

Encarados como atores que podem elaborar uma “conduta organizada para atingir finalidades específicas” (Schutz apud Velho, 2003:101), ou seja, um *projeto*, sua ação está amplamente ligada à memória que compõe a biografia desses atores sociais. Desse modo, é através da biografia desse tipo de atores sociais que buscamos compreender a situação de não pertencimento à Associação.

A história de Tanegawa-san

Não foi a primeira vez que, em virtude de pesquisas acadêmicas, nos deparamos com Tanegawa-san. Dada sua importância no contexto local de manifestações culturais japonesas, Tanegawa-san apareceu em pesquisas realizadas anteriormente⁹² (Silva, 2009b,2010).

⁹² A loja de Tanegawa-san configura-se como um pedaço no circuito juvenil de atores que definem parte de sua identidade pelo consumo de elementos da cultura pop japonesa (Silva, 2009,2010)

Dono de uma pequena loja de culinária japonesa num complexo de lojas localizadas numa região antiga do município conhecido como Mercado Municipal de Uberlândia, Tanegawa-san foi o responsável por, em certa medida, disseminar aspectos da culinária japonesa em Uberlândia. Apesar de sua loja receber o nome de “Mercado do Japonês” sua loja é comumente conhecida como “lojinha do *yakisoba*” (Silva, 2010).

A loja de Tanegawa-san se popularizou por oferecer uma generosa quantidade de *yakisoba* a um preço acessível, bem como outros pratos da culinária japonesa, ao exemplo do *sushi* e *sashimi*⁹³. Na loja encontram-se, também, outros produtos industrializados e importados, balas, doces, sucos típicos (do Japão), conjuntos de utensílios para o preparo de pratos da culinária japonesa, sendo os mais comuns: *Torizara*, *Kakuzara*, *Nozoki*, *Sushimaki*, *Massu*, *Kobati*, *Tchawan* e *Hashi*⁹⁴.

Por algum tempo, a única loja conhecida de comida japonesa no município foi a de Tanegawa-san. Em virtude dessa relevância no panorama da cultura japonesa em Uberlândia e, como veremos a seguir, por manter *projetos* que buscam contemplar outros Nikkei, Tanegawa-san é um mediador não-associado relevante.

Tanegawa-san nos contou parte de sua biografia em uma entrevista realizada em 10 de Setembro de 2011⁹⁵. Numa manhã de sábado, num clima de garoa, Tanegawa-san nos recebeu em seu estabelecimento e, paulatinamente, alternando entre tarefas de sua loja e respostas às perguntas, foi narrando sua biografia.

Tanegawa-san contou que a história da sua família começou com a vinda dos avós para o Brasil. Tanto os avós maternos quanto os paternos eram habitantes da província de Kumamoto, na região de Kyushu⁹⁶, que vieram inicialmente para o estado de São Paulo depois do período da II Guerra. Tendo pais de famílias de mesma região, a família de Tanegawa-san mantinha uma “linhagem pura” através de casamentos internos, não se misturando com outros grupos. Inclusive, Tanegawa-san se casou com uma descendente de japoneses também de família da mesma região de Kyushu, sendo pai de duas filhas.

Na visão de Tanegawa-san, os avós foram verdadeiros pioneiros na história da imigração japonesa. Apesar de não tê-los conhecido pessoalmente, ele guarda recordações

⁹³ O *yakisoba* é um prato de origem chinesa que se popularizou no Japão. Literalmente: Macarrão frito. Apesar da origem chinesa, credita-se aos japoneses o aperfeiçoamento do prato.

⁹⁴ Respectivamente: Prato para *sushi* com divisória, prato para *sushi* sem divisória, recipiente para molho de soja, esteira para preparo de *sushi*, copo de saquê, xícara de chá, prato para arroz e os palitos com os quais se come.

⁹⁵ Todas as transcrições da fala de Tanegawa-san são da data de 10 de Setembro de 2011, entre as 06:00am e as 11:00am.

⁹⁶ Kyushu é a terceira maior ilha do Japão. Honshu e Hokaido são as duas primeiras, respectivamente.

repassadas pelos seus pais. Os avós vieram no meio de muitas outras famílias, “como uma família qualquer”, mas graças aos avós, ele se reafirma como é hoje, principalmente porque “os avós foram um exemplo de esforço, de nunca desistir”, de *ganbatte*.

O que eu sou, é por conta dos meus avós, sou muito parecido com meu avô. Sempre me disseram que eu era parecido com meu avô paterno. Já a minha personalidade é do avô materno. Eu sou uma mistura dos dois. A trajetória da minha família começou no café, meus avós vieram pra trabalhar no café, como escravos mesmo. Eles não tinham esse nome: escravo. A escravidão, o nome mesmo, para eles era muito feio. Eles (os japoneses) nunca gostam de mostrar o que é feio. Nunca mostram o que é feio pros filhos que estão crescendo. Eles mostram o que tem que ser, não o que não pode ser. A escravidão foi uma época difícil que eles tentaram esconder da gente, durante muito tempo, mas até que se prova o contrário, pra eles não eram escravo. Para eles mesmo, eles não trabalhavam como se fosse escravos, eles trabalhavam como se (a terra) fosse deles mesmo, pra eles mesmo. Mas tinha os fazendeiros que aproveitavam da situação. Só que eles não davam o braço a torcer e mostravam sempre o lado bom pros filhos que estavam crescendo. Teve gente daquela época que se revoltou com a situação mas a história assim que a gente conhece, nenhuma delas teve um fim trágico, mesmo que não aceitassem a situação. Tanto é que hoje tem famílias que ainda continuam no café, daquela época continua no café até hoje, a tradição do café continua até hoje, desde da época da 'escravidão', mas isso só prova que não viam isso como escravidão, mas eles viam como um trabalho que glorifica a família deles.”

Apesar do passado penoso que seus avós tiveram, Tanegawa-san ressalta uma postura moral muito forte presente em seus antepassados: a perseverança. A rejeição ao termo “escravidão” era sobrepujada pelo árduo esforço nas lavouras de café da região de São José do Rio Preto. Seus pais nasceram na mesma região por volta dos anos 1930 e também, na mesma região, cresceu Tanegawa-san, fruto de um casamento entre Nikkei.

Sobre a sua infância, narrou:

Na alfabetização eu tive sorte de ter uma escola boa, uma escola de fazenda, o nome da escola era escola de primeiro grau fazenda Mombassa. Tinha até o nome da fazenda na escola. Eu tive sorte porque uma das professoras da escola era dona da fazenda. Ela realmente gostava do que ela fazia. Tanto gostava que ela montou a escola por conta própria e trouxe a escola pra dentro da fazenda dela, que é a casa dela. Então eu tive sorte nesse ponto. Depois disso foi difícil, porque a cultura brasileira, bem, o que eu tinha em casa e o que eu tinha lá fora, era meio complicado, era contraditório, não batia muito bem entre o que eu escutava em casa e ouvia fora. Meu pai falava que como ele não tinha interesse de voltar pra pátria então ele também, ele não ia voltar e não ia levar a família. Ele já tinha escolhido o Brasil como a casa dele. Por isso ele não se preocupou em ensinar o japonês pra gente, e sim colocar a

gente na escola pra aprendermos o português mesmo, o que o Brasil tinha pra ensinar. A gente não aprendeu o japonês porque a gente não ia precisar mesmo. A minha educação nas escolas que eu passei foi bem no modelo brasileiro. O que eu sei de japonês, foi porque eu fui pro Japão por minha conta própria, não foi porque meu pai quis, eu fui atrás.

Assim, os pais de Tanegawa-san com o tempo acabaram se mudando para Guaíra, interior de São Paulo. Eles buscavam se estabelecer melhor no país. Apesar de terem aprendido japonês em casa, seus pais não utilizavam fora de casa, principalmente porque era um japonês antigo. A vontade de retorno ao Japão não fazia parte da agenda dos pais de Tanegawa-san, principalmente porque eles tinham o Brasil como sua residência definitiva. Um dos ensinamentos que os pais deram a Tanegawa-san foi quanto à importância da casa e da família, como a importância do Brasil, “porque é o meu país, é minha casa. O Brasil é minha casa e eu tenho que cuidar da minha casa, da minha família, da minha sociedade onde eu vivo”. Esse apeço de sua família pelo país talvez tivesse amortecido o fato de ser Nikkei, pois ao longo de sua história, Tanegawa-san não se recordava de ter sofrido algum tipo de preconceito ou indiferença pelo fato de ser uma criança de ascendência japonesa⁹⁷.

A família da minha mãe é mais pro lado do comércio, do meu pai é só roça mesmo. Os irmãos da minha mãe, meu avô materno, mechem com comércio. Por isso que eu falo que puxei isso do meu avô materno. Hoje ainda, da família do meu pai, muitos deles ainda estão nas fazendas. Eu não tive, assim, problema em ser descendente de japonês, acho que foi porque como a minha família tem disso, comércio e plantação, eu meio que adaptei fácil.

“Herdando” a vocação pelo comércio, como gosta de afirmar, Tanegawa-san se mudou para Uberlândia há pouco mais de quatro anos⁹⁸. Quando perguntado sobre sua profissão, nos fala com orgulho ao mesmo tempo que expõem algumas dificuldades.

Hoje eu sou comerciante de carteirinha mesmo e de coração. Ser comerciante hoje tem que ser de coração, não pode ser somente comerciante não porque não é fácil. Atualmente comerciante não é um negócio tão bom quanto antigamente. Antigamente, os japoneses mesmo lá em São Paulo começaram a investir na profissão né? Tinha as lavanderias dos imigrantes japoneses, depois começaram com hotel e

⁹⁷ Koku-san, membro da Associação, ao contrário, relatou que teve uma época que era “era feio ser chamado de japonês”. Que ele tentava esconder, mas o rosto não deixava. Só depois que ser japonês passou a ser algo bom.

⁹⁸ Aqui jaz um elemento importante a ser destacado. A loja de Tanegawa-san não é a mais antiga do município a oferecer comida japonesa, mas dada a sua posição numa área destinada a eventos culturais, a emergência da cultura pop japonesa no município, os preços elevados dos restaurantes de comida japonesa mais antigos e a baixa representatividade da associação e seu festival, a lojinha de Tanegawa-san conquistou grande relevância no cenário por oferecer produtos e um cardápio a preços acessíveis.

tudo mais. Aí antigamente ser comerciário até que dava pra subir de vida. Todo mundo queria ser comerciante. Lá em Guaíra eu ainda tenho meu comércio, também de alimentação, essa área. Só que Uberlândia parecia ter um mercado aberto para a comida japonesa e então eu acabei vindo pra cá. Aqui em Uberlândia, felizmente, eu consegui esse espaço no Mercado. A clientela hoje é boa, mas no início não foi fácil. Nem todo mundo achava boa a comida japonesa, então eu peguei firme no que realmente vendia: o yakisoba. Aí as coisas começaram a mudar, porque muita gente, mais jovem, acabava vindo pra cá. Também porque na cidade a cultura japonesa foi fortalecendo né? Então como foi crescendo, eu acabo tendo que sempre ir lá em São Paulo buscar mais mercadoria. Igual o Mupy, que costuma sair muito aqui⁹⁹.

Por mera coincidência, Guy-kun, um de seus sobrinhos (que também trabalha na loja) interrompeu a entrevista para nos oferecer café naquela manhã e anunciou que talvez fosse para o município de Iturama naquela semana. Em seguida, Tanegawa-san contou:

Minha mãe mora lá agora. Meus pais compraram um pedaço de chão e fizeram um sítio. Eles tem a casa na cidade, mas ficam a maior parte do tempo no sítio. Onde você morou lá? [perguntou ao pesquisador]

Ali na Odilon de Freitas, no centro mesmo.

Ah, minha mãe mora ali perto da prefeitura. Guy, qual é o nome da rua da baa-chan? Você lembra? – Perguntou ao sobrinho.

Guy-kun não sabia de memória o nome da rua, mas no momento em que algum elemento em comum se colocou entre pesquisador e pesquisado, foi notável a mudança de ânimo de Tanegawa-san em responder as perguntas, em conversar, principalmente aquelas que viriam em breve sobre o papel da Associação e seus vínculos.

Quando perguntado sobre a razão de ter se mudado para Uberlândia, sua resposta voltou-se para a justificativa “dos negócios”. Vendo Uberlândia como uma cidade em expansão, deixou um comércio em Guaíra aos cuidados de um dos irmãos e, há pouco mais de quatro anos, abriu sua loja de refeição e alimentos japoneses no Mercado Municipal de Uberlândia, buscando uma fatia de um mercado em crescimento. Além da questão financeira, havia outro motivo que o teria feito vir para Uberlândia: a Universidade Federal.

⁹⁹ O Mupy é uma bebida, também conhecida como suco de soja, apreciada principalmente nos eventos de cultura pop japonesa.

Quando Tanegawa-san expressou que um dos motivos para se mudar para Uberlândia havia sido a Universidade Federal, perguntamos se ele tinha interesse em ingressar na Universidade e em qual curso, foi então que sua resposta surpreendeu.

Na verdade, eu não penso muito em fazer faculdade, ao menos não agora. Não sei mais pra frente, porque a gente nunca sabe o dia de amanhã. Mas quando eu disse que vim por causa da faculdade, é por causa das minhas filhas.

Mas elas não são crianças ainda? Uma de oito e outra de dez anos? – Perguntei.

Sim. Eu tenho uma menina de dez e a outra tem oito. Mas eu já vim pensando pra frente cara. Eu quero que elas façam faculdade e como tem a faculdade federal aqui, foi um dos motivos que eu quis vir pra cá. A cidade aqui é boa, tem boas escolas e tá crescendo. A lojinha aqui mesmo, com todos os problemas que às vezes tem, cresceu bastante. E eu até arrisco dizer que se hoje, a cidade conhece um pouco mais de culinária japonesa, é por causa da lojinha aqui. Porque alguém vem, traz um amigo, que acaba trazendo outro. Então se hoje, por mais que tenha outros restaurantes aqui na cidade, o pessoal conhece mais de comida japonesa, eu acho que é por causa da minha loja aqui.

Tanegawa-san revelava em sua fala dois componentes já expostos acerca dos Nikkei: a importância da família e da educação.

Tanegawa-san, a Associação e um Projeto

Após o relato de sua experiência de vida, procuramos introduzir o assunto referente às formas de Associação entre os descendentes de japoneses em Uberlândia. Ele disse que sabia que a Associação estava “fechando” e tinha algumas considerações sobre isso. Bem como também conhecia outras pessoas que não participavam da Associação porque não concordavam com suas práticas.

Primeiramente perguntamos para Tanegawa-san qual era a sua concepção de Associação e como ela deveria funcionar.

Associação para funcionar, como qualquer outra associação, tem que ser sem fins lucrativos, simplesmente pra sociedade mesmo. É uma entidade social pra fortalecer os laços e a cultura japonesa, pra não ser esquecida no tempo. É assim que deveria funcionar, como qualquer outra Associação. A minha opinião é essa. Porque ter uma Associação, não é nada mais, nada menos que isso, tem que ser dessa maneira. A

Associação é uma maneira da gente manter o que os nossos ancestrais deixaram pra nós e isso é educação. A educação é o primeiro passo pra você conseguir alguma coisa na sua vida, e a Associação tem que estar aí pra isso, pra sua comunidade. Pra ajudar, pra educar, pra resgatar os valores que estão na educação que a gente teve. Educação, transparência, a dedicação, confiança, credibilidade com você mesmo, ser você mesmo sempre. Isso traz fortaleza¹⁰⁰ e isso traz fortaleza para a sociedade, para a família. Você se fortalece. Isso é a coisa mais simples do mundo, viver em comunhão com sua família, com sua sociedade.

Isto posto, o que observamos é que na concepção de Tanegawa-san, a Associação deveria prover meios para ressaltar características essencializadas da cultura japonesa, principalmente a educação, sem descartar o papel político que uma Associação teria frente à sua própria comunidade. Como complemento à sua visão, Tanegawa-san expôs um pouco mais sobre a situação dos Nikkei em geral ao resgatar o pioneirismo dos primeiros imigrantes japoneses.

Se a gente tivesse, um décimo hoje, do que eles (os imigrantes) tinham no passado, hoje a gente seria, a sociedade seria diferente. Nós (Nikkei) somos todos herdeiros de uma cultura diferente. A cultura brasileira é dos índios. E somos todos descendentes de uma cultura que veio de algum lugar, menos do Brasil. Se a sociedade atual tivesse um décimo do que nossos avós tinham, o Brasil seria um Japão com herdeiros, netos e bisnetos. O Brasil é muito novo ainda, estamos com tataranetos, yonseï, que decadência que estamos passando em questão social. Estamos em decadência. Não estamos crescendo. Entre os descendentes, alguns conseguem se consolidar, montar grupos fortes, mas parece que está diluindo, está misturando a gente tá enfraquecendo. ao invés de construir uma sociedade unificada, parece que cada um tá se “defragando”¹⁰¹. Isso é um passo cara, que só daqui uns quinhentos anos que vamos poder falar sobre alguma evolução. Porque essa mistura de culturas veio pra melhorar, mas era pra somar.

Apontando para a fragilidade da dinâmica Nikkei, ciente de que a dispersão dos valores de seus antepassados se apresenta como algo negativo à prática associativa que tem por fim a construção e fortalecimento de valores, Tanegawa-san também se posicionou quando questionado de sua participação na Associação local.

¹⁰⁰ N.d.a – Quando Tanegawa-san apresentou o termo fortaleza entendemos também seu papel na cultura japonesa em geral. O termo fortaleza evoca o imaginário da construção *ipsis litteris*, sendo utilizado em expressões variadas, o que o termo encerra são conceitos como sólido, resistente, seguro, ao mesmo tempo que combativo.

¹⁰¹ Quando Tanegawa-san colocou a expressão “defragando”, desconsideramos a palavra como um coloquialismo de “deflagrar” que significa justamente o contrário do contexto em que foi usada. Acredito que Tanegawa-san teve a intenção de usar o termo “fragmentar”/“fragmentando”.

Eu até ajudo como posso, mas do jeito que a Associação funciona, não tem como associar. O que eu conheço e tenho exemplo, é que uma Associação ela não pode ter lucro, não precisa ter fins lucrativos. Mas ela precisa ao menos empatar. Deixar o caixa no zero. Se você tem uma Associação que todo mês você tem que se sacrificar por ela, aí chega uma hora que não dá. É igual ao comércio aqui. Se eu começo a ter que tirar do próprio bolso para cobrir gastos, uma hora eu vou à falência. Eu tenho que, ao menos, empatar os gastos com os lucros ou ter lucros. O que eu vejo e que acontece ali (se referindo à ANIUDI) é que a Associação dá prejuízo para as pessoas que estão lá. Claro, sem contar que o que aconteceu ali, entre eles mesmos, é que era um grupo de amigos que se juntou, daí formaram a Associação. Só que assim não dá, porque fica nas costas desse pequeno grupo de amigos, entende? É por isso que tem muita gente que não se junta. Como não tem nenhum descendente de japonês no poder local, aí fica difícil conseguir algo pra nós. Se tivesse alguém lá na prefeitura, que fosse descendente, aí sim dava pra montar uma associação mais forte, que dá valor à cultura dos japoneses.

Apontando a falta de apoio do poder público para com as questões japonesas no município, Tanegawa-san também revelou planos para uma mudança de cenário. Disse que tinha que ter algum descendente de japonês no poder público porque senão sua “comunidade” nunca iria conquistar nada na cidade, principalmente porque sabia que a cidade não era um foco da cultura japonesa, e de marcar uma tímida presença na cidade.

Por agora eu sei que não dá. Mas talvez daqui uma ou duas eleições eu tente concorrer pra vereador. Pra ser vereador aqui a gente tem que ser muito conhecido. A lojinha já é famosa, um monte de gente conhece. Mas acho que ainda não dá pra concorrer. Se eu concorrer e ganhar, aí sim vai dar pra montar muita coisa pros japoneses daqui, da cidade mesmo. Porque aqui na cidade a gente não tem cultura japonesa forte igual em outros lugares né? Poucos imigrantes vieram pra cá. Mas a cidade tem japonês, tipo, os descendentes de japoneses. Então alguma coisa da cultura tem, e tem que ser reforçada. Acho que falta isso, falta um reforço. Não acho que a cidade vai virar uma referência forte em cultura japonesa, não tem como porque aqui a cultura caipira, mineira mesmo, é forte. Mas tem espaço pra cultura japonesa, tanto que aqui no mercado mesmo tem barraca de comida japonesa que a associação monta. Então, de alguma forma, a gente tá aqui na cidade. Mas não tem um lugar específico pro japonês aqui, por isso eu acho que fica tudo cada um na sua. Se eu chegar a ser vereador, aí sim vai ter quem briga por essas coisas.

Ao que tudo indica, para Tanegawa-san um pequeno aumento de visibilidade para as questões japonesas no município faria com que elas fossem incorporadas nas políticas públicas, se sob essa condição houvesse alguém no poder público que se identificasse com a “cultura japonesa”, um Nikkei.

Quando questionado sobre sua relação com outros Nikkei do município, Tanegawa-san disse que não possuía nenhum vínculo mais profundo, mas conhecia vários por ser comerciário. Suas redes de sociabilidade com outros Nikkei extrapolaram as fronteiras do município, sendo vínculos antigos de sua estadia em outras unidades federativas. Recordou-se de Guaíra, cidade em que frequenta o Kaikan (Clube Nikkei):

Eu e minha família participamos muito do Kaikan de Guaíra. Lá a gente encontra com outros descendentes, os amigos da família. Lá é bom porque tem muito japonês, a comunidade lá é forte. Então a gente tem sempre assunto em comum. A família da minha esposa ainda vive lá, tão lá ainda, então quase todo Ano Novo a gente passa lá e às vezes, quando dá, a gente também vai pro Undokai¹⁰². Lá tem uma comunidade grande. O meu encontro com a comunidade japonesa é lá. Muita gente daqui de Uberlândia conhece lá também. Falar de Kaikan e Undokai de Guaíra, o pessoal daqui conhece porque a divulgação é muito forte. Tirando Ribeirão, o clube, Guaíra é a segunda pras coisas japonesas.

Então aqui na cidade você não participa de eventos japoneses?

Cara, não dá. O que tem de evento aqui de japonês é esse da garotada dos desenhos e tudo mais. Já cheguei a levar a lojinha pra lá num desses, mas não é bem cultura japonesa né. Eu sei que lá na associação tem *Undokai*, mas que eles vão pra fora. Tinha era que ter aqui na cidade mesmo. Tirando isso, o que tem de evento japonês na cidade é um festival de culinária de um ou outro dono de loja de comida japonesa. É como eu já te falei, aqui a gente não tem uma comunidade muito unida porque tem diferença entre tempo que mora aqui, de quem é mais velho na cidade. Então, como a gente conversou naquele dia¹⁰³, a Associação daqui parece que não é pra todos os descendentes, é mais pro grupo deles lá. Tem muito japonês que fica de fora. E tem japonês antigo da cidade que fica de fora! Seria bom você falar com o Yoshio-san, porque ele sim tem umas coisas sérias contra a Associação. Ele é dono de uma auto-escola. Na verdade, ele já é aposentado, mas os filhos dele que toma conta. <Tanegawa-san pediu a prancheta que carregávamos pra escrever o nome da auto escola e quem eu deveria procurar>. Então eu acho que seria uma boa você conversar com ele, porque ele tá aqui já tem mais tempo.

Nessa altura da entrevista, já passavam das onze horas da manhã e o movimento era crescente na sua loja. Agradecemos Tanegawa-san pela entrevista e ele se prontificou a sempre colaborar com o que precisássemos. Sua história e posicionamento, no entanto,

¹⁰² O *Undokai* é a prática de esportes em nível amador, geralmente no Outono, em que as famílias se reúnem para atividades físicas.

¹⁰³ Tanegawa-san se referia ao dia em que compareci na sua loja para marcarmos uma data para entrevista. Ele havia dado uma breve explicação do que achava da associação local, sendo mais enfático no primeiro dia e ponderado na entrevista.

apresentou-se como muito elucidativa quanto à posição de um não-associado acerca das possibilidades para o associativismo e mediação no município.

Sendo um não-associado, seus motivos para não participação das formas de sociabilidade consolidada entre as famílias era justamente por não pertencer a uma dessas famílias antigas, que fizeram da Associação um espaço para além de suas residências. Um grupo supostamente fechado que executava práticas que por vezes não eram consideradas comuns à cultura japonesa. Dessa forma, ele não se enquadrava nem nas relações de vizinhança do grupo mais antigo, nem em outras redes de sociabilidade que confluíssem para este grupo. Nesse sentido, a execução de projetos muito pessoais que fossem mediados pela condição de ser um descendente de japonês surgem como forma de se colocar no cenário uberlandense, mas falando para um público específico: os Nikkei. Apesar de não possuir *acessos*, Tanegawa-san mostra-se um indivíduo que tende a transitar melhor entre os *mundos sociais* presentes no contexto local, e até regional, mesclando tradição e modernidade em suas fala e posicionamentos públicos, afinal o projeto de tornar-se político demonstra tal intenção.

A reprodução de valores como educação e família, comuns à execução da cultura, estavam impregnados em seu discurso. Seu projeto de vida, aliado à trajetória de um Nikkei que vivenciou outra realidade associativa noutra unidade federativa, revelou um *campo de possibilidades* mais amplo e aberto do que aquele promovido pela vida associativa oferecida por um grupo de famílias do município.

Se o pouco tempo de residência no município pode ser indicativo da forma das suas relações e interações com a Associação, apesar de esta *variável* não aparecer em seus discursos, procuramos trazer o olhar de um morador antigo também não associado para refletirmos acerca do papel dos vínculos associativos entre os Nikkei de Uberlândia.

Yoshio-sama¹⁰⁴: a sabedoria de um Nikkei

Perseguindo a orientação de Tanegawa-san, buscamos conhecer Yoshio-sama, um morador antigo da cidade. Segundo Tanegawa-san, Yoshio-sama era dono de um centro de formação de condutores (uma “auto-escola”, nas palavras de Tanegawa-san), e que por já estar em idade avançada, o negócio era mantido por seus filhos.

¹⁰⁴ O honorífico “-sama” indica uma posição ainda mais elevada e respeitosa que o “-san”.

Na semana que se seguiu à entrevista realizada com Tanegawa-san, comparecemos à matriz do centro de formação de condutores (CFC), buscando primeiro entrar em contato com os Nikkei que agora administravam o negócio. A primeira tentativa, no dia 15 de Setembro, acabou sendo frustrada, pois não encontramos nenhum dos donos do CFC, que estavam ausentes da cidade. Na terça-feira da semana posterior, conseguimos nos reunir com Hikaru-san¹⁰⁵, um dos filhos de Yoshio-sama, que nos recebeu na própria matriz do CFC.

Ao expormos para Hikaru-san a intenção de entrevistar seu pai sobre a imigração japonesa no município e sobre a Associação de Japoneses, Hikaru-san disse que seu pai estava em Uberlândia e que iria conversar com ele, prometendo ligar caso Yoshio-sama concordasse com a entrevista. Na quinta-feira da mesma semana, recebemos a ligação de Hikaru-san que nos perguntou se poderíamos conversar com seu pai naquela sexta-feira, de manhã. Aceitamos de imediato. A entrevista havia sido marcada para as nove e meia da manhã e teve cerca de uma hora e meia de duração, pois Yoshio-sama saíria em viagem no final da tarde.

Yoshio-sama reside em uma grande casa na região central do município, cuja fachada não permite dizer o que há por trás dos muros. Muros altos, típicos de uma classe que busca segurança em centros urbanos. Ao entrar, percebemos um jardim bem preservado e dois carros tipo *sedan* cujos fabricantes e marcas não puderam ser aferidos. A casa mantinha uma limpeza invejável, bem como móveis que aparentavam ter um alto valor econômico¹⁰⁶.

Quem nos atendeu foi uma empregada, que pediu para entrarmos e aguardarmos no sofá branco numa sala de visitas (uma antessala). Passado alguns minutos, um Nikkei apareceu por um dos corredores da casa. Yoshio-sama, um senhor altivo, nos recebeu com cumprimentos e em poucos minutos explicamos o motivo da visita e que ele tinha sido uma indicação de Tanegawa-san.

Yoshio-sama foi muito solícito e parecia animado com a entrevista. Dissera brevemente que não era a primeira vez que o entrevistavam sobre coisas de japonês, mas

¹⁰⁵ Na tentativa de realizar entrevista com Hikaru-san, o mesmo disse que seria melhor realizá-la com seu pai, que era “mais experiente e sabia mais coisas” que ele.

¹⁰⁶ Aqui se faz necessário expor que, por vezes, nos trabalhos de campo em ambientes urbanos, dada a característica heterogênea da composição urbana e do individualismo constituinte desses meios, existe uma vasta área de domínios que também não podem ser apreendidas pelo pesquisador. Nesse sentido, tipo de mobiliário e valores simbólicos de bens não compõem as áreas de domínio dos pesquisadores nesse trabalho.

que era a primeira vez a ser entrevistado por alguém tão jovem. Não obstante, apesar da fala curta, rápida e um certo sotaque, Yoshio-sama é dono de um bom humor contagiante.

Yoshio-sama possui setenta e dois anos e veio para o município de Uberlândia na década de 1970. É japonês, mas desde que se lembrava, morava no Brasil. Não tinha lembranças do Japão. Mostramos para Yoshio-san um pequeno roteiro de entrevistas e ele disse que não havia problema algum quanto às questões. Dessa forma, iniciamos perguntando sobre a sua história de vida.

Eu vim pro Brasil eu deveria ser bebê ou muito criança. Eu não lembro muito bem. Desde que me lembro, eu moro no Brasil. Inclusive, o que eu lembro da minha infância é do trabalho. Lembro que meus pais trabalhavam numa fazenda, mas a gente se mudou pra cidade de São Paulo. Eu sei que sou japonês porque meus pais contaram e a gente sempre viveu perto de outros japoneses lá onde é a Liberdade. Meus pais foram pra cidade pra trabalhar também. Aí eu cresci lá, no meio dos outros japoneses. A gente era de Okinawa. Mas como eu te falei, eu mesmo não sei nada da época lá do Japão. O que eu sei, é o que eu aprendi com os outros japoneses e com os meus irmãos.

Então o senhor tinha irmãos?

Sim, eu era o mais novo. Meus irmão mais velhos já faleceram. Eu tinha dois irmãos, homens. Kazuo e Tetsuo. Quando a gente foi pra São Paulo, meu pai trabalhava numa coisa parecida com sapataria. Meus irmãos ajudavam lá. Eu era o mais novo, então não trabalhava sempre. Eu fui pra escola ao invés de trabalhar. Tanto que quando Too-chan e Kaa-chan¹⁰⁷ não puderam mais trabalhar, Kazuo e Tetsuo é quem cuidava de mim, e como sempre tinha outros japoneses lá, sempre tinha alguém pra tomar conta.

Perguntado como era a relação em família, Yoshio-sama narrou um evento de sua infância, um fato que marcou ele bastante. Certa vez, estavam ele e os irmãos na oficina e um novo carregamento de matéria prima havia chegado para a produção de calçados. Antes de iniciar a narrativa, Yoshio-sama aguardou a empregada nos servir chá e/ou café, à nossa escolha. Yoshio-sama optou por chá e acompanhamo-lo com a mesma bebida. Era mate.

Era de manhã e Too-chan pegou nós três e levou lá pro galpão e disse: ‘É pra separar tudo’. E deixou a gente lá, no meio daquele monte de coisa e foi fazer outras coisas. Era pregos, caixas, couro. Eu e meus irmãos sentamos sem saber o que fazer. Kazuo e Tetsuo eram mais velhos mas a diferença era pouca também. Quando deu lá pro meio dia Too-chan

¹⁰⁷ No momento em que Yoshio-sama pronunciou os nomes em Japonês ele fez uma pausa e começou a rir um pouco. Ele nos perguntou se estávamos entendendo porque ele ainda tinha o hábito de usar o japonês pra algumas coisas. Respondemos que sim, que algumas coisas de japonês entendíamos. Ele nos deu, então, a liberdade de interrompê-lo caso não entendêssemos algo.

voltou e viu que a gente não tinha feito nada e ele, ao invés de bater, como a gente via com muita gente, disse: ‘Eu acho difícil terminar alguma coisa sem começar’. E então ele começou a pegar as caixas e a gente seguiu ele no serviço. Too-chan falava um pouco de português e meus irmãos falavam melhor. Kaa-chan que não falava nada. Mas naquele dia eu achei que a gente ia tomar uma surra. Essa é a coisa que eu mais lembro dele. De Kaa-chan eu lembro de muita coisa. Eu ficava mais tempo com ela. Kaa-chan cozinhava pra gente sempre e tomava conta de quase tudo na casa. Com ela a gente conversava mais, porque Too-chan era mais calado e sério.

Prosseguimos a entrevista com uma nova pergunta, sobre sua trajetória até Uberlândia. Yoshio-san então foi mais direto em sua fala.

Bom, eu acabei me casando com uma descendente de japoneses também. Minha esposa chamava Tatsuki. Ela faleceu tem alguns anos, de câncer. Mas quando a gente se casou eu tinha lá meus trinta e poucos anos. Eu demorei a casar. Meus irmãos casaram tudo com vinte e poucos anos. Mas assim que eu casei, passou um tempo eu vim pra Uberlândia. Too-chan e Kaa-chan já tinham falecido quando eu vim pra cá e meus irmãos tinham uma pequena loja de ferragens que meu pai começou a montar. Como eu terminei os estudos, eu vim pra Uberlândia trabalhar numa empresa têxtil que tinha acabado de abrir. Como a empresa é também de japoneses, foi fácil conseguir vaga. Eu trabalhava num escritório lá. Mexendo com contas e papelada. Eu fiz o técnico em contabilidade, então deu pra juntar dinheiro e montar meu próprio negócio: a autoescola.

E por que uma “autoescola”?

Porque tinha poucas aqui na cidade, então eu apostei na construção de uma. Como a cidade é uma cidade que cresceu bastante, a frota de veículos também aumentou. Isso foi bom para os negócios, já que estamos aí até hoje. Hikaru e Kaoru é quem toma conta lá agora. Eu já me aposentei. O que eu faço agora é só descansar e viajar.

Yoshio-sama, assim como Tanegawa-san, viu no crescimento do município a oportunidade de crescimento pessoal. Apesar dos momentos diversos e áreas diferenciadas, ambos aparecem como Nikkei que ascenderam em território brasileiro. Quando questionado sobre essa ascensão, Yoshio-sama respondeu:

Mas isso é uma coisa muito de japonês mesmo. A maioria dos japoneses que eu conheço é trabalhador. Não desiste. Tanto que aqui na cidade mesmo, quase todos os japoneses que eu conheço tem comércio próprio ou é bem de vida. Quase todo mundo também tem um sítio ou uma roça pra descansar também.

Foi então que, indagando sobre os Nikkei do município, tocamos no ponto Associação e Yoshio-sama então confirmou o que Tanegawa-san havia dito sobre ele: “alguém com críticas sérias sobre a Associação”. Começamos inicialmente perguntando sobre sua participação na Associação local de Nikkei e seu relacionamento com outros Nikkei do município. Sua resposta foi severa.

De jeito nenhum! Eu não participo daquilo lá. Eu sou contra usar o nome de associação de japonês quando não faz nada pela comunidade local, pros japoneses que moram aqui. Quando foram montar aquela associação, me chamaram e eu recusei. O que eles queriam não tinha nada a ver com Associação. Lá em São Paulo, Associação é algo diferente. É pra promover a cultura japonesa, pra juntar a comunidade. Aqui eles não fazem isso. Eu já vi bem como funciona. Tem uns quatro ou cinco que mandam lá e fazem as coisas, e fazem mais pra eles mesmo. Para aquele pequeno grupo de famílias que se juntou lá. Aquilo lá não tem nada a ver com cultura japonesa. No máximo a escolinha que ensina japonês. Quando eu morava em São Paulo lá sim tinha a cultura japonesa. Os festivais, os eventos, as celebrações, as tradições tudo tinha lá. A comunidade tava sempre perto da Associação porque era lá que a gente se reunia e via outros japoneses. Era como se juntasse todo mundo que parecia igual. Era tudo japonês. Aqui eles tentam imitar o que outras Associações fazem, mas só tentam, porque não consegue. Porque o que eles fazem aqui? Ensinam japonês, tem *yakisoba* e viajam pra outra cidade pra fazer *Undokai*? Só. Tem muitas outras festividades que uma Associação de Japoneses tem que ter. A de ano novo, a de passagem das estações. Hoje em dia tem até *taiko* pra garotada. (Yoshio-sama arqueou as sombrancelhas como se indagando se havíamos entendido essa última).

Sim, o taiko são os tambores.

Então, uma associação de cultura japonesa tem que ter isso tudo. Aqui, nem o festival de comida deles é tão japonês assim. Eu fui lá algumas vezes, não tinha nem *ramen*. Era só *soba* e o resto era comida do Brasil mesmo. Nada muito japonês. Por isso eu falo, que de japonês mesmo, só a escolinha lá. Sem contar que também, veja, eles querem manter uma Associação só entre os japoneses mesmo. Como você está pesquisando, já deve saber que tem muita coisa da cultura japonesa aqui na cidade, associação mesmo. Tem o pessoal do *bugei*¹⁰⁸, tem muitas academias de luta, tem muito restaurante de comida japonesa, tem lá o centro de cultura que às vezes dá aulas do *ikebana*¹⁰⁹. Tudo isso era coisa que tinha que estar ligado na Associação, mas não tá, porque a Associação é fechada. Se não for só aquilo lá que eles querem, não entra pra Associação.

Pela fala de Yoshio-sama ficava clara sua visão quanto à Associação local. Para ele, a ANIUD não possuía laços estreitos com outras expressões da cultura japonesa no

¹⁰⁸ O *bugei* a que se referia era a escola de artes marciais/militares japonesa. O município possui uma delas.

¹⁰⁹ O *ikebana* é uma arte japonesa que engloba técnicas de arranjos florais.

município. De maneira similar a Tanegawa-san, perguntamos a Yoshio-sama o que esperava de uma Associação de Japoneses, se tinha interesse em montar uma.

Bom, agora já não dá porque eu tô aposentado, mas se fosse pra eu montar a Associação há alguns anos atrás, era chamando esse pessoal todo que faz parte, cada um com um pedacinho, da cultura japonesa aqui. Eu acho que só assim a gente poderia montar uma Associação forte, porque eu sei que a que tem anda fraca. Porque não adianta ter uma Associação de Japonês que não tem nada pra comunidade japonesa, sequer o que é da cultura japonesa. Eu lembro que às vezes eu, com a minha família, a gente reunia com as famílias de japoneses aqui da cidade e todo mundo se conhecia e foi daí que surgiu a Associação. E não foi essa que tem agora. Era uma outra que já terminou. Terminou porque o pessoal deixou de lado mesmo. Mas tínhamos planos pra aumentar as coisas de cultura japonesa. Hoje, já tem tanta coisa na cidade que, se juntasse, ia fazer diferença. Tem muita gente ligada à cultura japonesa que se juntasse, montava uma Associação forte. Então pra uma Associação ter força, tem que se vincular com as outras coisas de cultura japonesa, senão não vai pra frente.

Assim como os fatos relatados indicam que a Associação mais recente de Nikkei se formou a partir de laços mais pessoalizados entre as famílias da cidade, a antiga associação, segundo Yoshio-sama também havia se formado por famílias que se conheciam. Os vínculos familiares aparecem como uma premissa para os laços associativos. Ainda assim, para Yoshio-sama uma Associação deveria ser “mais completa”, o que não aconteceria com a Associação local em sua opinião.

Como já apontava Sardinha (2005), as associações provêm espaço para organização social, comunicação, solidariedade, troca de informações, reinterpretação das tradições e mediação entre o país de origem e a nação hospedeira. Assim, elas cumprem um papel duplo de (1) tentativa de consolidar e afirmar a herança cultural desses imigrantes, da mesma forma que (2) buscam prover questões de ordem material, incluindo a necessidade de integrar os imigrantes ao novo contexto social, assim como participar civicamente e politicamente em tal sociedade.

A visão de Yoshio-sama era a de uma Associação no sentido tanto da reprodução da herança cultura nipônica quanto voltada para a criação de meios para que aqueles que fossem Nikkei pudessem participar de suas práticas.

Sendo um Nikkei e morador do município há vários anos, Yoshio-sama pôde observar as diversas configurações e arranjos que os Nikkei se propuseram a realizar para marcar sua presença no município. A entrevista com Yoshio-sama foi reveladora ao

confirmar a tendência de que os não-associados mantinham essa condição por não concordarem com as práticas e o funcionamento da Associação local.

Yoshio-sama pediu que interrompêssemos por volta do meio dia, pois havia outros compromissos na sua agenda, inclusive uma viagem a São Paulo no final daquela tarde. Aproveitando o clima de descontração criado pelo seu bom humor, nos despedimos dele em japonês, com um clássico *Sayonara Arigatô Gozaimashita*¹¹⁰. Yoshio-sama soltou um breve *Arigatô*. A última frase daquele Nikkei, antes de nos despedirmos, na verdade, foi um conselho.

Enquanto o pessoal não se der conta de que tem que fazer uma coisa séria, e não só um lugar pra eles, as coisas não vão funcionar, aí, o que é de cultura japonesa mesmo vai perdendo porque tem tanta coisa nova que acontece que envolve a cultura japonesa e eles estão só preocupados em praticar esporte e comer macarrão.

Estabelecidos e estabelecidos – Ainda assim *outsiders*

Ao observar a situação que se impõe entre associados e não-associados no panorama Nikkei de Uberlândia, impossível não notar similaridade com alguns apontamentos de Elias e Scotson (2000) nas relações entre estabelecidos e *outsiders*, guardadas as devidas proporções.

Ao analisar as relações entre dois grupos na comunidade de Winston Parva, Elias e Scotson observaram um processo de estigmatização de um grupo por outro. O primeiro grupo, o de estabelecidos, sendo composto por membros mais antigos, detinha um status de superioridade em relação ao segundo grupo, considerados *outsiders*.

Os dois grupos, não diferiam quanto a sua classe social, nacionalidade, ascendência étnica ou racial, credo religioso ou nível de instrução. A principal diferença entre os dois grupos era exatamente esta: um deles era um grupo de antigos residentes, estabelecido naquela área havia duas ou três gerações, e o outro era composto de recém-chegados. A expressão sociológica desse fato era uma diferença acentuada na coesão dos dois grupos. Um era estreitamente integrado, o outro, não. É provável que os diferenciais de coesão e integração, como uma faceta dos diferenciais de poder, não tenham recebido a atenção que merecem. (Elias e Scotson, 2000:24)

¹¹⁰ *Sayonara* é um cumprimento de despedida geralmente usado quando há distanciamento entre as pessoas. *Arigatô Gozaimashita* seria algo como “muito obrigado pelo o que você fez”.

De forma similar, os Nikkei em Uberlândia se encaixam nessa relação. Aqueles que observamos não diferem tanto quanto à sua classe social, muito menos quanto à ascendência (pois é isso que os torna Nikkei). Em geral, tanto associados como não-associados possuem características similares e o tempo de residência não variava tanto, exceto para um universo que nos parece muito reduzido, como o exemplo de Tanegawa-san. No entanto, carregam características outras apontadas por Elias e Scotson (2000:25), pois “o grupo de antigos residentes, famílias cujos membros se conheciam havia mais de uma geração, estabeleceu para si um estilo de vida comum e um conjunto de normas”.

Os autores enfatizam uma mesma condição da que percebemos para o surgimento da Associação Nikkei: um grupo de antigas famílias cujos membros se conheciam e materializaram uma forma Associativa com normas próprias para o seu grupo. E prosseguem:

Eles observavam certos padrões e se orgulhavam disso. Por conseguinte, o afluxo de recém-chegados a seu bairro era sentido como uma ameaça a seu estilo de vida já estabelecido, embora os recém-chegados fossem seus compatriotas. Para o grupo nuclear da parte antiga de Winston Parva, o sentimento do status de cada um e da inclusão na coletividade estava ligado à vida e às tradições comunitárias. (Elias e Scotson, 2000:24)

A forma de afastamento e segregação entre aqueles Nikkei não configurou-se necessariamente em uma expressão territorial ou ainda na dicotomia antigos/ recém-chegados mas não diferiu tanto das considerações de Elias e Scotson sobre o *gossip* (fofoca). Taichou-san, presidente da Associação, fazia questão de ressaltar que o japonês trabalha muito a questão da ironia. Ele não fala sempre direto. Ele fala e espera que as outras pessoas entendam, principalmente quando ele não quer ser grosseiro. Então “japonês sabe ser muito irônico pra que ele não tenha que tomar a responsabilidade de mostrar que o ‘outro’ não está agradando”.

De tal maneira que, mesmo indiretamente, os Nikkei com os quais mantivemos contato sempre realizavam “apontamentos”, “comentários” sobre outros Nikkei. Enquanto Taichou-san acusava os não-associados de não participação por não darem valor à cultura japonesa, o que os não-associados apontaram foi justamente o contrário: eles não consideram as atividades da Associação Nikkei como atividades legitimamente japonesas.

O problema a ser explorado não consistia em saber qual dos lados estava errado e qual tinha razão, mas em saber que características estruturais da comunidade em desenvolvimento de Winston Parva ligavam dois grupos de tal maneira que os membros de um sentiam-se impelidos - e tinham para isso recursos de poder suficiente - a tratar os de outro, coletivamente, com certo desprezo, como

peessoas menos educadas e, portanto, de valor humano inferior, se comparadas com eles. (Elias e Scotson, 2000:24)

Enquanto o estudo de Elias apontava que os moradores mais velhos geravam um tipo de *status* para si que causava a alienação da participação dos moradores mais novos nos eventos e atividades realizadas pelo bairro, a dinâmica que se coloca na relação Associação e não-associados é a de que cada um se coloca como um verdadeiro estabelecido, procurando fazer do outro grupo, um grupo de *outsiders*, recorrendo para tal da disputa em torno da legitimidade de porta-vozes da “verdadeira” cultura japonesa, guardiões dessa cultura.

Os membros da Associação, pertencentes às antigas famílias do município, se encaixariam no papel de estabelecidos, contudo, no caso dos Nikkei o fato de viver no município há mais tempo não lhes concede status ou poder suficiente para agirem como verdadeiros estabelecidos. O estudo de Elias e Scotson demonstra como o grupo estabelecido estigmatiza o outro, introjeta no *outsider* a intenção de se sentir com menor valor humano. O que não acontece, de fato, nas relações entre os Nikkei. “Um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído” (Elias e Scotson, 2000:23). O fato de terem uma Associação poderia ser um elemento que os colocasse numa posição sólida de poder, porém a Associação apresenta problemas sérios de representatividade e de visibilidade na esfera pública, além dos apontados principalmente pelos outros Nikkei não-associados referidos nesta pesquisa.

Os Nikkei não-associados também tendem a se considerarem estabelecidos, principalmente por seus projetos pessoais e obtenção de sucesso em suas conquistas individuais. Enquanto atores sociais, pequenos empresários, participantes em larga medida do desenvolvimento da cultura japonesa no município, eles estão também numa situação de poder em que buscam estigmatizar os associados como “não representantes da cultura japonesa” ao mesmo tempo em que estão fragilizados por atuarem independentes dos laços associativos.

Como já apontado, as trocas de acusações se dá de maneira muito indireta e não há referências a indivíduos isolados. Usa-se a imagem do grupo do “outro” para se fazer as inferências. Os associados se referem aos não-associados como “o resto dos japoneses” ou “o restaurante X” ou até mesmo “quem faz tal evento”, para dizer que eles não são representantes da cultura japonesa por não participarem da Associação.

Em contrapartida, os não-associados apontam diretamente para a forma de organização mais sólida das famílias antigas: a Associação. Por mais que eles não digam os nomes dos associados, eles concentram as críticas na Associação ou em poucos líderes de destaque dentro dela, acusando-a de não promover a solidariedade entre os descendentes de japoneses, administrando erroneamente as atividades e os recursos que possuem, sem dar a devida importância ao que consideram como cultura japonesa, justamente por serem práticas que tendem a ser um simulacro de associações mais estabelecidas, como as do estado de São Paulo.

O que realmente se observa é que, enquanto ambos grupos se sentem como verdadeiros estabelecidos no cenário uberlandense, cada qual agindo com a consciência própria de que marcam presença e reproduzem, ou sabem reproduzir, o que é a cultura japonesa, ambos ainda parecem ser *outsiders*. Ou seja, os Nikkei não são o grupo estabelecido no município de Uberlândia, eles são justamente uma minoria étnica que sofre com a fragmentação de sua cultura por conta de uma sociedade que vem se tornando cada vez mais individualizada e cujos valores vão sendo rapidamente ressignificados. As relações de conflito e poder que se instauram na dinâmica associados/não-associados é uma dinâmica muito particularista que, enquanto se apresenta dualista na forma de ironias e apontamentos sobre as qualidades alheias, por vezes é paradoxal, tal como aconteceu num dos apontamentos da Associação.

Quando Koku-san se manifestou sobre a popularização da culinária japonesa, ele ignorou o plano das individualidades e generalizou o seu discurso ao relatar que, por mais que houvesse diversos restaurantes de comida japonesa no município, eles não faziam comida japonesa tradicional. “*Comida japonesa mesmo, só o KIRAMU*”. O KIRAMU é a mais antiga rede de restaurantes japoneses do município. Contudo, por mais que Koku-san, um associado, estivesse reconhecendo o mérito do restaurante (e por conseguinte apontando o demérito dos outros Nikkei que trabalham com comida japonesa, *e.g.* Tanegawa-san), o KIRAMU funciona graças a não-associados, pois, como no início do capítulo apontou Lay-chan, herdeira dessa rede de restaurantes: “a minha família não acha que o que a associação faz é cultura japonesa”.

Dessa forma, fica claro que não podemos colocar o conflito em termos absolutos onde um aplica todas as suas energias para estigmatizar e tornar o outro inferior, mas sim, devemos sempre colocá-los em seus devidos contextos para observar que a dinâmica de

associados e não-associados funciona de acordo em relação às expectativas do outro, circunscritas a *projetos* (individuais ou coletivos) muito particulares.

CONCLUSÃO

Nesta dissertação, procuramos apreender a relação entre processos migratórios (de japoneses), possibilidades de (re)arranjos culturais e vínculos sociais em um universo pré-delimitado: a cidade.

Nesse sentido, não se pode perder de vista que, no mundo contemporâneo, os fluxos de pessoas, informações, mercadorias alteraram a dinâmica da vida social. Em maior ou menor escala, esse fenômeno que pode ser nomeado de *globalização*, ou ainda em sua leitura francesa de *mundialização* (Featherstone, 1994; Ortiz, 1997), é percebido na reconfiguração dos espaços, fundamentalmente dos espaços urbanos, na diversidade de atores e grupos, nas temporalidades experimentadas, nos muitos mundos sociais que se entrecruzam.

George Simmel em seu célebre *A metrópole e a vida mental* (1902) também nos apresentava uma diversidade, novas percepções sobre o tempo, o aumento dos estímulos que a metrópole proporcionava. Sua percepção das relações cotidianas foi marcante para os trabalhos desenvolvidos pelos pesquisadores da Escola de Chicago, e ainda hoje desperta nosso interesse¹¹¹.

Uma dimensão presente desde os estudos realizados por integrantes dessa Escola são aqueles que enfocam a relação entre cidade e formas de mobilidade ou processos migratórios. O tema da imigração foi muito explorado por pesquisadores como William Thomas e Florian Znaniecki em seu clássico trabalho sobre os poloneses, *The Polish Peasant in Europe and América: monograph of an immigrant group* (publicado em cinco volumes de 1918 a 1920, reimpresso em 1927, 1958 e 1974¹¹²), ou ainda em geração seguinte, por William Foote Whyte em sua etnografia sobre os descendentes de imigrantes italianos em uma área degradada na cidade de Boston (*Street Corner Society*, de 1943), para citar apenas dois exemplos.

¹¹¹ Essa “escola” reuniu, em fins do século XIX e início do XX, pesquisadores interessados em analisar o fenômeno urbano, elevando a cidade ao *status* de objeto de estudo. De composição heterogênea, possuía perspectivas distintas sobre a cidade, tendo a cidade de Chicago como laboratório para suas pesquisas. De seus pesquisadores mais renomados, destacam-se George Mead, Robert Ezra Park, Ernest Burgess, Louis Wirth, William Foote Whyte, Howard Becker, Erving Goffman, Lóic Wacquant, dentre outros. Apesar de concepções heterogêneas, existia uma preocupação em comum entre seus pesquisadores: o urbano enquanto objeto de estudo e como ele impacta as diversas formas de relações sociais.

¹¹² Edição resumida: Ely Zaretsky (Ed.) - *The Polish Peasant in Europe and America*. Urbana: University of Illinois Press, 1984.

Ao relatarmos os fluxos de imigrantes japoneses para o Brasil e seus desdobramentos nas interações e vínculos criados por seus descendentes em um município mineiro específico (Uberlândia), percebemos que a visibilidade dos processos identitários pode ser percebida também nas demarcações sociais do espaço urbano. Assim, vimos como em um determinado período histórico o bairro Brasil representava um “território japonês” em Uberlândia, assim como nos dias atuais os restaurantes, centros de artes marciais, eventos de cultura pop japonesa, transformaram-se nesse “território diluído”, ou ainda a Associação o é para uma pequena parcela de Nikkei que se identifica pelos laços de sociabilidade criados entre suas famílias.

Mas já não falamos em *comunidade* japonesa, a não ser quando esta se refere à própria categoria nativa. Porque a noção de *comunidade* sofreu alterações ao longo do tempo e seu uso pode indicar uma certa concepção de fechamento, ou antes, de isolamento tradicionalmente vinculados a tal noção (Cohen, 1985; Tönnies, 1995), optamos por pensar os interlocutores como grupos, mas não necessariamente antagônicos.

Apesar das disputas entre eles pela legitimidade de falar sobre “o que é” a cultura japonesa, que se operacionaliza em termos de acusações recíprocas sob forma generalista, eles se complementam ao apresentarem o caráter dinâmico dos processos de integração e de ressignificação culturais pelos quais passam descendentes de imigrantes e mais, trazem características estruturais do processo de enraizamento desses grupos no Brasil, como o exemplo da “vocação para o comércio”, as formas preferenciais de casamentos e mesmo a manutenção de vínculos associativos remetidos à configuração dos laços e das formas de solidariedade familiares.

Assim, o debate em torno dos processos identitários entre os descendentes de imigrantes, no nosso caso de japoneses, parece indicar alguma centralidade para a temática de uma concepção de cultura que ao mesmo tempo em que a reifica e essencializa, opera a re-invenção de uma tradição cujas fronteiras são sempre simbolicamente construídas. Reforçando o argumento da pertença, Montero (1998: 63), referindo-se a Fredrik Barth, afirma

[...] a ênfase tradicional nas diferenças culturais de língua, religião, filiação, etc., levava a uma classificação de grupos enquanto portadores naturais e espontâneos de heranças culturais que os distinguem empiricamente. Ora, as identidades não resultam espontaneamente da pertença empírica a uma cultura. Seriam, ao contrário, consequência de um processo simbólico de autodesignação de traços culturais [...] Desse modo, a continuidade de uma etnia dependerá da capacidade de um determinado grupo de manter simbolicamente suas fronteiras de diferenciação, ou, dito de outra maneira, de sua capacidade de manter uma

codificação permanentemente renovada das diferenças culturais que o distingue dos grupos vizinhos.

Se por um lado os estudos sobre processos migratórios são variados e com uma produção densa, o associativismo imigrante, por outro lado, é um tema um pouco mais tardio. É comum entre imigrantes, e em nosso caso, descendentes de imigrantes, a formação de grupos, mais ou menos formalizados, que se organizam a partir de critérios diversos. No entanto, a origem nacional ou étnica ainda apresenta-se de forma bastante contundente. As associações são, geralmente, a forma organizacional por excelência que esses grupos tomam e estas têm se constituído em atores sociais com importante papel no atual panorama, mediando relações de adaptação e integração com a sociedade receptora, reafirmando valores e crenças, dando assistência (jurídica, psicológica, na busca por empregos etc.), assim como impedindo o isolamento social a que muitos desses indivíduos e grupos estão confinados (Rex, 1994).

O sucesso ou fracasso das associações dependem de fatores diversos. No entanto, elas precisam mobilizar recursos (humanos e materiais), ajustar-se aos ambientes e situações, não centralizar a autoridade, promover uma divisão de tarefas que promova o comprometimento do grupo com as suas atividades, criar vínculos. A ANIUD parece ter concentrado suas decisões nas mãos de poucos, assim como não conseguiu se ajustar às novas situações e contextos em que descendentes de japoneses estavam inseridos. O que se colocava como “cultura japonesa”, essencializada tanto em sua prática quanto em seu discurso, já não é aquela em que a maioria daqueles Nikkei foi criada, ou que seus pais e avós trouxeram do Japão. O processo de ressignificação da cultura japonesa, principalmente no contato com outros elementos culturais locais, é uma constante, sobretudo num mundo cuja comunicação é acelerada e globalizada. Os eventos de cultura pop japonesa (Silva, 2010), inclusive no próprio município, estão aí para confirmar. Enquanto essa nova face da cultura japonesa foi negada pelos Associados, os não-associados por vezes aceitam essas novas características e marcam uma presença japonesa no município ao negociar seus valores com o de outros grupos.

Ainda assim, a criação de um discurso de pureza é apresentada tanto pelos integrantes da Associação, quanto pelos pequenos empresários que preferem não participar da mesma. No processo de ressignificação de elementos da cultura japonesa por parte dos atores sociais que figuram nesta pesquisa, percebemos um fenômeno já narrado por Barreto (2011:312) em seu trabalho sobre associações de brasileiros em Portugal.

a divulgação da cultura brasileira reforça elementos tradicionalmente assinalados como marcadores da “brasilidade”, da identidade de brasileiro(a) e a música é uma das formas de expressão mais comuns dessa apresentação e interação, somando-se ainda à dança, à capoeira (Travassos, 2000), à comida, corroborando muitas vezes uma espécie de *exotização* do brasileiro (Machado, 2003). Se por um lado essa exotização mascara relações de conflito com a sociedade portuguesa, por outro traz à tona o potencial de metamorfose dos indivíduos (Velho, 1994) que a partir de uma dada configuração, e de uma certa expectativa dos portugueses, criam alternativas e personagens para garantir a sua inserção no mercado de trabalho: o brincalhão, o de bem com a vida, o amável, o amigável, o fácil de se lidar, entre outros. No jogo dos estereótipos, a manipulação das identidades não é assim tão consciente ou ao menos não o é todo o tempo. Nem todo brasileiro adora churrasco ou é sambista, mas na relação primeira e mais superficial com outros moradores da cidade um *pool* de elementos elencados como portadores de brasilidade é repetidamente dito, lembrado, apresentado. E as associações também são agentes nesse processo.

Tal qual mencionado acima, não apenas a associação, mas também os Nikkei não-associados vinculados ao setor de serviços da cidade de Uberlândia, fundamentalmente pequenos empresários, também corroboram uma *exotização* dos japoneses (Oda, 2011; Said, 1990), ao procurar promover os elementos dessa cultura como se esta se apresentasse de forma homogênea, idealizando suas características e desconsiderando as dinâmicas e processos de reformulação que ocorrem em processos migratórios, assim como na própria sociedade de origem. A questão da comida é um dos pontos onde podemos perceber isso. Se a Associação tem no evento culinário a oportunidade de “apresentar” a “verdadeira cultura japonesa” para os não japoneses, os não-associados Nikkei, muitas vezes, a criticam sob a alegação de que ali não se serve a “verdadeira comida japonesa”. A comida que pode unir também pode gerar conflitos. Assim como tantos outros elementos tomados de um universo que é materializável, mas que não tangível fora de um complexo cultural específico.

A invenção de uma cultura japonesa, que aparece como **una**, também é transformada em produto, em consumo em um mundo que não corresponde mais a bipartição entre tradição e modernidade, conforme muitas vezes apresenta a bibliografia sobre os imigrantes japoneses.

Portanto, a trajetória e presença dos Nikkei no município de Uberlândia, suas representações e posições quanto à dinâmica associativa, suas mediações no intuito de promover o que concebem, muito pessoal e subjetivamente, como cultura japonesa, não podem ser desvinculadas do panorama histórico da imigração japonesa no Brasil. As características culturais japonesas referidas à disciplina, postura, labor, responsabilidade,

cortesia, respeito à autoridade, patriarcalismo, submissão feminina e conservadorismo nem sempre determinam os discursos e práticas da presença japonesa no município. Mas os Nikkei marcam presença cotidianamente. Ainda que não sejam homogêneos, os Nikkei se posicionam quanto à representação que fazem de sua herança cultural. Sua presença pode ser notada aos relances de pequenas manifestações coletivas ou ainda por projetos pessoais de alguns atores sociais.

A Associação Nikkei de Uberlândia, com um projeto coletivo (mesmo que restrito a algumas famílias) parece buscar novas configurações e dinâmicas para que possa sobreviver. Sua busca por uma reconfiguração e criação de novos laços com outros atores/instituições sociais pode ser um elemento indicativo de que as formas de mediação promovidas por vínculos associativos precisem se reconfigurar tanto quanto os processos identitários.

Ainda que os Nikkei não-associados detenham outra dinâmica, voltada mais ao alcance de objetivos pessoais mediados por ideias coletivas, eles não ficam atrás da Associação em termos de relevância. Também marcam presença e figuram papéis importantes no cenário Nikkei Uberlandense, ainda que seus interesses, por vezes, entrem não coincidam para a criação dos vínculos associativos *stricto sensu*.

A passagem do crisântemo ao ipê, apresentada ao longo dos capítulos dessa dissertação certamente foi árdua para esses imigrantes japoneses. Sua saída do Japão até a chegada em solo brasileiro, marca trajetórias diversas e a integração à sociedade brasileira. Mesmo que numericamente inexpressiva quando comparada a São Paulo, a imigração japonesa em Minas Gerais teve seu impacto subestimado e merece os esforços dessa e outras pesquisas.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, C. *100 anos da imigração japonesa*. Sociologia, São Paulo, n. 17, p. 18-23, 2008.

ANDERSON, B. *Imagined communities: reflections on the origin and spread of nationalism*. London: Verso, 1983.

ASSUNÇÃO, V. K. Alimentação e sociabilidade: apontamentos a partir e além da perspectiva simmeliana. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, EDUFSC, Volume 43, Número 2, p. 523-535, 2009

BARBOSA, L. *Modalidade esportiva estimula 3ª idade*. In: CORREIO DE UBERLÂNDIA, 21/05/2008. Disponível em: <<http://www2.correiodeuberlandia.com.br/imprimirMateria.php?tid=20188&pubDate=2006-08-06>>. Acesso em: 22 dez 2011.

BARRAL, É. *Otaku: os filhos do virtual*. Tradução de Maria Teresa Van Acker. São Paulo: SENAC, 2000.

BARRETO, A. S. Ainda estrangeiros ou quase-cidadãos? Desafios e possibilidades do associativismo brasileiro. In: MIANI, A. M. M. *La prroducción del conocimiento y los desafios (in) sostenibles*. Barcelona: APEC, 2008. p. 1-10.

_____. Associativismos, mediação e cultura: fazendo política longe de "casa". X *Encontro Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais: sociedades desiguais e paradigmas dos confrontos*. BRAGA: Editora Universidade do Ninho, 2009.

_____. Entre a política e a cultura: associativismo imigrante em Portugal. In: MALAMUD, A.; FLÓREZ, F. C. *Migrações, coesão social e governação*. Perspectivas Euro-Latino-Americanas. Lisboa: ICS- Imprensa de Ciências Sociais, 2011.

BARTH, F. *Ethnic Groups and Boundaries: the Social Organization of Culture Difference*. Boston: Little Brown and Company, 1969.

BASSANEZI, M. S. C. B.; TRUZZI, O. M. S. Plantadores do futuro: japoneses em São Paulo na primeira metade do Século XX. In: IBGE; *Resistência & Integração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. Organizado por: Célia Sakurai e Magda prates Coelho.

BELTRÃO, K. J; SUGAHARA, S. KONTA, R. “Vivendo no Brasil: características da população de origem japonesa”. In: IBGE; *Resistência & Integração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. Organizado por: Célia Sakurai e Magda prates Coelho.

BENEDICT, R. [1948]. *O crisântemo e a espada: padrões da cultura japonesa*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BORN, T. T. A chamada terceira idade entre os Nikkeis no Brasil. In: III COPANI. *O Nikkei e sua americanidade*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1986.

BOSCHI, R. *A arte da associação, política e Democracia no Brasil*. São Paulo: Vértice, 1987.

_____. *Movimentos coletivos no Brasil urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

BOTT, E. [1957]. *Família e rede social: papéis, normas e relacionamentos externos em famílias urbanas comuns*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

CARDOSO, R. C. L. [1972] *Estrutura familiar e mobilidade social: estudo dos japoneses no Estado de São Paulo*. Tradução de Masato Ninomiya. São Paulo: Primus Comunicação, 1995.

- CASTRO, C. Comentários. In: VELHO, G. KUSCHNIR, K. *Mediação, Cultura e Política*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.
- CASTRO, M. G. Identidades, Alteridades, Latinidades. *Caderno CRH*, Salvador, n 32, p. 11-29, jan./jun., 2000.
- CEFAÏ, D.; VEIGA, F. B.; MOTA, F. R. 2011. Introdução. In: CEFAÏ, D.; MELLO, M. A. S.; VEIGA, F. B.; MOTA, F. R. *Arenas Públicas: por uma etnografia da vida associativa*. Niterói: EDUFF, 2011.
- CEPES. *População Residente do Município de Uberlândia - MG*. Universidade Federal de Uberlândia (Centro de Estudos, Pesquisas e Projeto Econômicos-Sociais). Uberlândia. 2003.
- CHAPOULIE, J-M. Hugues et la tradition de Chicago. *Le regard sociologique. Essais choisis*. Paris: L'École de Hautes Études em Sciences Sociales, 1996. pp. 13-97.
- CLEMENTE, C.C.; BERNARDO, T.; *Diásporas, Redes e Guetos: conceitos e configurações no contexto transnacional*. São Paulo: Edusp, 2008.
- CLIFFORD, J. MARCUS, G. E. *Writting Culture: the poetics and politics of Ethnography*. California: University of California, 1986.
- COHEN, A P. *The construction of community*. London: Tavistock, 1985.
- CORDEIRO, G. I.; COSTA. A. F. da. Bairros, contexto e intersecção. In: VELHO, G. *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- DAIGO, M. *Pequena história da imigração japonesa no Brasil*. São Paulo: Assoc. Centenário da Imigração Japonesa no Brasil, 2008.

DAMATTA, R. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1977.

_____. Você tem cultura? In: _____, *Ensaio de sociologia interpretativa*. Rio de Janeiro: Rocco; 1986a.

_____. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco; 1986b.

DEBERT, G. G. Problemas relativos à utilização da História Oral. In: DURHAM, E. R. et al. *A aventura antropológica*. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

DURHAM, E. R. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In: _____ et al. *A aventura antropológica*. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

DURKHEIM, E. *Émile Durkheim*. 8.ed. São Paulo: Ática, 1998.

DUTRA, R. C. A. *Família e Redes Sociais: um estudo sobre práticas e estilos alimentares no meio urbano*. Rio de Janeiro, 2007. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. *Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ENGELS, F. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo, 2008.

EPSTEIN, A. L. The network and urban social organization. In: MITCHELL, J. C. *Social Networks in Urban Situations*. Manchester: Manchester University Press, 1969.

FAZITO, D. Dois aspectos fundamentais do “retorno”: símbolos e topologias dos processos de migração e sua circularidade. In: *IV Encontro Nacional sobre Migrações*, GT de Migração, 2005, Rio de Janeiro. Home Page da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 2005.

FEATHERSTONE, M. *Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

FELDMAN-BIANCO, B. Saudade, imigração e a construção de uma nação (portuguesa) desterritorializada. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 9, n. 1, p. 35-49, jan./jul. 1992.

_____. Reconstruindo a saudade portuguesa em vídeo: histórias orais, artefatos visuais e a tradução de códigos culturais na pesquisa etnológica. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 1, n.2. jul./set. 1995.

_____. Identidades. In: _____; CAPINHA, G. *Identidades. Estudos de cultura e poder*. São Paulo: Hucitec: 2000. p 13-19.

_____. *Nações e Diásporas: estudos comparativos entre Brasil e Portugal*. Campinas: Ed. Unicamp, 2010.

FERNANDES, A. *Cresce a concorrência na culinária japonesa*. In: CORREIO DE UBERLÂNDIA. 06/11/2011. Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/cresce-a-concorrencia-na-culinaria-japonesa/>> Acesso em: 10/12/2011.

FREYRE, G. [1933] *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 11.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

FUKUMOTO, M. Americanidad de los “Nikkei” em las Americas. In: III COPANI. *O Nikkei e sua americanidade*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1986.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GIUMBELLI, E. Para além do "trabalho de campo": reflexões supostamente malinowskianas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.17, n.48, São Paulo Feb. 2002

GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. [1963]. *Estigma: notas sobre a manipulação da Identidade Deteriorada*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

HALL, S. *Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. The question of cultural identity. In: *THE POLITY reader in cultural theory*. Cambridge: Polity, 1994. p. 119-125.

HANDA, T. *O imigrante japonês: a história da sua vida no Brasil*. São Paulo: T A Queiroz, 1987.

HAMMERSLEY, M.; ATKINSON, P. *Ethnography: principles in practice*. London: Routledge, 1995.

HOBBSBAWM, E.; RANGER, T. *The invention of tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

HOLANDA, S. B. [1936] *Raízes do Brasil*. 26.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

III COPANI. *O Nikkei e sua americanidade*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1986.

IZUMI, S. *A estrutura psicológica da colônia japonesa no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1972.

JAPONESA., S. B. D. C. *Uma epopéia moderna: 80 anos de imigração japonesa*. São Paulo: HUCITEC, 1992.

JORNAL10. *Edital de Convocação Assembléia Geral Extraordinária*. Uberlândia, 27 de Setembro de 2011.

KEHDY, M. O.; SILVA, D.M.; *A presença Japonesa em Minas Gerais: imigração e investimento (1908-2008)*. Belo Horizonte: Associação Mineira de Cultura Nipo-brasileira, 2010.

KISHIMOTO, A.; HIKIJI, R. S. G. Nikkeis no Brasil, de kasseguis no Japão: identidade e memória em filmes sobre migrações. *Revista USP*, n.79, São Paulo set./nov. 2008

KODAMA, K.; SAKURAI, C. Episódios da imigração: um balanço de 100 anos. In: IBGE *Resistência e imigração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

KUSCHNIR, K. *O cotidiano da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

LESSER, J. *A negociação da identidade cultural: Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2001.

_____. *Japanese, Brazilians, Nikkei: A short History of Identity Building and Homemaking*. In: _____ *Searching for home abroad: japanese brazilians and transnationalism*. Minneapolis: Duke University, 2003. p. 5-20.

_____. *Uma diáspora descontente: Os nipo-brasileiros e os significados da militância étnica 1960-1980*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

LÉVI-STRAUSS, C. O triângulo culinário. In: SIMONIS, Yvan. *Introdução ao estruturalismo: Claude Lévi-Strauss ou “a paixão do incesto”*. Lisboa: Moraes, 1979.

_____. *O cru e o cozido*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

LIMA, A. P.; SARRÓ, R. Já dizia Malinowski: sobre as condições e possibilidades da produção etnográfica. In: _____ *Terrenos Metropolitanos: ensaios sobre produção etnográfica*. Lisboa: ICS, 2006. p. 17-34.

LUYTEN, S. B. *Cultura Pop Japonesa: animê e mangá*. São Paulo: Hedra, 2005.

MACIEL, M. E. Cultura e alimentação ou o que têm a ver os macaquinhos de Koshima com Brillat-Savarin?. *Horizontes Antropológicos*, vol.7,n.16, Porto Alegre, Dezembro 2001

MAFESOLI, M. *Cultura e comunicação juvenis*. Comunicação, Mídia e Consumo. São Paulo, v2.n4, 11-27 jul,2005.

MAGNANI, J. G. C.; TORRES, L. L. *Na Metrópole: textos de antropologia urbana*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2000.

MALINOWSKI, B [1922]. Os Argonautas do Pacífico Ocidental. In: DURHAM, E. *Malinowski*. São Paulo: Ática, 1986.

MENDES, D. Gatebol une a comunidade japonesa. In: CORREIO DE UBERLÂNDIA, 13/06/2008.
Disponívelem:<http://www2.correiodeuberlandia.com.br/texto/2008/06/15/29968/gatebol_une_a_comunidade_japonesa.html>. Acesso em: 22 dez 2011.

MENDES, B. C.; GIBO, R. H. Turismo e os jovens nikkeis. *Caderno Virtual de Turismo*, vol.10, n.3, 2010.

- MITCHELL, J. C. *Social Networks in Urban Situations*. Manchester: Manchester University Press, 1971.
- MIYADAHIRA, A. M. K. et al. *Encontros e memórias: a inserção nikkei na USP e na sociedade brasileira*. São Paulo: USP/EE/FFLCH, 2009. v. 1. 360 p.
- MONTERO, P. Globalização, identidade e diferença. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, p. 47-64, 1998.
- MONTESINOS, E. G. Las asociaciones de inmigrantes como espacios plurales de organización: el caso de las asociaciones de indígenas ecuatorianos de cañar en la región de Murcia. *Congreso Latinoamericano y Caribeño de Ciencias Sociales (CLACSO)*. Quito: [s.n.]. 2007. p. 1-11.
- MORI, H. *Immigration policy and foreign workers in Japan*. Londres: St. Martin, 1997.
- NAGADO, A. *Almanaque da Cultura Pop Japonesa*. São Paulo: Via Lettera, 2007.
- NAKAGAWA, H. *Introdução à cultura japonesa: Ensaio de antropologia recíproca*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- NAKAMAKI, H. Mutações Contemporâneas de Religiões Japonesas: Principalmente o Budismo no Brasil e nos Estados Unidos. *Senri Ethnological Reports*, Osaka, p. 87-112, 1994.
- NAKAMOTO, H. O. *Significados do taikô no Instituto Cultural Nipo Brasileiro de Campinas*. Dissertação (Mestrado – Unicamp). Campinas, 2010.
- NAKASATO, O. *Nihonjin*. São Paulo: Benvirá, 2011.

NINOMIYA, M. O centenário do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre Brasil e Japão. *Revista USP*, São Paulo, p. 245-250, dez./fev. 1995/1996.

_____. O tradicional e o moderno na educação dos filhos de imigrantes japoneses. In: IBGE; *Resistência & Integração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. Organizado por: Célia Sakurai e Magda Prates Coelho.

ODA, E. Interpretações da “Cultura Japonesa” e seus reflexos no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol.36,n.75, Fevereiro, 2011

OLIVEIRA, A. C. *Japoneses no Brasil ou brasileiros no Japão*. XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP. Outubro, 2009. pp.799-818.

ORTIZ, R. *Um outro território: ensaios sobre a mundialização*. São Paulo: Editora Olho D'água, 1997.

PARTICIPADÃO. *Prefeito Japonês nasceu em Uberlândia*. Ano I. n.7. Abril de 1985.

PEREIRA, N. O. M.; OLIVEIRA, L. A. P. Trajetória dos imigrantes japoneses no Brasil: Censo Demográfico 1920/2000. In: IBGE *Resistência e integração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. p. 33-53.

PIERUCCI, A. F. Ciladas da diferença. *Tempo Social*, São Paulo, n.2, vol.2. 1990.

POLLAK, M. Memória, esquecimento e silêncio. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, CpDoc/FGV, n.3, 1989.

POLO, M. [1299]. *As viagens "Il Milione"*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

REIS, F. *Paiz a organizar*. Rio de Janeiro: A. Coelho Branco F., 1931.

- REIS, R.R. Soberania, direitos humanos e migrações internacionais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 19, n. 55, jun. 2005.
- ROCK, P. Symbolic Interacionism and Ethnography. In: Atkinson, Paul et al.; *Handbook of Ethnography*. London: Sage Publications, 2007.
- ROTH, J. H. Urashima Taro's Abiguating Practices: The significance of Overseas voting rights for elderly Japanese Migrants to Brazil. In: LESSER, J. Searching for home abroad: japanese brazilians and transnationalism. Minneapolis: Duke University, 2003. p. 103-120.
- SADER, E. Quando novos personagens entram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-1980). São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- SAID, E. W. Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SAITO, T. Brasileiros e japoneses, confronto de identidade. In: III COPANI. *O Nikkei e sua americanidade*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1986.
- SAKURAI, C. *Os Japoneses*. São Paulo: Contexto, 2008.
- SARDINHA, J. M. S. *Cape Verdean Associations in the Metropolitan Area of Lisbon: their role in integrations*. Sussex Centre for Migration Research. Lisboa: [s.n.] 2005. Working Paper 26.
- SASAKI, E. A imigração para o Japão. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 20, n. 57, p. 99-117, May/Ago 2006.
- SASAKI PINHEIRO, E. P. *Ser ou não ser japonês? A construção da identidade dos brasileiros descendentes de japoneses no contexto das migrações internacionais do Japão contemporâneo*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais – Unicamp), 2009.

SATO, C. *Cultura pop Japonesa*. São Paulo: NSP-Hakkosha, 2007.

SCHERER-WARREN, I.; LÜCHMANN, L.H.H.; Situando o debate sobre movimentos sociais e sociedade civil no Brasil. *Política e Sociedade*, n.5, outubro de 2004.

SEYFERTH, G. *Imigração e Cultura no Brasil*. Brasília: UNB, 1990.

_____. Imigração, preconceitos e os enunciados subjetivos dos etnocentrismos. In: *Travessia*, São Paulo, v.51, 2005.

_____. A assimilação dos imigrantes como questão nacional. In: *Mana: estudos de antropologia social*. Rio de Janeiro, v.3, n.1, 1997.

SILVA, A. P.; PFEIFER, A. A. *Álbum de Figurinhas de Uberlândia*. Uberlândia: Nobel, 2010.

SILVA, F. *Ensaio sobre o trabalho de campo restrito*. Urutágua, Maringá, n. 18, p. 10, maio/ago. 2009a.

_____. *Otakus Uberlandenses* - Etnografia de circuitos no município de Uberlândia - MG. Caderno de Resumos - VIII Graduação em Campo. São Paulo: Edusp. 2009b.

_____. *Circuitos de Cultura Jovem Japonesa em Uberlândia*. XVII Simpósio Internacional de Iniciação Científica USP. São Paulo: EDUSP. 2009c.

_____. *Otaku: a experiência do pop japonês*. Uberlândia. 2010. (Monografia de Graduação - Universidade Federal de Uberlândia).

SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, O. G. *O fenômeno urbano*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

_____. Sociologia da refeição. *Estudos Históricos*, 33: Rio de Janeiro, 2004

SUZUKI, T. A imigração japonesa no Brasil. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, 1995. 57-65.

TAKEUCHI, M. Y. *O Perigo Amarelo: Imagens do Mito, Realidade do Preconceito (1920-1945)*. Dissertação de Mestrado (História – FFLCH-USP), 2004.

_____. *Japoneses: a saga do povo do sol nascente*. São Paulo, Lazuli Editora, 2007.

TISAKA, M. Introdução. In: III COPANI. *O Nikkei e sua americanidade*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1986.

TÖNNIES, F. Comunidade e Sociedade. In: MIRANDA, O. *Para ler Ferdinand Tönnies*. São Paulo: Edusp, 1995.

TRAVASSOS, S. D. *Capoeira. Difusão e metamorfose culturais entre o Brasil e os EUA*. Tese de doutorado (PPGAS-UFRJ) - Rio de Janeiro, Museu Nacional/UFRJ, 2000.

TSUDA, T. Homeland-less Abroad: Transnational Liminality, Social Alienation, and Personal Malaise. In: LESSER, J. *Searching for home abroad: japanese brazilians and transnationalism*. Minneapolis: Duke University, 2003. p.121-161

USARSKI, F. *Declínio do budismo "amarelo" no Brasil*, São Paulo, v. 20, p. 133-153, nov 2008.

VELHO, G. O antropólogo pesquisando em sua cidade: sobre conhecimento e heresia. In: *O desafio da cidade: novas perspectivas da antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

_____. Memória, identidade e projeto. In: _____; *Projeto e metamorfose. Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

_____. Individualismo e Cultura. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. Biografia, trajetória e mediação. In: _____; KUSCHNIR, K. *Mediação, cultura e política*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

_____. Projeto e Metamorfose: Antropologia das sociedades complexas. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. Antropologia Urbana: Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

VELHO, G. KUSCHNIR, K. *Mediação, Cultura e Política*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

VIANNA, F. J. O. *Raça e Assimilação*. São Paulo: Companhia Nacional, 1932.

VILELA, E. M. *Sírios e Libaneses: redes sociais, coesão e posição de status*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol26, n.76, jul/ 2001.

WACQUANT, L. *Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WEBER, M. *Economia e Sociedade*. Brasília: Unb, 1991.

WEDIG, J. C.; MARTINS; V. S. MENASCHE; R. Plantar, criar, comer: classificações da comida e das pessoas no interior de famílias rurais. *Fazendo Gênero 8- Corpo Violência e Poder*. Agosto de 2008.

- WIEVIORKA, M. *Une société fragmentée? Le multiculturalisme en débat*. Paris: La Découverte, 1996.
- WIRTH, L. [1938]. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, O. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1973.
- WHITE, M. *Desafio Educacional Japonês*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- WOORTMANN, K. *A comida, a família e a construção do gênero feminino*. Série Antropologia. Brasília: Ed. 50, 1985.
- WOORTMANN, E. F. *Japoneses no Brasil/Brasileiros no Japão: tradição e modernidade*. Republicado em Revista de Antropologia da USP, vol. 30, pp. 7-36. São Paulo: EDUSP, 1995.
- YULE, H. CORDIER, H. [2004]. *The Travels of Marco Polo*. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/etext/10636>>. Acesso em: 22 jul 2009.

ANEXOS

Anexo I – Roteiro de entrevista

1 – Identificação

Nome

Possui nome japonês ou de família

A ascendência japonesa é por parte de pais ou avós?

Reside em Uberlândia há quanto tempo

Estado Civil

Filhos

Profissão

2 – Trajetória

Como a família chegou ao Brasil?

Vieram direto para Uberlândia?

Como a família chegou a Uberlândia?

Qual o motivo de ter saído da região de origem?

Qual o motivo de ter vindo a Uberlândia?

Qual a profissão dos pais? O que eles faziam? Onde trabalhavam? Em quê trabalhavam?

Você estudou? Como foi a trajetória na escola? Como você iniciou os estudos? Em casa ou escola?

Fala japonês? Escreve?

Como foi a adaptação ao município?

Como é a convivência com a cultura brasileira? Ao longo da sua vida, como você enxerga a cultura japonesa e a brasileira? Como foi esse processo de assimilação da cultura brasileira? Tanto na escola, quanto no trabalho.

O fato de ser descendente de japonês, na sua opinião, influenciou de alguma maneira a sua trajetória de vida?

3 – Relação com outros descendentes

Mantém vínculos com outros descendentes de japoneses no município?

Como é a relação com outros descendentes?

Como se conheceram?

Participa de alguma associação?

Conheceu a associação local?

Fez parte da associação local? Se não, por quê? Se sim, como funcionava?

Acha importante os descendentes se organizarem e se associarem?

4 – Relação com o município e a cultura japonesa

Na sua opinião, há valorização da cultura japonesa ou de seus descendentes no município?

Acha que o município oferece condições para realização de eventos de cultura japonesa?

O que falta para melhorar as relações entre descendentes de japoneses no município?

Poderia indicar um outro descendente ou família importante em Uberlândia que poderia contribuir com a pesquisa?